



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE SERGIPE

revista  
tempos e espaços  
em educação

Volume 12, número 28, janeiro/março, 2019

ISSN: 2358-1425 (versão online)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**REITOR**

Angelo Roberto Antonioli

**VICE-REITORA**

Iara Maria Campelo Lima

**Débora Santos Santana**

CAPA

**Adilma Menezes**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

**Contato Principal**

E-mail: [revtee.ppged@gmail.com](mailto:revtee.ppged@gmail.com)

Alfrancio Ferreira dias

E-mail: [diasalfrancio@gmail.com](mailto:diasalfrancio@gmail.com)

Fábio Zoboli

E-mail: [zobolito@gmail.com](mailto:zobolito@gmail.com)

**Apoio:**

Programa de Estímulo ao Aumento da Efetividade dos Programas de Pós-Graduação  
em Sergipe – PROEF

Acordo Capes - FAPITEC

# REVISTA TEMPOS E ESPAÇOS EM EDUCAÇÃO

Revista Quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil, v. 12, jan./mar. 2019.

ISSN: 2358-1425.

A REVISTA TEMPOS E ESPAÇOS EM EDUCAÇÃO é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, dedica-se à publicação de dossiês temáticos, artigos acadêmico-científicos, resenhas, conferências e comunicações, fomentando e facilitando o intercâmbio acadêmico no âmbito nacional e internacional. É dirigida a professores e pesquisadores, assim como a estudantes pós-graduação das áreas das Ciências Humanas.

Áreas de interesse - História, Sociedade e Pensamento Educacional; Formação de Educadores; Educação e Movimentos Sociais; Educação Ambiental; Educação e Comunicação; Educação, Práticas Culturais e Escolares.

Os trabalhos assinados e conteúdos dos artigos são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, desde que devidamente citada a fonte. Solicita-se permuta.

## Editor-chefe

**Alfrancio Ferreira Dias**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

## Editores-executivos

**Eduardo Galak**, Universidad Nacional de La Plata - Argentina

**Fabio Zoboli**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

## Comitê Editorial

**Alfrancio Ferreira Dias**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Eduardo Galak**, Universidad Nacional de La Plata - Argentina

**Fabio Zoboli**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

## Conselho Editorial Nacional

**Dra. Ana Paula de Araujo Cunha**, Instituto Federal Sul-Rio-grandense - IFSul, Brasil

**Carla Jeane Helfemsteller Coelho**, Universidade Tiradentes – UNIT

**Claudio Pinto Nunes**, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

**Cristiano Ferronato**, Universidade Tiradentes – UNIT

**Écio Antônio Portes**, Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ

**Beti Elisabete Cerutti**, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Frederico Westphalen, Brasil

**Fabio Zoboli**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Ione Ribeiro Vale**, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

**Iran Abreu Mendes**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

**Iraquitam Caminha de Oliveira**, Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**Jeane Felix**, Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**Joanice Conceição**, Universidade Federal Fluminense - UFF, Brasil

**Joaquim Tavares Conceição**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Marli Andre**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP

**Marta Maria de Araújo**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Nelio Bizzo**, Universidade de São Paulo – USP

**Neide de Melo Aguiar Silva**, Universidade Regional de Blumenau - FURB

**Rosana Carla Nascimento Givigi**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Renato Izidoro da Silva**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Simone Amorim**, Universidade Tiradentes

**Simone De Lucena Ferreira**, Universidade Federal de Sergipe - UFS

**Sandra Duarte de Souza**, Universidade Metodista de São Paulo - UMESP

## Conselho Editorial Internacional

**Prof. José Paulo Brazão**, Universidade da Madeira, Portugal

**Alain Coulon**, Université Paris 8, França

**Claúdia Broitman**, Universidade Nacional de La Plata, Argentina

**Bernard Charlot**, Université Paris 8, França/NPGED-UFS

**Alberto da Silva**, Université Paris-Sorbonne, França

**Alexandra Okada**, Open University, Inglaterra

**Jesus Maria de Sousa**, Universidade da Madeira, Portugal

**João Carlos Relvão Caetano**, Universidade Aberta de Portugal

**José Eduardo Franco**, CLEPUL / Universidade de Lisboa, Portugal

**Margarida Louro Felgueiras**, Universidade do Porto, Portugal

**Patrícia Sá**, Universidade de Aveiro - UA, Portugal

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

**Angelo Roberto Antonioli**  
REITOR

**Iara Maria Campelo Lima**  
VICE-REITORA

**Marcus Eugênio Oliveira Lima**  
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

**Prof. Dr. Alfrancio Ferreira Dias**  
COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

### Correspondências e assinaturas:

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe  
Editores: Prof. Dr Alfrancio Ferreira Dias e Prof. Dr. Fabio Zoboli  
Cidade Universitária José Aloísio de Campos  
Avenida Marechal Cândido Rondon, S/N. Didática II, 1º andar.  
CEP: 49000-000 – São Cristóvão – SE Tel: (79) 2105 6856  
E-mail: ppged.ufs@gmail.com Homepage: <http://www.posgraduacao.ufs.br/npged>

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

---

Revista Tempos e Espaços em Educação / Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. – Vol. 12, n. 28 (jan./mar. 2019) - . – São Cristóvão : Editora UFS, 2011-

Quadrimestral

ISSN 2358-1425 (online)

1. Educação. 2. Professores – Formação. I. Universidade Federal de Sergipe. Núcleo de Pós-Graduação em Educação.

CDU 37

---

Esta Revista é integrante da Plataforma dos Periódicos Eletrônicos/UFS ([www.posgrap.ufs.br/periodicos](http://www.posgrap.ufs.br/periodicos)) e conta com o apoio institucional da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe.

### Política Editorial

A Revista Tempos e Espaços em Educação é uma Revista semestral do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, com contribuições de autores do Brasil e do exterior. Publica trabalhos em educação e ciências humanas sob a forma de artigo, relato de pesquisa e resenha de livro.

### Indexação

LATINDEX – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal;

REDIB – Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico

REVISTAS SEER – Sabe de cadastro das revistas científicas brasileiras que utilizam o SEER/OJS;

SUMÁRIOS.ORG – Sumários de Revistas Brasileiras;

DIADORIM – Diretório de Política de Acesso Aberto das Revistas Científicas Brasileiras - IBICT.

DOAJ – Directory of Open Access Journals

GOOGLE SCHOLAR

PERIÓDICOS CAPES

BBE – Bibliografia Brasileira de Educação (Brasil, Cibec/Inep/MEC)

WEB OF SCIENCE

LIVRE

Actualidad Iberoamericana

Pede-se permuta

Se pide canje

We ask for exchange

On demande l'échange

Man bittet um Austausch

Si richiede lo scambio



NÚMERO TEMÁTICO: O QUE PODE UM CORPO: PERSPECTIVAS SOBRE A CORPORALIDADE NA TRANSMISSÃO DE PRÁTICAS E SABERES		
APRESENTAÇÃO O QUE OS CORPOS (DIZEM QUE) PODEM	11	<i>Eduardo Galak Antonio Donato Leonardo Tonelli</i>
PRAKTOGNOSIA: ECOSOPHICAL REMARKS ON HAVING A BODY	15	<i>Gianluca De Fazio Paulo F. Lévano</i>
POR UNA EPISTEMOLOGÍA DE LA IMAGEN- MOVIMIENTO DEL CUERPO. HOMOGENEIZACIÓN, UNIVERSALIZACIÓN, ESTÉTICA Y POLÍTICA DE LO CORPORAL	33	<i>Eduardo Galak</i>
A RESISTÊNCIA DO CORPO	49	<i>Antonio Donato Leonardo Tonelli</i>
A PHYSICAL CULTURAL STUDIES PERSPECTIVE ON PHYSICAL (IN)ACTIVITY AND HEALTH INEQUALITIES: THE BIOPOLITICS OF BODY PRACTICES AND EMBODIED MOVEMENT	63	<i>Simone Fullagar</i>
LA FORMAZIONE DELL'IDENTITÀ CORPOREA FEMMINILE NELLE PRATICHE SPORTIVO-MOTORIE OGGI: PER UNA PARITÀ DI GENERE	77	<i>Mirca Benetton</i>
FARE ESPERIENZA DELLE POSSIBILITÀ DEL CORPO MEDIANTE LA CONTACT IMPROVISATION DANCE	95	<i>Alessandro Bortolotti Martina Delprete</i>
PRÁTICAS CORPORAIS NA SAÚDE: POR UMA PEDAGOGIA DA DIFERENÇA NA APRENDIZAGEM DA SAÚDE E DA VIDA	111	<i>Alessandra Xavier Bueno Alcindo Antônio Ferla Giliane Dessbesell</i>
CORPO, CONSUMO E BIOIDENTIDADES: TRAJETÓRIA DE PESQUISA E PERSPECTIVAS ANALÍTICAS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO SAUDÁVEL	127	<i>Ivan Marcelo Gomes</i>
DEMANDA CONTÍNUA		
UMA ANÁLISE SOBRE A TRAJETÓRIA E A FORMAÇÃO DE FORMADORES DO PROGRAMA ESPORTE E LAZER DA CIDADE (PELC)	141	<i>André Henrique Chabaribery Capi Hélder Ferreira Isayama</i>

- INTERSETORIALIDADE NA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: OPORTUNIDADES E LIMITES NA AÇÃO DOS CONSELHOS MUNICIPAIS 165 *Wagner José de Aguiar*  
*Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa*
- DESENVOLVIMENTO DE EXERGAMES POR PROFESSORES NÃO PROGRAMADORES: UMA METODOLOGIA ATIVA DE APRENDIZAGEM PARA O AMBIENTE SCRATCH 185 *Luciano Kercher Greis*  
*Kamyla Thais Dias de Freitas*  
*Fernando Luiz Cardoso*
- TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: INVESTIGANDO EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS MÍDIA-EDUCATIVAS NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) 199 *Galdino Rodrigues de Sousa*  
*Eliane Medeiros Borges*
- PRÁTICAS EDUCATIVAS NO CAMPO SOCIOAMBIENTAL: ESTRATÉGIA DIALÓGICA ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE NO CONTEXTO AMAZÔNICO 217 *Maria das Graças da Silva*
- CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE: UMA ANÁLISE DE REVISTAS DE EDUCAÇÃO DA BAHIA 233 *Osni Oliveira Noberto da Silva*  
*Michael Daian Pacheco Ramos*  
*Theresinha Guimarães Miranda*  
*Miguel Angel Garcia Bordas*
- DIVULGA SAÚDE COLETIVA: ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO PARA INSERÇÃO PROFISSIONAL DO BACHAREL EM SAÚDE COLETIVA 249 *Henrique da Silva Domingues*  
*Ana Paula Cappellari*  
*Cristianne Maria Famer Rocha*  
*Natalia Silva Pires*  
*Rosane Machado Rollo*
- ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: RUPTURAS COM A EDUCAÇÃO INFANTIL OU ACOLHIMENTO DAS INFÂNCIAS? 263 *Fernanda Theodoro Roveri*
- EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE PROPORCIONADA AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA 279 *Adriana de Souza Natividade*  
*Jadson Justi*  
*Corina Fátima Costa Vasconcelos*
- A ESCOLA DE APRENDIZES MARINHEIROS NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS (1861-1889) 295 *Hardalla Santos do Valle*  
*Giana Lange do Amaral*
- APROPRIAÇÕES CURRICULARES NA REDE MUNICIPAL DE SERRA/ES 307 *Amarilton Cesar Nascimento Lima*  
*Felipe Quintão de Almeida*
- “EU TENHO VERGONHA EM DIZER QUE SOU NEGRA, NINGUÉM GOSTA, NÉ”? AS CRIANÇAS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ITAPETINGA-BA 323 *José Valdir Jesus de Santana*  
*Joanne Oliveira Dias*  
*Reginaldo Santos Pereira*  
*Adenilson Souza Cunha Júnior*

NÚMERO TEMÁTICO: O QUE PODE UM CORPO: PERSPECTIVAS SOBRE A CORPORALIDADE NA TRANSMISSÃO DE PRÁTICAS E SABERES

PRAKTOGNOSIA: COMENTÁRIOS ECOSSÓFICOS EM TER UM CORPO PRAKTOGNOSIA: REMARQUES ECOSOPHIQUES SUR LE CORPS	15	<i>Gianluca De Fazio Paulo F. Lévano</i>
POR UMA EPISTEMOLOGIA DA IMAGEM-MOVIMENTO DO CORPO. HOMOGENEIZAÇÃO, UNIVERSALIZAÇÃO, ESTÉTICA E POLÍTICA DO CORPORAL FOR A CORPORAL EPISTEMOLOGY ON IMAGE-MOVEMENT. HOMOGENIZATION, UNIVERSALIZATION, AESTHETICS AND POLITICS OF THE BODIES	33	<i>Eduardo Galak</i>
LA RESISTENCIA DEL CUERPO THE RESISTANCE OF THE BODY	49	<i>Antonio Donato Leonardo Tonelli</i>
UNA PERSPECTIVA DE LOS ESTUDIOS FISICO CULTURALES SOBRE LA (IN) ACTIVIDAD FÍSICA Y LAS DESIGUALDADES EN LA SALUD: LA BIOPOLÍTICA DE LAS PRÁCTICAS CORPORALES Y EL MOVIMIENTO INCORPORADO UMA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS FÍSICOS A (IN)ATIVIDADE FÍSICA E AS DESIGUALDADES EM SAÚDE: A BIOPOLÍTICA DAS PRÁTICAS CORPORAIS E DO MOVIMENTO INCORPORADO	63	<i>Simone Fullagar</i>
LA FORMATION DE L'IDENTITÉ DU CORPS FÉMININ DANS LES PRATIQUES SPORT-MOTORIALES AUJOURD'HUI: POUR L'ÉGALITÉ DES SEXES DEVELOPMENT OF FEMALE BODILY IDENTITY IN SPORT AND PHYSICAL EXERCISE TODAY: WITH GENDER EQUALITY IN VIEW.	77	<i>Mirca Benetton</i>
EXPERIENCE DES POSSIBILITES DU CORPS PAR LA DANSE D'IMPROVISATION DE CONTACT EXPERIMENTE LAS POSIBILIDADES DEL CUERPO POR LA DANZA DE IMPROVISACIÓN DE CONTACTO	95	<i>Alessandro Bortolotti Martina Delprete</i>
BODY PRACTICES IN HEALTHCARE: FOR A PEDAGOGY OF DIFFERENCE IN HEALTH PRÁCTICAS CORPORALES Y SALUD: POR UNA PEDAGOGÍA DE LA DIFERENCIA EN EL APRENDIZAJE DE LA SALUD Y LA VIDA	111	<i>Alessandra Xavier Bueno Alcindo Antônio Ferla Gilliane Dessbesell</i>
CUERPO, CONSUMO Y BIOIDENTIDADES: TRAJETORÍA DE INVESTIGACIÓN Y PERSPECTIVAS ANALÍTICAS EN LA FORMACIÓN DEL INDIVIDUO SALUDABLE BODY, CONSUMPTION AND BIOIDENTITIES: ANALYTICAL RESEARCH TRAJECTORY AND PERSPECTIVES IN THE TRAINING OF THE HEALTHY INDIVIDUAL	127	<i>Ivan Marcelo Gomes</i>
DEMANDA CONTÍNUA		
AN ANALYSES ON THE CAREER OF THE GROUP OF TRAINERS OF THE SPORTS AND LEISURE OF THE CITY PROGRAM (PELC) UN ANÁLISIS SOBRE LA TRAJETORIA Y LA FORMACIÓN DE FORMADORES DEL PROGRAMA DEPORTE Y OCIO DE LA CIUDAD (PELC)	141	<i>André Henrique Chabaribery Capi Hélder Ferreira Isayama</i>
INTERSECTORIALITY ON FIELD EDUCATION POLICY: OPORTUNITIES AND LIMITS IN ACTION OF THE MUNICIPAL COUNCILS INTERSECTORIALIDAD EN LA POLÍTICA DE EDUCACIÓN DEL CAMPO: OPORTUNIDADES Y LÍMITES EN LA ACCIÓN DE LOS CONSEJOS MUNICIPALES	165	<i>Wagner José de Aguiar Maria Aparecida Tenório Salvador da Costa</i>
DESARROLLO DE EXERGAMES POR PROFESORES NO PROGRAMADORES: UNA METODOLOGÍA ACTIVA DE APRENDIZAJE PARA EL AMBIENTE SCRATCHDEVELOPMENT OF EXERGAMES BY NON-PROGRAMMING TEACHERS: AN ACTIVE METHODOLOGY OF LEARNING FOR THE SCRATCH ENVIRONMENT	185	<i>Luciano Kercher Greis Kamyla Thais Dias de Freitas Fernando Luiz Cardoso</i>

<p>INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES(ICT) AND TEACHER'S FORMATION: RESEARCHING PEDAGOGICAL EXPERIENCES MEDIA-EDUCATIONAL IN THE DISTANCE PEDAGOGY SUBJECT OF THE JUIZ DE FORA FEDERAL UNIVERSITY (UFJF)</p> <p>TECNOLOGÍAS DE INFORMACIÓN Y COMUNICACIÓN (TIC) Y FORMACIÓN DE PROFESORES: INVESTIGANDO EXPERIENCIAS PEDAGÓGICAS MEDIA-EDUCATIVAS EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA A DISTANCIA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)</p>	199	<i>Galdino Rodrigues de Sousa Eliane Medeiros Borges</i>
<p>EDUCATIONAL PRACTICES IN THE SOCIO-ENVIRONMENTAL PRÁCTICAS EDUCATIVAS EN EL CAMPO SOCIOAMBIENTAL: ESTRATEGIA DIALÓGICA ENTRE ESCUELA Y UNIVERSIDAD EN EL CONTEXTO AMAZÓNICO</p> <p>FIELD: DIALOGUE STRATEGY BETWEEN SCHOOL AND UNIVERSITY IN THE AMAZON CONTEXT</p>	217	<i>Maria das Graças da Silva</i>
<p>CONDITIONS OF TEACHING WORK: AN ANALYSIS OF EDUCATION JOURNALS OF BAHIA</p> <p>CONDICIONES DE TRABAJO DOCENTE: UN ANÁLISIS DE REVISTAS DE EDUCACIÓN DE BAHIA</p>	233	<i>Osni Oliveira Noberto da Silva Michael Daian Pacheco Ramos Theresinha Guimarães Miranda Miguel Angel Garcia Bordas</i>
<p>DIVULGA SAÚDE COLETIVA: ESTRATEGIAS DE COMUNICACIÓN PARA INSERCIÓN PROFESIONAL DEL BACHILLER EN SALUD COLECTIVA</p> <p>DIVULGA SAÚDE COLETIVA: COMMUNICATION STRATEGIES FOR PROFESSIONAL INSERTION OF THE BACHELOR IN COLLECTIVE HEALTH</p>	249	<i>Henrique da Silva Domingues Ana Paula Cappellari Cristianne Maria Famer Rocha Natalia Silva Pires Rosane Machado Rollo</i>
<p>NINE YEARS LONG ELEMENTARY EDUCATION: RUPTURES WITH THE EARLY CHILDHOOD EDUCATION OR WELCOME OF THE CHILDHOODS? L'ENSEIGNEMENT PRIMAIRE DE NEUF ANS : LES RUPTURES AVEC L'ÉCOLE MATERNELLE OU L'ACCUEIL DES ENFANCES ?</p>	263	<i>Fernanda Theodoro Roveri</i>
<p>SPECIAL EDUCATION IN THE INCLUSIVE PERSPECTIVE: A STUDY ON THE CONDITIONS OF ACCESSIBILITY PROVIDED TO STUDENTS WITH PHYSICAL DEFICIENCY</p> <p>EDUCACIÓN ESPECIAL EN LA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UN ESTUDIO SOBRE LAS CONDICIONES DE ACCESIBILIDAD PROPORCIONADA A LOS ALUMNOS CON DISCAPACIDAD FÍSICA</p>	279	<i>Adriana de Souza Natividade Jadson Justi Corina Fátima Costa Vasconcelos</i>
<p>THE SCHOOL OF SEAMEN APPRENTICES IN THE CITY OF RIO GRANDE / RS (1861-1889)</p> <p>LA ESCUELA DE APRENDIZAN MARINEROS EN LA CIUDAD DEL RÍO GRANDE / RS (1861-1889)</p>	295	<i>Hardalla Santos do Valle Giana Lange do Amaral</i>
<p>APROPIACIONES CURRICULARES EN LA RED MUNICIPAL DE SERRA/ES CURRICULAR APPROPRIATIONS IN THE MUNICIPAL SCHOOL SYSTEM IN SERRA/ES</p>	307	<i>Amarilton Cesar Nascimento Lima Felipe Quintão de Almeida</i>
<p>"EU TENHO VERGONHA EM DIZER QUE SOU NEGRA, NINGUÉM GOSTA, NÉ"? AS CRIANÇAS E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM ITAPETINGA-BA</p>	323	<i>José Valdir Jesus de Santana Joanne Oliveira Dias Reginaldo Santos Pereira Adenilson Souza Cunha Júnior</i>
<p>"I AM VERY SHY IN SAYING I AM BLACK, NOBODY LIKES, RIGHT"? CHILDREN AND ETHNIC-RELATIONSHIP IN ITAPETINGA-BA</p> <p>"YO TENGO VERGÜENZA EN DECIR QUE SOY NEGRA. A NADIE LE GUSTA, ¿NO LO ES?" LOS NIÑOS Y LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES EN ITAPETINGA-BA</p>	379	<i>Aldenise Cordeiro Santos Dinamara Garcia Feldens</i>

## O que os corpos (dizem que) podem

*Eduardo Galak*<sup>1</sup>

*Antonio Donato*<sup>2</sup>

*Leonardo Tonelli*<sup>3</sup>

### I

Para desenhar a trajetória que possibilitou a realização deste dossiê é necessário repensar o caminho transitado, caracterizado em todas suas diferentes etapas pela necessidade de explorar as conexões entre saberes e práticas, para pensar o corpo e o movimento de forma crítica e emancipadora. A construção deste trabalho coletivo é de fato o resultado de um encontro, ou melhor, de um conjunto de encontros que deram vida a uma rede bem maior do que a soma de suas partes. Formada para a organização e a realização do Seminário Internacional “*Cosa può un corpo? Saperi e pratiche*” promovido pela associação *Leib*<sup>4</sup> na cidade de Bolonha (Itália), em fevereiro de 2018, esta rede conseguiu conectar diferentes percursos e enfoques sobre os temas da corporalidade e das práticas corporais, unidos pelo objetivo comum de resgatar o corpo do determinismo biológico (mas também do determinismo cultural) e do reducionismo da ciência clássica para libertar sua “potência limitada” (GALAK, 2010) enquanto lugar de subjetividade e como ponto de partida de toda transformação social. As falas propos-

1 CONICET/ Universidad Nacional de La Plata, Argentina

2 Università degli Studi di Padova, Italia

3 Associação Leib, Italia

4 A associação “Leib - il corpo che resiste” nasceu em Bolonha em 2015, tendo como principal propósito o de apoiar ações e reflexões a partir do corpo dentro das instituições e dos processos sociais. Além do trabalho com pesquisas, formações e projetos de promoção social no território, este coletivo interessou-se desde o início a cooperação internacional, tecendo relações com diferentes parceiros e colaboradores, tanto na Europa como na América Latina. O termo *leib* para a filosofia fenomenológica é o corpo vivido, que se contrapõe a *körper*, o organismo, um objeto entre os outros.

tas pelos palestrantes do seminário contribuem para fornecer vários planos de análise teórico-práticas sobre o tema, apresentaram a base para uma discussão sobre a centralidade do corpo e o seu relacionamento com a subjetividade, que resultou na necessidade coletiva de recolher essas contribuições e organizá-las em uma publicação. Ao longo do processo de construção deste dossiê intitulado “O que pode um corpo: perspectivas sobre a corporalidade na transmissão de práticas e saberes”, a rede foi fortalecida com a participação de diferentes autores e parceiros, que conseguiram enriquecer ainda mais a discussão e aumentar a ressonância deste trabalho.

O corpo, eterno “excluído” da pedagogia moderna em favor de um trabalho implícito, maciço e meticuloso sobre ele, está atualmente no centro do discurso ético-político. Partindo da dupla ligação entre conhecimento e poder, destacada pela genealogia foucaultiana que examina a descoberta moderna do corpo como objeto de conhecimento e alvo de poder (1992), podemos ver como até mesmo a pedagogia, assumindo os processos de subjetivação, acaba por ser uma verdadeira “ortopedia social” (Mariani, 2000; Kirk, 1998). Capaz de normalizar e normatizar as atitudes e comportamentos com a intenção de criar um corpo dócil, útil e produtivo, e, ao mesmo tempo, de constituir campos epistemológicos, ou seja, sistemas das “condições de possibilidade”. O teste decisivo desta reflexão, ou melhor, as linhas de luz, para citar Deleuze (1989), é representado por aquele campo de estudos que se constituiu na pedagogia moderna com a incorporação do processo de escolarização dos corpos e assumiu o comando na criação de um campo epistêmico forte das dicotomias natureza/cultura, objeto/sujeito e corpo/mente. Lembrando que – para citar o pedagogo italiano Riccardo Massa (1986) – o dispositivo pedagógico centra-se sempre no corpo mesmo quando parece ignorá-lo. Partindo do questionamento de Spinoza e das leituras do Nietzsche e Deleuze acerca de “o que pode um corpo?” (2007), este dossiê tem o objetivo de identificar possíveis *dobras* dos dispositivos políticos e pedagógicos (mas também outros dispositivos próximos do médico e da saúde) capazes de escapar do quadro normativo constituído e produzir uma ruptura epistêmica, na direção de resinificar processos de subjetivação, partindo exatamente do eterno excluído: o corpo.

## II

Na primeira contribuição Gianluca De Fazio e Paulo Lévano exploram em “*Praktognosia. Ecosophical remarks on having a body*” a pergunta “o que um corpo pode fazer?”, para avançar especificamente nas noções de *praktognosia* e normatividade biológica e tentar, como afirmam os autores, “libertar o corpo das cadeias do imaginário conceitual”. O qual é provocado pela distinção natureza/cultura, que como um dos seus efeitos o dualismo mente/corpo, geralmente submetendo o segundo ao primeiro. Os autores partem de uma perspectiva ecosófica para refletir não sobre as significações sociais do corpo, mas também as potencialidades das ações corporais.

Em um caminho teórico semelhante, Eduardo Galak esboça em “*Por una epistemología de la imagen-movimiento del cuerpo. Homogeneización, universalización, estética y política de lo corporal*” uma crítica tanto à naturalização do corpo como ao que denomina como “giro culturalista do corpo”, que, fugindo daquela interpretação do corpo como natureza, acaba por universalizar sua cultura. Nessa direção propõe refletir acerca



dos *pontos de fuga* que o cinema documentário habilita a partir da inquietante pergunta acerca do que *não é* um corpo, como potencialidade limitada para pensar *o que podem os corpos*.

Na terceira contribuição, “*A resistência do corpo*” de Antonio Donato e Leonardo Tonelli propõem-se um conjunto de reflexões críticas sobre a Educação Física enquanto disciplina, através uma leitura das formas com as quais esta age sobre os corpos conforme aos projetos políticos e socioeconômicos que a sustentam. Ao mesmo tempo os autores tentam repensá-la como campo de resistência aos dispositivos normalizadores, a partir do paradigma antropológico da incorporação.

Por sua vez, Simone Fullagar aprofunda o debate com a contribuição da perspectiva anglo-saxônica, com o trabalho “*A Physical Cultural Studies perspective on physical (in) activity and health inequalities: The biopolitics of body practices and embodied movement*”. Neste escrito integra-se o discurso da Educação Física nos denominados *Cultural Studies* feito a partir do campo temático dos *Physical Cultural Studies*, que desenvolve uma abordagem sociocultural para compreender a atividade física como “uma forma de prática corporal e de movimento encarnado e profundamente biopolítico”.

Em continuidade com estas considerações desenvolve-se o trabalho da pedagoga italiana Mirca Benetton, “*La formazione dell’identità corporea femminile nelle pratiche sportivo-motorie oggi: per una parità di genere*”, que analisa desde uma perspectiva cultural as influências das atividades motoras sobre a construção da formação das identidades corporais dos sujeitos, observando particularmente as especificidades das mulheres. Uma problematização que precisa ser lida com relação ao agir pedagógico, voltado a interpelar as condições com as quais as práticas do corpo (neste caso as desportivas) podem definir-se educativas-formativas, na ordem de um processo de emancipação e de livre e original expressão.

Pode-se reencontrar uma pista deste mesmo processo na contribuição de Alessandro Bortolotti e Martina Delprete, “*Fare esperienza del corpo proprio in quanto Leib con la Contact Improvisation Dance*” que analisam a prática de dança contemporânea *Contact Improvisation*, explorada como “dispositivo formativo adequado para expressar o corpo enquanto *Leib*”, enquanto “elemento vivo e pulsante” que se contrapõe ao corpo-cadáver da ciência des-subjetivante. No seu estudo os autores se posicionam para “dar voz para esta prática enquanto modalidade de experiência capaz de contribuir a redefinição de uma pedagogia contemporânea do corpo e do movimento”. A análise desta prática é enriquecida pela introdução teórica sobre o elemento de ruptura epistemológica fornecido pela semio-motricidade elaborada por Pierre Parlebas, com a qual se tenta superar as divisões dicotômicas corpo/mente e teoria/prática e ao mesmo tempo mostrar como o conhecimento pode permanecer incorporado. Como pode-se observar em diálogo com os demais artigos deste dossiê, frente a uma crítica semelhante as dicotomias que governam o corpo, neste caso os autores apresentam uma saída desde uma outra perspectiva psicomotricista fenomenológica.

O trabalho de Alessandra Xavier Bueno, Alcindo Antônio Ferla e Giliane Dessbesell, “*Práticas corporais na saúde: por uma pedagogia da diferença na aprendizagem da saúde e da vida*”, oferece uma reflexão sobre os “efeitos pedagógicos para a afirmação do corpo como superfície na qual se inscreve a identidade contemporânea e parte dos padrões



de saúde e performance física considerada normal”. Através das bases epistêmicas de produções selecionadas do campo da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais, os autores constroem seu ensaio com o objetivo de problematizar práticas vigentes e apontar a importância de uma saúde integral mediante uma pedagogia nômade e plural que possa reconhecer as particularidades dos corpos e, ao mesmo tempo, compor lógicas de cuidado de si.

Enfim com o texto “*Corpo, consumo e bioidentidades: Trajetória de pesquisa e perspectivas analíticas na formação do indivíduo saudável*”, Ivan Marcelo Gomes critica a temática do *culto ao corpo saudável*, explorando a generalização discursiva que se produz especialmente no campo da Educação Física, de que existe uma felicidade *universal*, um viver bem homogêneo. Através do conceito de bioidentidades, dialogando com a produção de autores como Zygmunt Bauman, Francisco Ortega e Hans Georg Gadamer, o autor traz uma importante contribuição para refletir sobre os corpos em movimento na sociedade do consumo.

Finalmente, o objetivo deste dossiê é conectar as contribuições para possibilitar ao leitor construir uma ferramenta teórica, que é política, a partir dos diferentes planos de análise utilizados pelos autores aqui reunidos. Justamente, pretende ser um recipiente de olhares diversos sobre o tema do corpo, da corporeidade e das práticas corporais, enfatizando a potência transformativa do diálogo entre saberes e práticas.

## Referências

- Deleuze, G. (2007). *Cosa può un corpo? Lezioni su spinoza*. Verona: Ombre Corte.
- Deleuze, G. (1989). *Qu'est-ce qu'un dispositif?* Paris: Éditions du Seuil.
- Foucault, M. (1992). *La microfísica del poder*. Madrid: La Piqueta.
- Galak, E. (2010). *El concepto cuerpo en Pierre Bourdieu. Un análisis de sus usos, de sus límites y de sus potencialidades*, Tesis de la Maestría en Educación Corporal – Universidad Nacional de La Plata.
- Kirk, D. (1998). *Schooling Bodies: School Practice and Public Discourse 1880-1950*. London: Leicester University Press.
- Massa, R. (1986). *Le tecniche e i corpi, verso una scienza dell'educazione*. Milano: Edizione Unicopli.
- Mariani, A. (2000). *Foucault: per una genealogia dell'educazione*. Napoli: Liguori Editori.





## ***Praktognosia: ecosophical remarks on Having a body***

*Gianluca De Fazio\**

*Paulo F. Lévano\*\**

### ***Abstract***

The authors trace the question “what can a body do?” back to one of the main conceptual lines of discussion featured in the history of modern thought, namely, the nature/culture distinction, closely linked to the object/subject and natural/artificial distinctions. These distinctions being the core of important developments in 20th-century French philosophical thought, a specific reference will be carried out to the works of philosophers Maurice Merleau-Ponty and Georges Canguilhem, dealing respectively with praktognosia and biological normativity. Having them in mind, the authors aim at relieving the body from the conceptual imagery provoked by yet another product of the nature/culture distinction: the mind/body dualism, which very often has submitted the latter to the former. Departing from the description of the ecosophical context assigned to the content of this article, the conclusive remarks hope for an ecologically renewed conceptualization of the body and its range of action.

**Key words:** Body; History of Science; Phenomenology; Praktognosia; Nature; Culture.

\* Università di Pisa e Firenze. Bolonha, Itália.  
E-mail: gianlucadefazio@cfs.unipi.it. <http://orcid.org/0000-0002-2595-4711>.

\*\* Università di Bologna. Bolonha, Itália.  
E-mail: paulofernando.levano@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-1502-6428>.

## ***Praktognosia: Comentários ecosófico em ter um corpo***

### **Resumo**

Os autores rastreiam a questão “o que um corpo pode fazer?” até uma das principais linhas conceituais de discussão presentes na história do pensamento moderno, a saber: a distinção natureza/cultura, intimamente ligada à proliferação das distinções objeto/sujeito e natural/artificial. Por estas distinções, centrais pelo desenvolvimento do pensamento filosófico francês do século XX, eles vão fazer referência às obras dos filósofos Maurice Merleau-Ponty e Georges Canguilhem, especificamente às noções de praktognosia e normatividade biológica. Tendo-os em mente, os autores pretendem libertar o corpo das cadeias do imaginário conceitual provocado por outro produto da distinção natureza/cultura: o dualismo mente/corpo, que muitas vezes submeteu o segundo ao primeiro. Partindo da descrição do contexto ecosófico em que se desenvolve o conteúdo deste artigo, as observações conclusivas esperam por uma conceituação ecológica renovada do corpo e de sua amplitude de ação.

Palavras-chave: Corpo; História da Ciência; Fenomenologia; Praktognosia; Natureza; Cultura.

## ***Praktognosia: Remarques ecosophiques sur le corps***

### **Résumé**

Les auteurs retracent la question “que peut faire un corps?” dans le but revenir à l’une des lignes conceptuelles principales de l’histoire de la pensée moderne, c’est-à-dire, la distinction nature/culture, *étroitement* liée aux distinctions objet/sujet et naturel/artificiel. Avec ces distinctions *étant* au cœur de certains développements importants par la pensée philosophique française du XXe siècle, une référence spécifique sera faite aux travaux des philosophes Maurice Merleau-Ponty et Georges Canguilhem, traitant respectivement de la praktognosie et de la normativité biologique. En ayant cela à l’esprit, les auteurs visent à libérer le corps de l’imagerie conceptuelle provoquée par un autre produit de la distinction nature/culture: le dualisme esprit/corps, qui a très souvent soumis ce dernier au premier. Partant de la description du contexte *ecosophique* attribué au contenu de cet article, les remarques concluantes espèrent une conceptualisation *écologiquement* renouvelée du corps et de son champ d’action.

**Mots-clés:** Corps; Histoire des sciences; Phénoménologie; Praktognosia; Nature; Culture.



## Introduction

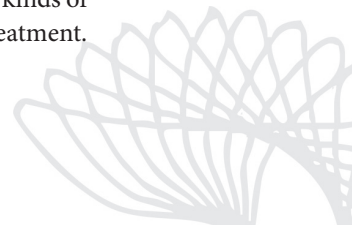
Some notes on an Ecosophical Approach. An ecosophical take on the issue at hand, “what can a body do”, surely encompasses a reflection that concerns both philosophical and scientific ideas, since both conceptual lines are the very core of what we call “modernity”. This interaction however, should not lead to an alleged dimension of pure thought or pure praxis, because this would result in paradoxes that seldom have been understood for what they really are: misconceptions about what either philosophy or science are supposed to do. We should not expect philosophy or science to tell what a body can do, but instead we should expect them to lay inside the possibilities of our bodies. In other words, we should expect them to mirror the concreteness of our life experiences: to do and to think must not be seen as mutually transcendent, but rather on the same plane of composition. This is precisely the spirit behind Arne Naess’s definition of ecosophy:

«Ecosophy” is a compound of the prefix “eco-” found in economy and ecology, and the suffix “sophy” found in philosophy. In the word “philosophy”, “-sophy” denotes insight or wisdom, and “philo-” denotes a kind of friendly love. “Sophia” need not have specific scientific pretensions as opposed to “logos” compound words (biology, anthropology, geology, etc.), but all “sophical” insight should be directly relevant for action. Through their actions, a person or organisation exemplifies sophia, sagacity, and wisdom - or lack thereof. “Sophia” intimates acquaintance and understanding rather than impersonal or abstract results... “Earth household” is closer to the mark. So an ecosophy becomes a philosophical world-view or system inspired by the conditions of life in the ecosphere» (NAESS, 1989, pp. 37-38)

Of course, along an ecosophical path of analysis, each body requires an account for the environment that houses it. Thus, no consideration of life can be provided by ecosophy, that tries to purify the body in itself from environmental factors or, conversely, the environment purified from the bodies that dwell in it. The human body cannot be isolated from its relation with other bodies dwelling in the ecosphere, bodies that effectively constitute the environment of the human body; furthermore, the human body is also the environment for other bodies. Rather than turning ecological issues into mere updates of the old question regarding the place of man in nature, ecosophy is willing to take the opportunity of developing a series of theoretical remarks that revolve around the feature of having a body: this alone should allow from the very beginning to avoid an anthropocentric take on the matter, which often lies at the end of other philosophical systems dealing with the environmental question.

Ecosophically speaking, thought is no evolutionary advantage, nor is it at its peak when realizing the ecological dimension. The difference is on the degree of articulation ecosophy aims at: rather than pointing at the urgency and the undeniable evidence, rather than turning ecology into a discipline of redemption, ecosophy would aim at expanding thought throughout the entire phenomenon of life on the planet.

«The uniqueness of Homo sapiens, its special capacities among millions of kinds of other living beings, has been used as a premise for domination and mistreatment.



Ecosophy uses it as a premise for a universal care that other species can neither understand nor afford» (NAESS, 1989, P. 171)

By implementing ecosophy in an analytical approach to the issues with which this paper deals, we try to bring human thought outside the boundaries of its own body and learn transversally about the experience of having a body, a feature that by no means can be considered as exclusive of humans. Thus, we aim at overcoming anthropocentrism, not as a naïve promise of developing an all-entailing systematic reflection on the environment, but more as an experimental promise of multiplying the ways of having a body, producing in this process a wider consideration on what life throughout the ecosphere actually is and how the dangers represented by the ecological crisis can take multiple forms throughout its vast extension. In this sense, another account of ecosophy that is key to understanding the scope of this analysis is that of Félix Guattari:

«A new ecosophy, at once applied and theoretical, ethico-political and aesthetic, would have to move away from the old forms of political, religious and associative commitment. Rather than being a discipline of refolding on interiority, or a simple renewal of earlier forms of ‘militancy’, it will be a multifaceted movement, deploying agencies [instances] and dispositifs that will simultaneously analyse and produce subjectivity. A collective and individual subjectivity that completely exceeds the limits of individualization, stagnation, identificatory closure, and will instead open itself up on all sides to the socius, but also to the machinic Phylum, to techno-scientific Universes of reference, to aesthetic worlds, as well as to a new ‘pre-personal’ understanding of time, of the body, of sexuality. A subjectivity of resingularization that can meet head-on the encounter with the finitude of desire, pain and death» (GUATTARI, 2000, pp. 67-68)

It’s important to understand that, in the same way as philosophical and scientific thought are seen as intertwined, thought and action, theory and practice are intimately related, and the only way to gain experience on this relation is by grasping the immense diversity implied in living beings’ feature of having a body. In this sense, ecosophy wishes to switch back and forth from a classifying rationality to some sort of field comprehension. Ecosophy, as we understand it, can take the issue of a body’s potentiality and further articulate it into a level of analysis that distinguishes the individual and the collective body, the logical and the analogical body, the body as a whole and the body as a sum of parts, and finally the body as product of a historical continuum and the body as a series of juxtaposed geographical continua.

«The increasing deterioration of human relations with the socius, the psyche and «nature», is due not only to environmental and objective pollution but is also the result of a certain incomprehension and fatalistic passivity towards these issues as a whole, among both individuals and governments. Catastrophic or not, negative developments [evolutions] are simply accepted without question... The explanations offered for this decline of social praxes – the death of ideologies and the return to universal values – seem to me unsatisfactory. Rather, it appears to be a result of the failure of social and psychological praxes to adapt, as well as a certain blindness to the erroneousness of dividing the Real into a number of discrete domains. It is quite wrong to make a distinction between action on the psyche, the



socius and the environment. Refusal to face up to the erosion of these three areas, as the media would have us do, verges on a strategic infantilization of opinion and a destructive neutralization of democracy» (GUATTARI, 2000, p. 41)

## Natural and cultural analogies of the body

Among those dichotomies that have marked modern philosophical thought as well as Western common sense<sup>1</sup>, surely one of the most notorious and controversial is the pair “mind-body”. Therefore, modernity (especially in its contemporary version) has a particular way of answering to the question put forth in the title of this volume. What a body might (or might not) do can be established by modern rationality if and only if a method (most clearly, a scientific method) can be held as valid means of obtaining knowledge related to the body itself. Thus, what a body does, it does methodically, and only so a body can do anything at all; besides, whenever it must be asserted that a body can’t do something, the constraints on it must be methodical, at least formally. All of this implies, of course, that any method will always answer to the question about the body from outside the body, treating it as an object allowed to (or restrained from) a certain course of action, which is always external to the body itself: in other words, the body has to be placed in one side of the dichotomy. The movement from outside-the-body to inside-the-body (and all the way back) traces a polarity that is well known to historians of philosophy, for it constitutes a fundamental trait of modern thinking, a polarity that sets out from a neat distinction between a natural and a “social” (or “cultural”, depending on the conceptual milieu in which one is moving) extent along which a body can (or can’t) do.

The world as it is constituted by mind, by consciousness, by intelligence, by rationality is usually conceived as opposite to the world made up of bodies, of objects, of sheer things (*blosse Sachen*); this is the same as stating that on the one hand there is a world constituted by Culture (history, society) and on the other hand there is a Natural world, constituted by mechanical causality, in which causes may be of a chemical, physical or biological nature. Anyhow, the relationship between modernity and the world made up of bodies is always mediated by our intellectual faculties. Furthermore, this mediation is apparently neutral, to the extent that the feature of being “biological” blends with the feature of being natural in the wider sense, namely “organic”, i.e., biological agriculture or organic food. This dichotomy stands in tight relation with another one, constituted by the pair “necessary-contingent”, that is, what’s necessary (stable, fixed, certain beyond any doubt) and that which on the contrary is changing, in transformation, often confusing: to know the body and its range of action means to fixate it properly along the necessary features it presents when compared to the tenets of a method, while contingency is taken into consideration only when the intellectual faculties’ mediation is highlighted, usually ending up in its absolute negation. For this reason – wishing to avoid the misunderstandings the body has endured throughout the history of Western philosophy – it may turn useful to consider some interesting philosophical aspects of the history of

<sup>1</sup> For simplicity’s sake, “modern” and “Western” will be used as synonyms in this paper.





Western scientific thought, in order to trace the body's relevance to the generation of this conceptual distinction.

The first method that allowed to codify the body as a modern object of knowledge actually lives on, and it consists on the implementation of the “machinery analogy”; an example that suits the purpose of illustrating how the body is turned into a mechanical model is the monumental work of Giovanni Alfonso Borelli, *De motu animalium*, published posthumously in two volumes towards the end of the 17th century: in this work, those features of animated non-human life that are most visible are methodically laid down as mechanical phenomena, the pieces of such machinery being muscles and tendons, joints and knuckles. Of course, the machinery analogy can answer to the initial question, “what can a body do” only by first replacing it with another question, “what a body is” (or should be, ideally). If the body is a machine, then the body can do whatever any mechanism can do; conversely, if the body is a machine, it will be correct to claim that there are some outcomes excluded from the workings of its mechanism. In other words, bodies are to be understood as movement and absence of movement, and this movement corresponds exactly to that which a body can do at any given time. Plus, by reprising the label “animal” of Aristotelian provenance, he purposely puts rationality and method, by all means “intellectual faculties”, outside of the body (accordingly, the *facultas motiva*), adding up to the constitution of the “mind-body” dichotomy and to the neutralizing equivalence between “organic” and “necessary”: whatever a body can do, it may do necessarily.

Of course, Borelli's viewpoint cannot be taken as the ultimate token of how modern mechanics relates to the body. First and foremost, because Borelli's work relies on merely one aspect of mechanics, that is, mathematical modelling. What a body can do (and what it can't do) can be established through the composition and balance of physical forces that can be expressed through quantitative analysis. Ideally, such an analysis results in the formulation of laws that bind together knowledge, foreknowledge and power over that which a body is able to do, therefore the body's mechanics aims at explaining how a body is through its movement, and movement is to be understood by means of laws. This, of course, is tantamount to admitting that the body is a machine, while avoiding the issue of conforming the method to the body's actual potentialities. It is not the duty of mechanics to know why a body moves because, to put it bluntly, an answer to this question could only be fulfilled by a hypothesis, which necessarily compels or defies what the model establishes: knowing what muscles and tendons, joints and knuckles may do without compromising their physical integrity is more convenient than finding it out, and precisely in this spirit Borelli closes his chapter on flight stating that the human body is unable to fly like the birds do (BORELLI, 1685, pp. 243-246). There has to be a good and a bad use of mathematically consistent models, and these cannot be explained by the model itself: the same understanding that lead to acknowledging the impossibility of human flight would eventually lead to heavier-than-air flight. This means for us that an answer to what a body can (or can't) do is not meant to be a definitive one: alas, men can fly, if not by themselves, at least thanks to their mechanical understanding of what bodies do.

The machinery analogy, though paramount to the understanding of the body's modern conception, wasn't the only conceptual attempt at treating the body as an intel-



lectual topic. As a matter of fact, medieval political thought from the 14th century onwards frequently made reference to the organic analogy, suggesting by it a certain manner of conceiving society as a whole body, more specifically the body politic: if not the most eloquent example nor the most intuitive introductory reading, the *Livre du corps de policie* by Christine de Pizan may prove a solid introductory reading to the question of obedience and vertical reciprocity in the Middle Ages, a topic that cannot be dealt with in this brief paper; however, if one were to follow this thread, indirect applications of the organic analogy would be found along such theological issues such as the causal efficiency of God's will and papal infallibility. Needless to say, these attempts would later ground very important contributions to modern political philosophy, contributions that would concentrate almost entirely on the subject of sovereignty and the rule of law. Arguably, the most visible shift between medieval and modern theories of sovereignty has to be the bottom-up conception of political power, in which all the importance assigned to the head of the body politic is balanced by the value of all the remaining parts of the body that contrast the head: no more is power to be understood exclusively as a top-down fact, always and equally given; as a matter of fact, Christine's book features one of the first conceptualizations of the common people's contributions to the political stability of the State, where by "political", a dimension of political economy is meant (PIZAN, 1994) There has to be some unity, but it has to come out of multiplicity: it may not be a coincidence at all thus, that modern political thought has faced very often and wholeheartedly the topic of unity under a sovereign while leaving aside those aspects of the body-politic that put the emphasis on the diversity of the parts that are built into a body.

By means of the organic and the mechanic analogies, the association between bodies and the feature of being animated became progressively less of a dogmatic subject and more an issue of discussion and consensus: instead of conforming to providential determinism and secondary causality, modernity opened the path towards an emancipation of the body and its modalities. Rather than being a feature of animated life, the body now is what establishes the extent to which life is animated or not. The body-politic and the body-machine are thus explanatory models that don't require any further and superior grounding, for their good and bad standards, their increase or decrease in terms of vividness is no more conformity to grace or natural laws, rather than an elaboration of their own features. In fact, experimentation is a crucial feature of knowledge of what a body can or can't do.

### *Body learning as a mimetic process*

As a matter of fact, we all can endure in our daily lives how much a body is constantly permeated by contingencies; our physical features once we are 40 years old are not the same as those we had when we were 20; some daily actions may not be achievable anymore; if we stop training, our performance decreases remarkably; the smallest incident may have a strong impact on our muscular constitution. Needless to say, important enhancement comes from pharmacological and cosmetic treatments, as well as psychological counseling, in order to "tolerate" this transience of the body features.



Very often, in the context of our Western cultural milieu, we are brought to fight against the body's transient nature keeping up along the indictments of a scientific discipline, helping us to contain, contrast and ultimately keep under control this dimension of a body's constant transformation. We try to stay as close as possible to that which seems constant throughout these changes, that which is necessary for our bodies in order to be so. This way, we are prone to think that knowledge of the body is tantamount to finding out some fundamental laws (chemical, physical, biological and so on) that allow to establish *what a body is* notwithstanding the personal and individual experience of having a body; these laws thus allow to put constraints on the transience and the contingency of having it.<sup>2</sup>

However, and despite these efforts, a body avoids all these attempts at its subsumption, because it is an intrinsic feature of bodies to never be identical to themselves and, consequently, they never behave plainly as simple objects of knowledge. On the contrary, a living body bears its value and meaning precisely because it engages its natural (i.e. physical, chemical and biological) properties just as well as its cultural traits.

Regarding the human body, but the same should be said of every living body (LATOURET, 1991; INGOLD, 2000), it is utterly impossible to separate natural and cultural (i.e. historical and social) elements, unless this separation is taken to be a very abstract one. In this context, XXth century's French philosophical thought provides with fine instruments in order to comprehend the body in its crossroads status between nature and culture. For example, the anthropologist Marcel Mauss spoke of "techniques of the body", meaning by it the body as an instrument at the human animal's service, as input for a specific "technique", understood in the wider sense of using tools; for instance, the opposable thumb is not merely a case for natural selection but it also presents technical ("artificial") features, which means that what's natural in natural selection cannot be purified from the cultural layer of the human animal, that is, the social potential of primates as a whole (MAUSS, 1936).

In this sense, the body as a technical apparatus stands on the verge of the nature/culture distinction; properly speaking, it is neither natural nor cultural but lays outside this dichotomy. The body thus presents itself as a hybrid phenomenon, whose existence as far as it is technical coincides with its usage (LATOURET, 1991).

On the other hand, Gabriel Tarde, while attempting to establish sociology on a scientific ground, proposed *imitative repetition* as a fundamental element of society (hence, of culture). According to him, societies are grounded on a mimetic relation consisting of repetition of gestures, postures and behaviors. Putting the emphasis on the mimetic aspect of social life equals to settle the human not as a spiritual element (as did modern thought between XVII<sup>th</sup> and XVIII<sup>th</sup> centuries) but as a bodily subject. In fact, in order to underline the importance of the body-analogy, suffice it to point out that Tarde considers culture as a phenomenon of contagion of imitation.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> It is impossible to avoid seeing a marketing strategy behind the scientific characterization of these laws, aiming at the tolerance we mentioned before.

<sup>3</sup> Tarde's work, which could be seen as a sociological interpretation of some key tenets of Leibniz's philosophy, has a heavy influence on the work of Deleuze (1995). Plus, mimesis plays a major role in the French intellectual landscape, regarding specifically the nature/culture distinction (MERLEAU-PONTY, 1995, 240-243; HARDOUIN, 1946).





Mimesis is probably one of the most ancient and fascinating philosophical issues; it could lead us all the way back to Plato and Aristotle, but following this trail could in turn lead us off-topic<sup>4</sup>. However, it should be enough to highlight a paramount characteristic of imitation: to imitate implies producing a variation with respect to the imitated model rather than reproducing it faithfully. By this we mean that a body imitating another body's behavior doesn't limit itself to replay the very same behavioral formula but instead, by repeating it, learning and making it its own, a modification takes place, hence producing behavioral variations. In Tarde's point of view, these variations channel social transformation. This kind of social variation, which regards the body's ability to learn through an imitational procedure, departs from the natural reproduction of natural (physical, chemical, biological) laws. This process therefore implies the repetition of *anomalies* through the contagion of imitation (TARDE, 1890).

By means of this brief digression, loaded with introductory philosophical notions to which we can only hint at, we can give an idea of the strong relation that stands between contingency and the body, effectively providing with an alternative to searching for natural laws ruling over the body. As a matter of fact, we may now add another dichotomy to those that we introduced at the outset of this paper, mind-body and necessity-contingency: namely, the pair “knowledge-power” (*savoir-pouvoir*), a dichotomy linked most notoriously to the work of Michel Foucault. If we can read the social as a process of learning techniques of the body through imitation, then it's clear that to speak of a technique of the body means to be able to do something and in particular to be able to do something *like someone else does*. We'll get back to this further on. The concept of mimesis allows us to shift the attention given to knowledge: knowing is not to determinate what a body objectively is; rather, knowing equals to learning about some techniques, which in turn equals to learn *how* to do something, hence the body stands as the knowing subject instead of merely an object of this knowledge.

If knowledge means learning – and, as far as this learning is imitating, there's always a context, an environment to this learning – then what's learned allows to do some things and precludes other things. This weaving of knowledge and power is broadly what Foucault deemed a “bio-political dispositif”. “Dispositif” derives from the Latin “disponere”, “dispositum”, “dispositio”, and all of these terms refer to a sense of placement and ordaining<sup>5</sup>. A dispositif implies a series of orders, of things that can or cannot be done. Regardless of rigorous comprehensiveness, we may say that a dispositif defines what a bio-political body can do<sup>6</sup>.

A dispositif thus ties knowledge and power. Gilles Deleuze (1988), in reference to his friend Foucault's work, has put the emphasis on how the Subject is the output of this tie (FADINI 2015, pp. 15-61; FADINI 2016, pp.103-111, pp. 139-163), that is, on how the dispositif is tantamount to a process of subjectivation (CREMONESI *et al.*, 2016). This

4 To make it very short, Plato thought that imitation meant decay while Aristotle thought that imitation was creative: the difference could be that between painting and playing theatrically (IACONO 2010).

5 For an overview of the concept, (IACONO, 2018).

6 (FOUCAULT, 2004; STIMILLI, 2017; IOFRIDA, 2018; ESPOSITO, 2018; ESPOSITO, 2004; HABER, 2012; TERREL, 2010; CUTRO, 2005).



way, a peculiar definition of Subject comes out: it results from a disposition defined by that which can or cannot be done. Foucault, on speaking about bio-politics, underscored how dispositifs are to be applied on bodies, actually speaking about *neoliberal orthopedics* (BAZZICALUPO, 2013). This way, we are in front of a conception of the Subject and knowledge that is opposite to the classical model, according to which the Subject is mere consciousness while knowledge amounts to determining what a body objectively is. Through the dispositif, new light can be shed on the mind-body, Subject-object relation.

This Foucauldian perspective – akin to a post-structuralist take on the matter – mind and body, Subject and object do not constitute an antithesis. Consciousness thus is not the expression of a transcendental Subject, conscious of itself and the world around it; instead, consciousness amounts to all that a body has learned – one could say, experience protocols (LUCATTI, 2016, p. 105). In this view, the body is not the noematic correlative of consciousness, a mere object, but instead it is everything that can be done with respect to these protocols. A body therefore is not a thing but a potency.

### *Biological normativity and praktognosia*

Doubtlessly, the relation between knowledge, power and the body is among the most fruitful topics within the post-structuralist context. Nevertheless, this relation shouldn't be attributed exclusively to Foucault's work. Here, we'd like to mention two authors; the first one is usually recognized as one of Foucault's masters: Georges Canguilhem.

One of the main concepts of Canguilhem's work is *biological normativity*. According to him, norm is to be distinguished from law. The latter is universal and is valid for every instance included in its jurisdiction (i.e. universal gravitation is valid for every mass in the Universe), while the former is not valid for every biological body and neither does it stay valid for the same body. A norm has to do with the very existence of the body (---) and expresses a habit of the body. With this, the very meaning of biology as a discipline shifts: it no longer is a science that states what a body is, but rather it follows the body's normative pace. Instead of reducing each body to an objective general law, modelling in biology aims at understanding what a body (in the context of a certain topology) can do. This take on the matters underscores a peculiar aspect of the relation between knowledge and power, which has a decisive influence on Foucault's work (MACHEREY, 2009). To know means to experiment on what a body can do.

In fact, the question itself implies a normative approach to the issue at hand; this is to say that objective knowledge of that which a body can or can't do. Basically, what happens is that the body is at the same time a natural and a cultural state of things: what seemed like a dipolar compound is actually a monopolar singularity. This means that whenever a (scientific) method concentrates on the body, it simultaneously assigns to it a degree of value that can account for this polarity: when the method addresses its necessary elements, the value assigned to the body is hierarchical and ultimately social, since intellectual faculties are taken for granted and animal faculties are ordained according to their specific abilities, so that anomalies are relative to an ideally good or ideally bad use of the body; when the method addresses the body's contingencies, the value assigned to the body is that of conformity to a natural law (SERRES 1982). To avoid this, it beco-



mes necessary to separate our analogic understanding of what a body can do from the nature-culture distinction and its mind-body, necessary-contingent derivations.

Thus, in order to understand what's at stake when answering to the initial question, it is important to recall that the consolidation of both these analogies preceded and cleared the way for the rise of modern biological disciplines: this is particularly obvious when considering the notion of life as polarity developed by Canguilhem. Canguilhem's insights are very important for the purposes of this paper. His work bears major significance in the history of philosophy because it mirrors the peculiar context in which the rise of French epistemology took place; though it will not be treated directly, the topic might be of interest in a wider scope on the interactions between philosophical and scientific thought, as the reader may acknowledge once he or she considers the development of a parallel conceptual trail in French philosophy during the same historical period: the philosophy of Merleau-Ponty, with which we'll deal briefly further on. As Michel Foucault would put it, the theoretical concerns contained in the latter's work are more in line with a philosophical mood regarding the subject and experience, and it would be no inaccuracy to claim that this path leads directly to the issue raised by the initial question, that is, the body and what it can do; even so, a philosophy that deals instead with knowledge and rationality cannot be said to be completely unrelated to the body as a matter of discussion. (CANGUILHEM, 1991, p. 7)

Strictly speaking, before the existential mood that became typical of a certain strain in French contemporary philosophy, there was the proliferation of body knowledge in terms of biological processes involved in the body's development, and only through these conceptual developments a truly fruitful deconstruction of experience as a mode of existence was possible: it is impossible to detach these conceptual developments from the development of the medical disciplines, in which a further articulation of both analogies gave rise to an aspect of animated life, almost as if a new analogy could be able to absorb them both: the body as a regularity and the couple health/disease as a valid means of understanding the behavior of such regularity. Canguilhem's foundational work may indicate biological normativity as a constant readjustment of the learning process implied in having a body. In substance, whatever a body can do, it should be able to do normally, which means that the theoretical temptation of defining a body instead of dealing with its potentiality shows itself as the immediate, more "natural" approach, while what lies outside the norm is always open to the possibility of modification. But to deal with definition in terms of normativity requires a major shift in our understanding of the body's ontology.

«For a long time people tried to find out whether they could prove the existence of the perfect being starting with its quality of perfection, since, having all the perfections, it would also have that of bringing about its own existence. The problem of the actual existence of perfect health is analogous. As if perfect health were not a normative concept, an ideal type? Strictly speaking a norm does not exist, it plays its role which is to devalue existence by allowing its correction. To say that perfect health does not exist is simply saying that the concept of health is not one of an existence, but of a norm whose function and value is to be brought into contact with existence in order to stimulate modification. This does not mean that health is an empty concept». (CANGUILHEM, 1991, p. 77)



It means instead, if we may complete the idea, that health and disease, the body's full or diminished range of action, cannot be defined unless an experience protocol is endured. This aspect of experimentation leads to the second author we had in mind, usually considered to lay far from Foucault's positions: Maurice Merleau-Ponty. In spite of this, Merleau-Ponty was a thinker who had a huge influence on the French intellectual milieu while Foucault was young (IOFRIDA & MELEGARI, 2018, pp. 13-21; p. 31); besides, in this same context, he was the philosopher whose work more than anyone else put the body at the center of a theoretical, ethical and political consideration: to go through all of it would exceed the length of this paper, just as much as it would be lengthy to trace the affinities between him and Foucault.<sup>7</sup> Here, we'll stick to developing one of Merleau-Ponty's key concepts in one of his major works, *Phenomenology of perception*, published in 1945, two years after the first appearance of Canguilhem's *The normal and the pathological*.

While Canguilhem's interest in the body was epistemological, Merleau-Ponty's take on the matter aims at outlining an ontology of the body (DASTUR, 2001, pp. 29-47), but in the renewed terms of polarity, accordingly as they were laid out in Canguilhem's work: this should be evident by addressing Merleau-Ponty's concept of *praktognosia*. Though it could offer a wide scope on the topic, it should be enough to consider the renewed sense this concept gives to the knowledge-power relation and the place of the body in this context, when considering it next to the techniques of the body, the contagion of imitation and their involvement in the subjectivation process.

Praktognosia is a portmanteau built by "praxis" (action) and "gnosis" (knowledge), and it stands for the strong tie between knowing and doing. This tie is double: it indicates knowledge of ways of doing, though it's not just a preliminary kind of knowledge placed immediately before action; this would lead to suppose that there is a knowing Subject that can know independently from his own doing, thus returning to the Subject-object distinction. In order to avoid this difficulty, which would lead to subjectivism, there is another aspect of praktognosia: to do is to know already, from the very outset. Doing and knowing are the same thing, for both of them determine the structure of the world understood as an environment, at the same time known and done: the sense of this is that the relation between the body and the environment runs back and forth.

Praktognosia should be helpful in going beyond the nature-culture distinction. On the hand, polarization over the natural pole leads to biological reductionism, subduing the body and its range of action to natural laws, as is the case of the "selfish gene" (DAWKINS, 1976). On the other hand, the social pole reduces the body to the rules of social construction, which seems to make impossible any statement about the body unless it hasn't been assumed as a success indicator for the proliferation of technology (BIJKER, HUGHES, PINCH, 1989). Whatever the strategy for subsuming the body under a universal law defining its essence, these two kinds of reductionism lose sight of the ecological moment: the deep relation binding together the individual and the environment.

<sup>7</sup> "Ogni volta il corpo si ponga come agente nel mondo [...], esso stabilisce una norma funzionale" (AMOROSO, 2014, 221). For an overview of Merleau-Ponty's thought in the Italian philosophical landscape, (VANZAGO, 2012). For the affinities between Merleau-Ponty and Foucault, (REVEL, 2015; RIGHETTI, 2006). For Merleau-Ponty and biopolitics, (ESPOSITO, 2004, pp. 171-183)



To stress only one sense of this relation leads to reductionism, so it becomes necessary to characterize it as having a double direction: from the inside to outside and conversely. This way, none of the two poles may exist outside this relation and the menace of essentialism is cast away: no longer will knowing what a body is be more important than taking into consideration its singular potencies.

Imitation is the core of the relation, while the techniques of the body stand for the cognitive value assigned to the body itself. Furthermore, interestingly, imitating the techniques of the body doesn't stand for the transmission of a quality, namely, a correct or incorrect use of such techniques, since imitating means transforming what's being taken as a model. Imitation implies the transmission of an anomaly, a difference between what imitates and what's imitated. Praktognosia stands on the verge of this difference: a kind of body knowledge that is grounding but in the most peculiar way (ROBERT, 2014). Through action, the body learns specific behaviors or experience protocol, as we deemed them above; these protocols are by no means "natural", nor can they be encompassed by social orthopedics. If this would be the case, then no difference would take place in imitation (IACONO, 2010). Instead, by characterizing imitation as the contagion of anomalies, it would be possible to think about body performances in terms of normativity, meaning by it some sort of retro-action, from what imitates onto what's being imitated. By binding together action and knowledge, the ecological moment thus becomes visible, between the individual and the environment under the conditions of this feedback relation (IOFRIDA, 2017).

Plus, praktognosia also has to do with negativity, which allegedly constitutes its most interesting aspect: a body learns only if it manages to create anomalies. This notion stands out in Merleau-Ponty's lectures on nature, delivered at the Collège de France by the end of the 1950's; like Canguilhem, he defines the body as a fluctuation with respect to given norms [MERLEAU-PONTY, 1995, p. 239] in order to highlight its plasticity and its resistance to any kind of pre-established principle. This fluctuation takes place as the stochastic (dynamic) unity of experience protocols that define the feature of having a body.

It could be argued that Foucault dealt with the dynamic feature of these protocols in terms of governmentality, that is, in terms of the management of anomalies and abnormal individuals (FOUCAULT, 1999; LEMM & VATTER, 2014; MAUER 2015; SKORNICKI 2015; LEGRAND, 2007). But since there is no such thing as correct bodies, power (as in controlling the system's anomalies) is obliged to enforce the orthopedics of bodies by instituting models of usage that go hand in hand with bio-political aspects of knowledge (ESPOSITO, 2004, pp. 30-32; IOFRIDA & MELEGARI, 2018, p. 171). However, this resistance may become a line of flight, through the proper understanding of bodies as holders of praktognosia. What a body can do is determined not by an essence nor by a natural law, let alone by a social construct: what a body can do is determined by a normative capacity, which is given by imitation and set between knowledge and power. Notwithstanding, the order delivered by bio-political dispositifs manages to deprive the body of its radical contingency, bringing back the issue of the dichotomy necessity-contingency to our discussion (AMOROSO & DE FAZIO, 2018). In this sense, it could be interesting to read what Merleau-Ponty has to say about the topic at hand:





«Everything in man is a necessity. For example, it is no mere coincidence that the rational being is also the one who holds himself upright or has a thumb which can be brought opposite to the fingers; the same manner of existing is evident in both aspects. On the other hand everything in man is contingency in the sense that this human manner of existence is not guaranteed to every human child through some essence acquired at birth, and in the sense that it must be constantly re-forged in him through the hazards encountered by the objective body. Man is a historical idea and not a natural species. In other words, there is in human existence no unconditioned possession, and yet no fortuitous attribute. Human existence will force us to revise our usual notion of necessity and contingency, because it is the transformation of contingency into necessity by an act of taking in hand. All that we are, we are on the basis of a *de facto* situation which we appropriate to ourselves and which we ceaselessly by a sort of escape which is never an unconditioned freedom» (MERLEAU-PONTY, 1981, pp. 170-171).

The reader should find ethical and political inspiration in these words by Merleau-Ponty. We can merely indicate how *praktognosia* and imitation beg the question for an ecological consideration of the body, which in turn calls for a reflection on the historical sense of it, where history doesn't stand for the realization of the human spirit's destiny, but rather for bodily experimentation, for the possibility of transforming somehow the already given situation. (IOFRIDA 2007, p. 85)

### *Conclusive remarks*

Hence, throughout the Modern Age the body has gained sense and meaning from both poles, galvanizing upon one of them and constructing its discourse on the other one, assuming a subordinate position inside conceptual dichotomies, like mind/body, necessary-contingent: to deploy some rigorous philosophical terminology, the ultimate way of laying out the dichotomy would be to state it as *symptomatology-hermeneutics*. Naturalizing the body-machine, thoroughly modelling it, leads to Western medicine, whose development however depends upon strictly social protocols. Likewise, socializing the body-politic, accurately reconstructing it, leads to Western statistics, whose development is deeply rooted in the conceptualization of frequency, of regularity and, ultimately, of natural laws. One provisory conclusion from both Borelli's and Pizan's treatment of the body, with respect to those dichotomies that put it in a subordinate position, is that a body implies a process of learning: by means of the body-machine, Galilean mechanics is confirmed as a valid source of knowledge; by means of the body-politic, the prince's pedagogy is confirmed as the best alternative to the atomization of political power throughout the territory. Nevertheless, since the body is at the center of both analogies, modality is not inherent to these learning processes, for neither mechanics nor the organic analogy care to explain efficient causality, namely, why are the body-machine or the body-politic respectively mechanical or political in the first place: the polarity collapses whenever it is brought to answering to the initial question "what can a body do?", precisely because each body should be able to assess it for itself.

Why is Canguilhem concerned with the ontological implications of health and disease? It is important to consider the scope of his argument: a philosophical mood dealing



with the history of science tout court and specific scientific concepts faces the very same issues that before were mentioned when speaking of the nature/culture distinction's collapse. In this case, the problems arise when using the distinction to understand the opposition of approaches to biology that are either mechanistic or, on the opposite side, related to vitalism. Modernity often offers a picture of the medical disciplines as applications of a more fundamental knowledge, grounded either on the accuracy of the machinery analogy or in the goodness of a normal life. The problem is that this releases the development of medicine from the issue raised by the initial question, which seems highly counter-intuitive.

«Physiological constants are thus normal in the statistical sense, which is a descriptive sense, and in the therapeutic sense, which is a normative sense. But the question is whether it is medicine which converts - and how? - descriptive and purely theoretical concepts into biological ideals or whether medicine, in admitting the notion of facts and constant functional coefficients from physiology would not also admit - probably unbeknownst to the physiologists - the notion of norm in the normative sense of the word. And it is a question of whether medicine, in doing this, wouldn't take back from physiology what it itself had given» (CANGUILHEM, 1991, p. 123)

The challenge thus would be to start anew from a more sincere characterization of the scientific disciplines that have to do with the body and the production of statements that deal with “objective” knowledge of it; this is particularly valid for medicine and its status of “special science”, because it often works as a gateway to new ways of thinking about and of conceiving the scientific status of knowledge that is relative to the body and its normativity. This could also be the spirit to approach more recent fields of philosophical research, regarding less canonical issues, as it's the case of the Galveston conference and the rise of the Philosophy of Medicine (CAMPANER, 2012). Because, when knowledge addresses the body and what it can do, the goal must not be to enforce the analogy on the object of knowledge, but rather to modify the analogy in order to better fit the degree of freedom that each body is offered when life is understood as a polarity.

It's important to focus on that which we imitate – this would be the ethical, pedagogic function of praktognosia – because our very own behaviors, our use of body techniques will be imitated: no one learns alone, it always happens by the side of somebody else. This could be the most profound meaning of the world “culture”. By paying attention to the potencies of the contagion of imitation, the words of Spinoza come to mind: no one is really able to say what a body can do, unless he or she is willing to endure its experience.

## References

- Amoroso, P., & De Fazio, G., (2018), *Spielraum: tra corporeità, dispositivi e linee di fuga*, in: M. Iofrida (ed.) *Ecologia, decrescita, dispositivo*, Mucchi, Modena, pp.163-176.
- Amoroso, P., (2014), “Prospettive ecologiche nell'opera di Merleau-Ponty”, *Discipline Filosofiche*, XXIV-2, pp.217-238.



- Bazzicalupo, L., (2013), *Dispositivi e soggettivazioni*, Mimesis, Milan-Udine.
- Bijker, W., Hughes, T., Pinch, T., (1989) *The social construction of technological systems*, MIT Press, Cambridge - London.
- Campaner, R., (2012), *Philosophy of Medicine*, Archetipo, Bologna.
- Canguilhem, G., (1991), *The normal and the pathological*, Zone Books, New York.
- Cremonesi, L., Irrera, O., Lorenzini, D. & Tazzioli, M. (eds.), 2016, *Foucault and the Making of Subjects*, Rowan & Littlefield, London - New York.
- Cutro, A., (2005 ed.), *Biopolitica: storia e attualità di un concetto*, Ombre Corte, Verona.
- Dastur, F. (2001), *Chair et langage. Essais sur Merleau-Ponty*, Encre Marine, La Versanne.
- Dawkins, R., (1976), *The selfish gene*, Oxford University Press, Oxford.
- Deleuze, G. (1995), *Difference and Repetition*, Columbia University Press, New York.
- Deleuze, G., (1988), *Foucault*, tr. by S. Hand, University of Minnesota Press, Minneapolis-London.
- Esposito, R., (2004), *Bios. Biopolitica e filosofia*, Einaudi, Torino.
- Esposito, R., (2018), *Il dispositivo della persona*, in M. Iofrida (ed.) *Ecologia, decrescita, dispositivo*, Mucchi, Modena, pp. 73-89.
- Fadini, U. (2015), *Divenire-corpo. Soggetti, ecologie, micropolitiche*, Ombre Corte, Verona.
- Fadini, U. (2016), *Il tempo delle istituzioni. Percorsi della contemporaneità: politica e pratiche sociali*, Ombre Corte, Verona.
- Foucault, M. (1999), *Les anormaux (1974-1975)*, Gallimard-Seuil, Paris.
- Foucault, M. (2004), *Naissance de la biopolitique (1978-1979)*, Gallimard-Seuil, Paris.
- Foucault, M., (2008), *Le gouvernement de soi et des autres (1982-1983)*, Gallimard-Seuil, Paris.
- Foucault, M., (2009), *Le gouvernement de soi et des autres II (1983-1984)*, Gallimard-Seuil, Paris.
- Guattari, F., (2000), *The three ecologies*, The Athlone press, London.
- Haber, S., (2012), “Du néolibéralisme au néocapitalisme?”, *Actuel Marx*, 51, pp. 59-72.
- Hardouin, R., (1946), *Le mimétisme animal*, PUF, Paris.
- Iacono, A.M. (2018), *Sul concetto di dispositivo*, in: M. Iofrida (ed.) *Ecologia, decrescita, dispositivo*, Mucchi, Modena, pp. 51-71.
- Iacono, A.M., (2010), *L'illusione e il sostituto. Riprodurre, imitare, rappresentare*, B. Mondadori, Milano.
- Iofrida, M., (2007), *Per una storia della filosofia francese contemporanea. Da Jacques Derrida a Maurice Merleau-Ponty*, Mucchi, Modena.
- Iofrida, M. & Melegari, D., (2018), *Foucault*, Carocci, Roma.
- Iofrida, M., (2017), *Ecologia filosofica. Temi e prospettive*, in G. De Fazio & P.F. Lévano (eds), *Ecosofia. Percorsi contemporanei nel pensiero ecologico*, Mucchi, Modena, pp. 12-21.
- Iofrida, M., (2018, ed.), *Ecologia, decrescita, dispositivo*, Mucchi, Modena.
- Latour, B., (1991), *Nous n'avons jamais été modernes*, Découverte, Paris.
- Legrand, S., (2007), *Les normes chez Foucault*, PUF, Paris.
- Lemm, V., & Vatter, M., (2014, eds.), *The government of Life: Foucault, Biopolitics and Neoliberalism*, Fordham University Press, New York.





- Lucatti, E., (2016), *Il gesto e l'azione. Proposte semiotiche per una fondazione fenomenologica dell'epigenesi strutturale*, in: P. Amoroso, G. De Fazio, R. Giannini & E. Lucatti, *Corpo, Linguaggio e Senso tra Semiotica e Filosofia*, Esculapio, Bologna, pp. 79 – 131.
- Macherey, P., (2009), *De Canguilhem à Foucault. La force des normes*, La Fabricque, Paris.
- Mauer, M., (2015), *Foucault e le problème de la vie*, Publications de la Sorbonne, Paris.
- Mauss, M., (1936), “Les Technique du corps”, *Journal de psychologie*, XXXII, 3-4.
- Merleau-Ponty, M., (1981), *Phenomenology of Perception*, Routledge, London.
- Merleau-Ponty, M., (1995), *La Nature*, Ed. Seuil, Paris.
- Naess, A., (1989) *Ecology, community and lifestyle*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Pizan, C. (1994) *Book of the body politic*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Revel, J., (2015), *Foucault avec Merleau-Ponty. Ontologie politique, présentisme et histoire*, Vrin, Paris.
- Righetti, S., (2006), *Soggetto e identità. Il rapporto anima-corpo in Merleau-Ponty e Foucault*, Mucchi, Modena.
- Robert, F., (2014), “Merleau-Ponty, Whitehead, une pensée de la vie”, *Discipline Filosofiche*, XXIV-2, pp.165-184.
- Serres, M., (1982), *Hermes. Literature, science, philosophy*, Johns Hopkins University press, Baltimore.
- Skornicki, A., (2015), *La grande soif de l'État. Michel Foucault avec les sciences sociales*, Saint-Gilles, Aden.
- Stimilli, E., (2017), *Decostruzione o biopolitica?*, Quodlibet, Macerata.
- Tarde, G., (1880), “Le croyance et le désir: la possibilité de leur mesure”, *Revue Philosophique*, X, pp. 150-180.
- Tarde, G., (1890), *Les lois de l'imitation: étude sociologique*, Alcan, Paris.
- Terrel, J., (2010), *Politiques de Foucault*, PUF, Paris.
- Vanzago, L., (2012), *Merleau-Ponty*, Carocci, Roma.

### **Sobre os autores**

#### **Gianluca De Fazio**

Sta concludendo un dottorato in “Filosofia” presso le Università di Pisa e di Firenze, svolgendo la sua ricerca sui temi della filosofia francese contemporanea con una tesi sul pensiero di Maurice Merleau-Ponty. Collabora con la cattedra di “Storia della filosofia francese contemporanea” dell’Università di Bologna. È membro del comitato di redazione del gruppo di ricerca e collana editoriale “Officine Filosofiche”. Ha creato, in collaborazione con Paulo F. Lévano, il gruppo di ricerca e didattica in Ecosofia, seminario di ricerca accreditato presso l’Università di Bologna.

#### **Paulo Levano**

Paulo Fernando Lévano se formou em filosofia na Universidade de Bolonha. Realizou pesquisas sobre a história da aviação peruana no Aeroclube do Peru. Atualmente participa da organização do ciclo de seminários sobre ecosofia na Universidade de Bolonha.





## Por una epistemología de la imagen-movimiento del cuerpo. Homogeneización, universalización, estética y política de lo corporal

*Eduardo Galak\**

### *Resumen*

Este artículo presenta una interpelación de los modos modernos que signan el carácter “cultural” del cuerpo, esbozándola a partir de tres argumentos que conforman los apartados del texto. Una primera parte en la que se interpreta la relación del cuerpo con lo social y con la naturaleza a través de, por un lado, reafirmar la idea consagrada de que el cuerpo no es naturaleza, para, por el otro, criticar la también consagrada máxima de que “el cuerpo es una construcción social”. En un segundo momento la intención es establecer como tesis que la naturalización de lo social en el cuerpo es producto de una homogeneización de las percepciones sobre lo corporal y consecuentemente efecto de una universalización estética. Para ello se propone analizar una serie de imágenes de cinematografía documental en las cuales se transmiten significaciones sobre lo corporal, procurando observar lo sentidos puestos en juego y su consecuente formación de subjetividades. Antes que cuestionar qué es un cuerpo, la idea es repensar qué *no es* un cuerpo, y con ello llegar a una tercera parte en la que se señala un modo en que se reproduce transnacionalmente esta universalización estética resultado de una homogeneización política del cuerpo.

**Palabras Clave:** Cuerpo; Imágenes; Política; Estética.

\* CONICET- Universidad Nacional de La Plata. La Plata, Argentina.  
E-mail: eduardogalak@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-0684-121X>.

***Por uma epistemologia da imagem-movimento do corpo. Homogeneização, universalização, estética e política do corporal***

**Resumo**

Este artigo apresenta uma interpelação das formas modernas que significam o caráter “cultural” do corpo, delineando-o a partir de três argumentos que compõem as seções do texto. Uma primeira parte em que se interpreta a relação do corpo com o social e com a natureza através, por um lado, reafirmar a ideia consagrada de que o corpo não é natureza e, por outro lado, criticar o posicionamento também consagrado de que “o corpo é uma construção social”. Em um segundo momento, pretende-se estabelecer como tese de que a naturalização do social no corpo é produto de uma homogeneização das percepções sobre o corporal e, conseqüentemente, do efeito de uma universalização estética. Para tanto, propõe-se analisar uma série de imagens da cinematografia documental em que são transmitidas significações sobre o corporal, procurando-se observar os sentidos colocados em jogo e sua conseqüente formação de subjetividades. Antes de perguntar o que *é* um corpo, a ideia é repensar o que *não é* um corpo, e, assim, estabelecer uma argumentação de por que se reproduz trans-nacionalmente uma universalização estética resultado de uma homogeneização política do corpo.

**Palavras chave:** Corpo; Imagens; Política; Estética.

***For a corporal epistemology on image-movement. Homogenization, universalization, aesthetics and politics of the bodies***

**Abstract**

This article presents an interpellation of the modern ways that signify the “cultural” character of the body, outlining it from three arguments that make up the sections of this text. A first part in which it is pointing out the relationship of the body with the social and with nature through, on the one hand, reaffirming the consecrated idea that the body is not nature, for, on the other, criticize the also consecrated idea that “the body is a social construction”. In a second moment the intention is to establish as a thesis that the body naturalization is the product of a homogenization of perceptions about the body and consequently the effect of an aesthetic universalization. For this purpose, the aim is to analyze a series of images of documentary cinematography in which significations are transmitted about the corporal, trying to observe the senses put into play and their consequent formation of subjectivities. Rather than questioning what a body *is*, the idea is to rethink what *is not* a body, and with it to reach a third part in which is presented how an aesthetic universalization is transnationally reproduced as the result of a political homogenization of the body.

**Key words:** Body; Images; Politics; Aesthetics.



## *Cuerpo y naturaleza*

Quisiera comenzar por reafirmar una verdad consagrada: el cuerpo no es naturaleza, ni en sentido estricto es un producto de la naturaleza. Buena parte de los debates de las incipientes ciencias sociales de finales del siglo XIX y principios del XX se discurren en la siguiente pregunta: ¿el cuerpo es naturaleza o cultura? Hago aquí apenas una digresión, que es característica de la historia política argentina, pero que es ilustrativa del pensamiento liberal republicano moderno exportado hacia esas latitudes desde Europa, y que es que en estas tierras el debate adoptó la forma de civilización o barbarie, tal como puede verse reflejado en el ya clásico libro de Domingo Faustino Sarmiento, “Facundo o civilización y barbarie en las pampas argentinas” –quizás el texto político argentino más importante del siglo XIX–.

Más allá de cuestiones particulares, el debate está teñido por cómo operar sobre los cuerpos.<sup>1</sup> Claramente uno de los principales usos del cuerpo fue su pedagogización, constantemente subsumiendo al cuerpo al sujeto. Dicho de otro modo, producto de la moderna separación cuerpo-mente, la educación del cuerpo significó un recurso para la formación de las subjetividades. Ello es particularmente visible si pensamos, por caso, en las justificaciones que originaron la disciplina escolar Educación Física, así como su utilización como recurso biopolítico. En efecto, la educación del cuerpo estatalmente institucionalizada porta como uno de sus signos el debate cultura y naturaleza (o civilización y barbarie), constitutivo de las prácticas disciplinares, porque la Educación Física emerge de un oxímoron: si según esta concepción el cuerpo es naturaleza, y la naturaleza por principio es inmanente y autónoma (tiene sus propias leyes), entonces ¿cómo educar el cuerpo? Esto es, ¿cómo culturizar la naturaleza?

Las respuestas a esta pregunta representan una segunda cuestión que quisiera señalar, o mejor dicho, el modo de argumentación de las posibles respuestas: si bien a finales del siglo XIX se disputa acerca de qué educar del cuerpo y qué cuerpos educar, existe un común acuerdo en cómo hacerlo: toda educación institucionalizada debe ser científica.<sup>2</sup> Con lo cual se establecen parámetros, condiciones, métodos, rendimientos. Es decir, se establecen criterios de homogeneización y como correlato se instauran cuerpos correctos y cuerpos abyectos, modos del cuerpo educados y modos del cuerpo no escolarizados.

Ahora bien, hasta aquí una historia relativamente conocida. Quisiera ahora pegar un salto y pensar la contracara de este proceso: si bien voy a simplificar el debate por los alcances de este texto, quisiera repensar lo que podemos entender como el “giro culturalista del cuerpo” asociado a las ciencias sociales, que se vuelve dominante en las últimas décadas, y cómo este posicionamiento teórico interpreta el cuerpo y la naturaleza. Este giro culturalista promueve dos movimientos teóricos que son característicos

1 Que es, a fin de cuentas, uno de los pliegues de la pregunta por “Cosa può un corpo?”, que es el eje que organizó el coloquio organizado en febrero de 2018 en Bologna por la Associazione Leib, y que vertebró este dossier titulado “O que pode um corpo: perspectivas sobre a corporalidade na transmissão de práticas e saberes”.

2 Basta leer “Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz” de Valter Bracht (2003) para observar la mutua imbricación histórica.



de las reflexiones en torno a la educación del cuerpo. Por un lado, la naturaleza no sólo *pierde* un sentido de entidad propia o esencial, sino que es a la vez principio y producto de lo social, y entonces en el contexto actual pensar la naturaleza es pensar los efectos de naturalización de lo social. Como sostiene Jacques Derrida, “no hay ninguna naturaleza, sólo existen los efectos de la naturaleza: la desnaturalización o la naturalización”, una idea que, por caso, retoma Judith Butler (2002) para atacar las bases materiales del cuerpo y así afirmar que el cuerpo no es naturaleza ni materialidad; o que Pierre Bourdieu (1999) consagra con su fórmula de que el cuerpo está en lo social y lo social está en el cuerpo, pretendiendo indicar cierto borramiento de las fronteras que el nacimiento del cientificismo social establecía entre la naturaleza y la cultura, pero a la vez reafirmando la centralidad que tiene para nuestras sociedades lo corporal (Galak, 2015). Incluso podría agregar que el concepto de *habitus* con el que opera Bourdieu, que en varios pasajes de su obra es signado como “la historia hecha naturaleza” o como “la historia hecha cuerpo”<sup>3</sup>, debe en parte su origen a una de las formulaciones de Karl Marx, quien indicaba que la naturalización es el olvido de toda historia: esto es, sólo olvidando la génesis de cualquier proceso social es que podemos afirmar que algo es natural. Entonces, para cerrar este punto inicial, afirmo que la tarea de estas palabras consiste en recordar la historia que hemos incorporado, no para develar su verdad, sino para interpelar los procesos por los cuales esos discursos se tornaron verdaderos.

Como contracara de este proceso, el segundo movimiento teórico que habilita el giro culturalista sobre la relación entre cuerpo y naturaleza es el que establece una máxima que en los últimos años cobra estatus de verdad: el cuerpo –como una práctica, un objeto cultural o una técnica– es una construcción social. Algunos prefieren decir que es una representación social, que da igual en este caso. Sea construcción o representación social, pareciera que cualquier perspectiva de las ciencias sociales tematiza el cuerpo de esta manera. Aquí se despiertan algunas preguntas que vengo formulando hace un tiempo: ¿qué significa decir que el cuerpo es una construcción social o una representación social? ¿Quién la construye o qué representa? *A priori*, lo que esconde esta afirmación es en realidad una serie de negaciones, que paso a detallar.

- Primera negación: el cuerpo es opuesto a “algo dado de antemano”. Esto es lo que indicaba antes como lo que comúnmente llamamos “natural”. Entonces, el giro culturalista signa que el cuerpo como construcción social significa la negación de que es solo estrictamente naturaleza.
- Segunda negación: el cuerpo no es algo *ex nihilo*. No proviene de la “nada”, sino que es resultado de procesos sociales.
- Lo cual lleva a la tercera negación: decir que el cuerpo es una construcción social implica saber que no es algo estrictamente permanente, sino que el cuerpo es contingente. Como diría George Vigarello, permanecen estructuras pero es maleable.

3 Este análisis sigue las líneas trazadas en “El concepto cuerpo en Pierre Bourdieu. Un análisis de sus usos, sus límites y sus potencialidades” (GALAK, 2010).



Como puede verse, este latiguillo de que “el cuerpo es una construcción social” sirve apenas para posicionarse frente a algunos de los principales signos modernos que porta el cuerpo: si para el pensamiento dominante el cuerpo moderno es natural, individual, material, palpable y presente, si para el pensamiento dominante el cuerpo moderno está inmerso en un dualismo que lo reduce siempre al segundo término –esto es, que ubica al cuerpo como segundo término, por debajo de sus relaciones dicotómicas (subsumido a la mente, la psiquis, el espíritu o la sustancia pensante), “accesorio”<sup>4</sup>–, entonces, decir que el cuerpo es una construcción social funciona apenas como una suerte de demarcación de lo que el cuerpo *no es*: decir que es una construcción implica decir que *no es* estrictamente naturaleza, natural, dado de antemano, permanente.

Inclusive esta afirmación mantiene algunos sentidos tradicionales, de los cuales las ciencias sociales parecen no poder despegarse: decir que el cuerpo “es” mantiene cierta idea de sustancia, de *res* en el sentido cartesiano, de esencia, de la cual pretendía evadirse rechazando su carácter de naturaleza, al mismo tiempo que alimenta cierta singularidad del cuerpo (“el” cuerpo) que reproduce la moderna separación sujeto-objeto que a la vez afirma su condición indisociable. Aquí, entre líneas, se lee el argumento de fondo de este escrito, que se basa en la interpelación del moderno pensamiento “yo soy mi cuerpo // yo tengo un cuerpo”. En la individuación del cuerpo, en su dependencia al yo, en su indivisión *objetiva* del sujeto, radica la razón principal por la cual en la actualidad reina un individualismo que hace del cuerpo su exponente primero. En última instancia, esta propuesta sigue la línea de Giorgio Agamben (2017, p. 17), cuando afirma que

La existencia –este concepto en todo sentido fundamental de la filosofía primera de Occidente– tiene que ver acaso constitutivamente con la vida. ‘Ser –escribe Aristóteles– para los vivientes significa vivir’. Y, siglos después, Nietzsche, precisa: ‘Ser: no tenemos de ello otra representación que vivir’. Sacar a la luz –por fuera de todo vitalismo– el íntimo entrecruzamiento de ser y vivir: esta es hoy, por cierto, la tarea del pensamiento (y de la política).

Doy un paso más: decir que es una “construcción” mantiene cierto rasgo de materialidad como *algo*.<sup>5</sup> De hecho, más que “es” como una existencia o una forma, los cuerpos son contingencia: son *un estar siendo*, en movimiento, nunca novedad pero tampoco de una vez y para siempre. Los cuerpos están contingentemente siendo construidos socialmente. Pero allí no terminan los cuestionamientos: el cuerpo como construcción social resulta un significativo vacío si no entendemos qué es eso “social” que se construye. ¿A qué sociedad refiere? ¿Todo el conjunto social tiene la misma construcción? ¿Somos todos cortados por la misma tijera social? Entonces, ¿somos todos iguales? Y si somos diferentes, ¿cada uno tiene su propia construcción social? ¿Pertenece a sociedades unipersonales? Por otro lado, si somos diferentes decir algo acerca de “lo social” no

4 Como se esbozó en indagaciones pasadas (Galak, 2009), para el pensamiento dominante el cuerpo moderno es “accesorio”, en su doble acepción de “secundario” y de “utilitario”.

5 Más aún, podría preguntar por *sobre* qué se sostiene esa construcción, cuál es la base sobre las que se erigen esas *paredes* conceptuales, en dónde se para el Atlas que sujeta el mundo, y entonces la pregunta puede exponencialmente derivarse en una ingobernable búsqueda del sentido del sentido.





puede ser sólo decir algo acerca de lo que la sociedad entiende como legítimo o dominante, porque si esto es así, ¿no vale la pena pensar aquellas significaciones de pequeños grupos, de “tribus urbanas”, de colectivos contra-hegemónicos, porque no son construcciones sociales legitimadas?

Las preguntas continúan pero lo cierto es que, como afirmación nodal, decir que el cuerpo es una construcción social, así, *a secas*, implica naturalizar lo social. Dicho de otro modo, y acá está la clave: lo social no puede ser un universal. Así como el cuerpo no puede ser universal, tal como su naturalización y materialización establecen.

### *Acerca de lo que no es un cuerpo*

Ahora bien, quisiera complejizar esta cuestión de la siguiente forma: no la pregunta por qué es construcción o representación social, sino qué *no es* una construcción o una representación social. Porque si todo es una construcción social, qué sentido tiene definir que algo tiene esa característica, sino define nada: si todo es una construcción social, entonces esa afirmación no distingue “algo” de “otra cosa”, volviendo así al problema de crear un universal. Por lo tanto, la propuesta de esta intervención se dirige a buscar una suerte de exterior constitutivo que permita definir qué es el cuerpo a partir de pensar *qué no es* el cuerpo.<sup>6</sup>

Responder a esta cuestión es complejo, especialmente por la contingencia de cualquier afirmación, pero quisiera partir de un enunciado: como no quiero concebir que lo que no es una construcción social de los cuerpos son *los restos de lo social*<sup>7</sup> o el cuerpo como naturaleza, a los fines de esta presentación, pensar *qué no es* el cuerpo significa pensar *qué no es* legítimo de lo corporal. Como se afirmó, el interés está centrado en esbozar que lo que entendemos por cuerpo – y por ende lo que entendemos que *no es* cuerpo – está condicionado por una homogeneización de las percepciones sobre lo corporal, y entonces quisiera interpelar cómo se configura una universalización estética que produce simultáneamente cuerpos legítimos y cuerpos abyectos. Esto es, qué cuerpos son visibles, qué cuerpos no son visibles y qué cuerpos son invisibles.

Para el objetivo trazado propongo analizar los modos de mostrar los cuerpos en el cine documental, que es el primer artefacto cultural en masificar un modo de ver los movimientos de los cuerpos. Es decir, es la primera vez que se registra y se reproduce el movimiento, y por ende puede editarse qué movimientos y qué cuerpos son correctos, y performativamente qué movimientos y qué cuerpos no son correctos. En la secuencia de fotogramas estudiados es posible observar imágenes documentales de cuerpos educados –esto es, cuerpos que se presuponen correctos, cuerpos pasibles de ser mostrados–. Son imágenes que exhiben prácticas corporales culturalmente valoradas: desde

<sup>6</sup> En este punto, además de las reflexiones teóricas, el análisis se apoya performativamente en la proyección de una serie de imágenes de filmes que acompañan las reflexiones que aquí se esbozan. Los fotogramas analizados corresponden a los largometrajes documentarios *Chelovek Kinoapparatom* (Dziga Vértov, 1929) y *Olympia 2 - Fest der Schönheit* (Leni Riefenstahl, 1938), y a los noticieros cinematográficos *Les Actualités françaises* (Pathé Journal, circa 1940), *Sucesos Argentinos* (Antonio Ángel Díaz, 1943 y 1950) y *Giornale LUCE* (1932).

<sup>7</sup> Acá puede establecerse un puente teórico con la idea que esboza Ricardo Crisorio en “Educación Física y biopolítica”, y tensionarse con su afirmación de que “Si, como pensaba Heidegger, pensar el universo sin el mundo es pensar apenas los restos del mundo, pensar el organismo sin el cuerpo es pensar tan sólo los restos del cuerpo” (2007: 77).





actividades físicas de entrenamiento, juegos, gimnasias, clases escolares de Educación Física, actividades recreativas, colonias de vacaciones, el ocio en el veraneo, entre otras.

Comienzo por establecer como reflexión primera que todas las imágenes analizadas son registros cinematográficos documentales. Es decir, no fueron producidas para la cámara, sino que la cámara tomó un registro documental de un evento social o cultural. Son imágenes de lo que se llama documentales o docudramas, que son una mezcla de imágenes que registran documentalmente una parte y reconstruyen otras ficcionalmente. Forman parte del corpus imágenes de dos filmes docuficcionales de los más reconocidos de los años 1920 y 1930: “*Chelovek Kinoapparatom*” (traducido como “El hombre de la cámara”, realizada por el gran cineasta ruso Dziga Vértov en 1929), que narra de una manera no lineal ni cronológica la perspectiva de un operario soviético común sobre la cotidianidad, analizando específicamente la parte dedicada a las prácticas corporales y a la recreación, y “*Olympia 2 - Fest der Schönheit*”, de Leni Riefenstahl en 1938 –traducido como la “Fiesta de la belleza”–, en la cual se observa en el famoso largometraje sobre los Juegos Olímpicos de Berlín de 1936 una secuencia de imágenes, en su inicio, de hombres bañándose entre sí, desnudos.<sup>8</sup> A su vez, se recopilaron fotogramas de “noticieros cinematográficos”, que consiste en un género ya extinto que era que en casi todos los países occidentales era obligatorio pasar antes de las películas las noticias filmadas.

Imagen de *Chelovek Kinoapparatom*, Dziga Vértov, 1929



Es importante decir que se seleccionaron imágenes que se proyectaron públicamente en los cines en el segundo cuarto del siglo XX, que es el momento en que asistir al cine se convirtió en la principal salida cultural en la mayoría de los países, constituyéndose la cinematografía en general, y el género documental en particular, como el primer artefacto cultural que permitía masificar visualmente una idea en movimiento. Lo cual es

<sup>8</sup> La imagen de apertura de *Fest der Schönheit* muestra un retorno a cierta la naturaleza que Riefenstahl quería imprimir a las actividades físicas, con una imagen de un bosque y hombres desnudos, que se lavan los unos a los otros, en una referencia al amor por los iguales sin un apelo homosexual. Agradezco a Alexandre Fernandez Vaz por este señalamiento.



clave para entender el trasfondo de estas palabras: las imágenes fueron pensadas para ser reproducidas, en una suerte de resignificación del sentido esgrimido por Comenio en su *Didáctica Magna* para los sistemas educativos, de transmitir “todo, para todos y al mismo tiempo”.

Imagen de *Olympia 2 - Fest der Schönheit*, Leni Riefenstahl, 1938



Es importante tener en cuenta que estas imágenes pueden ser transmitidas simultáneamente en diferentes lugares, y son siempre las mismas imágenes. Vale recordar aquí las palabras de Walter Benjamin (2012) acerca de las artes mecánicas, como el cine o la fotografía, que pierden el sentido de originalidad: proyectadas y reproducidas, son siempre las mismas. De hecho, el propio Benjamin afirma que esa pérdida de originalidad de la obra y su condición mecánica generan la posibilidad de una “reproductibilidad técnica”, y que eso a la vez produce la posibilidad de una “reproducción política”. Bien lo sabía Benjamin que denunciaba el uso de la cinematografía por parte de los regímenes totalitarios como medio para la propaganda política. También lo sabían, por caso, en la presidencia de Juan Domingo Perón en Argentina en 1952 cuando en el Segundo Plan Quinquenal esboza que la cinematografía es un poderoso “auxiliar de enseñanza”, no solamente encargándose del fomento y masificación de noticieros cinematográficos, sino también de una política de producción de la cinematografía educativa en general.<sup>9</sup>

Dicho de otra manera, Benjamin explica que el desarrollo de las artes mecánicas como el cine o la fotografía produjo la posibilidad de la masificación de mensajes políticos cargados de una dimensión estética hasta entonces inédita. Y eso es justamente lo que presento como la posibilidad de una “universalización estética”, que es la posibilidad de que cuando observamos una misma imagen tendamos a ver lo mismo, a percibir análogamente puntos de vista semejantes. Esta universalización estética es, en rigor de verdad, la pérdida misma del sentido estético: dejo planteado aquí que justamente la

<sup>9</sup> Para un análisis detallado de la relación entre la cinematografía educativa y el peronismo puede verse “La educación de los sentidos en la Argentina de Perón. El caso de la revista Noticioso y la cinematografía escolar” (GALAK y ORBUCH, 2018).



estética es lo que permite un extrañamiento con el mundo, es lo que nos permite ver lo que no está allí presente. Si la estética es la presencia de algo que no estaba ahí o que no debería estar ahí, rompiendo con la tendencia, con lo semejante a sí mismo, y si la estética es a la vez el efecto de un extrañamiento, entonces la universalización estética es en realidad una universalización de los sentidos sobre la estética, que significa a la vez la pérdida del sentido estético.<sup>10</sup> Podríamos decir que es, en síntesis, la radicalización de lo que Jacques Rancière (2014) denomina como el “reparto de lo sensible”, la (di)visión entre lo que se puede decir y lo que no, lo que se puede ver y lo que no.

Imagen de *Olympia 2 - Fest der Schönheit*, Leni Riefenstahl, 1938



Esto a la vez es el efecto de la configuración de una percepción común: la homogeneización de modos de ver. En este caso, es la homogeneización de las percepciones sobre lo corporal: que lo estético referido al cuerpo se perciba como análogo, como siempre relativamente lo mismo, siempre ligado a la belleza: que el sentido de belleza sea *para todos lo mismo*, e incluso que la estética de lo corporal sea interpretada como natural.

Teniendo esto como telón de fondo, quisiera exponer que el recorte de los extractos filmicos presenta imágenes en movimiento que tienen algo en común: *simplemente* me llamaron la atención. El lector puede pensar que es un criterio demasiado subjetivo para ser analizado objetivamente, lo cual es en parte cierto. Pero también es cierto que es posible observar estas imágenes e interpelar algunos sentidos de por qué pueden llamarnos la atención. Y ahí emergen una serie de categorías que son las que expreso como modos del cuerpo abyecto, o simplemente “acerca de lo que *no* es un cuerpo”. Es que no

<sup>10</sup> Cabe aquí una digresión: no por acaso en las artes se utiliza el concepto de performance, de que algo se produce en el mismo acto, generalmente entendiendo ese “algo” como *la praxis* de un cuerpo: prácticas del cuerpo que generan extrañamientos de/en los cuerpos.



deja de resultarme extraño ver imágenes *públicas* de un beso en la boca entre dos niños hermanos, mostrar la desnudez “sin tapujos”, incluso con menores de edad desnudos junto con mayores igualmente desvestidos, hombres bañándose entre sí sin un apelo a la homosexualidad, entre otras”.

Imagen de *Les Actualités françaises*, Pathé Journal, circa 1940



Lo que encuentro más interesante de esto son dos cosas: por un lado, que son imágenes de las décadas de 1920 y 1930, lo cual choca con cierta creencia de que nuestras sociedades evolucionaron a sentidos “más libres”. Por el contrario, estas imágenes nos muestran lo regulados que estamos, que hoy no se puede hacer pública la imagen de un menor desnudo, que el beso entre dos mujeres en una ficción televisiva conlleve notas periodísticas que lo destaquen (cosa que no sucede con el beso heterosexual), que se desregule la desnudez pero al mismo tiempo se ejerza una incomprensible persecución sobre el pezón únicamente femenino. Pero también, por otro lado, que todas las imágenes están mezcladas en el montaje de otras imágenes más familiares, que no nos llaman tanto la atención, haciendo que sean todas iguales. Es decir, no es que son imágenes mostradas por su particularidad, sino como parte de un registro documental general.

Es que justamente este extrañamiento es un extrañamiento a cuestiones incorporadas que damos por sabidas, un extrañamiento que produce ese sentimiento a la vez de rareza pero también de fascinación. La risa, la sorpresa, el asombro o la fascinación que pueden despertar las imágenes es la exteriorización de una incomodidad en la percepción, es la manifestación de que encontramos algo donde no debía estar: es justamente la presencia de algo que no denuncia ese algo, sino que evidencia a quien lo está observando, a quien percibe que eso que está ahí no es natural que esté ahí. Es, en definitiva, la confirmación de que hemos incorporado una homogeneización de la percepción sobre lo corporal, que es precisamente lo que denominamos como “efecto de naturalización”, que es que cuando vemos una imagen tendemos a ver cuestiones análogas.



Imagen de *Sucesos Argentinos*, n° 265, 18/12/1943



Estas reflexiones se inscriben en tratar de *recordar la historia por la que olvidamos* estas prácticas de los cuerpos que aparecen en estas imágenes, que si bien son cotidianas, no son comunes de observar en públicamente. Retomo uno de los sentidos que las imágenes ponen en juego: el doble carácter de *lo público* que exponen. Son imágenes filmadas en lugares públicos y son registradas para ser mostradas en lugares públicos (incluso con público en el sentido de espectadores). Ello no es menor porque se configura una suerte de cuerpo público y de cuerpo privado. De allí que podamos concebir que imágenes asociadas a la sexualidad, a la desnudez, a lo escatológico –incluso a los órganos internos o a la sangre, en sentido general o en casos particulares, como la menstruación– sean no-públicas, que lo interno sea sinónimo de lo privado. Eso configura y a la vez es configurado por la constitución moderna de un interior y un exterior del cuerpo, que a la vez instituye un exterior del cuerpo como lo público y de un interior como lo privado, distinguiendo con ello qué puede ser mostrado y qué no, precisamente, *en público*. Es decir, estableciendo performativamente un cuerpo político público externo y un cuerpo privado no-político. Es eso justamente, según la tesis que establezco, lo que *no es* un cuerpo.

### ***Homogeneización de la percepción sobre lo corporal***

Antes de pasar al cierre, quisiera esbozar un tercer punto, que es que esa homogeneización de la percepción sobre lo corporal encuentra su razón en que el cine informativo documental –y especialmente el género de noticieros cinematográficos– supuso una centralizada y oficial pedagogía de la imagen. Puede interpretarse que las imágenes informativas documentales afianzaron esa idea moderna de que *hay* –como esencia inmanente– algo público y algo privado respecto de lo corporal. Retomando el sentido que esboza Jacques Rancière como ese “reparto de lo sensible”, que divide entre lo que se puede decir y lo que no, lo que se puede mostrar y lo que no, lo que en este caso le



corresponde a una sensibilidad de un *cuerpo público* y otra sensibilidad que forma un *cuerpo privado*.

Pero a la vez ese cuerpo que se muestra moviéndose forma parte de, como diría Ernst Kantorowicz en su teoría política medieval, un cuerpo que es superior, inmortal, colectivo, que trasciende la individualidad biológica anatómica. Como una suerte de causa y consecuencia, en las imágenes podemos ver cómo se produce una sinonimia del cuerpo público con el cuerpo colectivo, y entonces esos cuerpos que se muestran, ese cuerpo público colectivo, representa el *cuerpo “argentino”* –o italiano, español, portugués, da igual en este caso–.

Imagen de *Sucesos Argentinos*, n° 625, 21/11/1950



El punto aquí es entender que eso que se percibe en las imágenes como modelo de “cuerpo argentino” tiene su correlato con lo que se proyectaba por los mismos años en diversos países. De hecho, el modo de narrar estas imágenes de cuerpos moviéndose fue importado a la Argentina desde Europa, especialmente de los modelos de país que los argentinos tenían por aquellos años debido a la histórica inmigración: España e Italia, e incluso podemos incluir aquí imágenes alemanas o francesas, que tuvieron mucha influencia.

Precisamente es hacia esto que se dirige la tercera parte de este escrito: la cuestión transnacional de una homogeneización de los modos de mostrar los cuerpos educados.<sup>11</sup> Quien vea imágenes de cine documental informativo argentino referidas a prácticas corporales como muestras gimnásticas muy posiblemente piense en fotogramas semejantes importados de regímenes totalitarios fascistas, como el alemán o el italiano. Es que justamente pueden establecerse relaciones con la producción europea estatal de

<sup>11</sup> Los párrafos que siguen se limitan a pensar las imágenes cinematográficas de los modos de moverse correcto, obviando que también existió una fuerte influencia de métodos gimnásticos europeos importados hacia contextos latinoamericanos. Al respecto puede verse, para el caso brasilero, “Educação Física. Raízes Europeias e Brasil” de Carmen Soares (2004), y para el argentino “Tras las huellas de la Educación Física Escolar Argentina. Cuerpo, género y pedagogía. 1880-1950” de Ángela Aisenstein y Pablo Scharagrodsky (2006).



propaganda cuando se exhiben este tipo de actividades físicas masivas, pudiéndose percibir en estos casos una fuerte influencia en los noticieros cinematográficos argentinos del LUCE italiano, de “L’ Unione Cinematografica Educativa”, fundada como órgano de propaganda oficial del fascismo italiano en 1920. Es posible observar una estrecha relación de estas imágenes con las producidas por el “*Giornale LUCE*” y especialmente con la experiencia italiana del *Cine GIL*, el cine informativo documental de la *Gioventù Italiana del Littorio*: surgida de las cenizas de la *Opera Nazionale Balilla*, una organización juvenil de fuerte apoyo estatal por parte de Benito Mussolini, que se caracterizó por desarrollar actividades masivas con jóvenes, favoreciendo el entrenamiento físico militarista mediante discursos chauvinistas, la Juventud Fascista Italiana editó entre 1940 y 1943 su noticiero cinematográfico. Además de lo que esbozan otras investigaciones (Aisenstein & Scharagrodsky, 2006; Galak, 2012), las imágenes muestran que la *Opera Nazionale Balilla* no sólo importó a la Argentina modos correctos de moverse sino también modos correctos de percibir esos movimientos: una educación de los cuerpos análoga a una formación de las sensibilidades.

Imagen de *Giornale LUCE*, 1932



De allí que sea identificable un diálogo transnacional del cine informativo, entre la experiencia argentina y la de otros países, especialmente europeos, como el LUCE, aunque también se podría mencionar el “NO-DO” español o las “*Actualités Pathé*” francesas.

### *Un cierre que abre*

Quisiera cerrar pensando que si la cámara es el umbral de lo visible, como esboza Jacques Rancière (2013), por lo tanto: ¿qué queda por fuera del marco del lente de la cámara? ¿Qué no entra dentro de las imágenes de cuerpos moviéndose? ¿Qué *no es* un cuerpo? Porque si lo que la cultura reproduce dentro del marco de la pantalla es lo que se interpreta *socialmente como un cuerpo*, legitimado cuerpos, lo que queda fuera del



marco del *umbral de lo visible* es lo “privado-interno”, sea la sangre o las vísceras, sea un pezón o el deseo sexual, sea “lo deforme”, sea algo tan “natural” y “universal” como los sentimientos, y entonces, con tal criterio, no es absurdo pensar en este registro que el gobierno de las pasiones o la educación de las sensibilidades significa haber incorporado una homogeneización de las percepciones sobre lo corporal. Y la imagen en movimiento (como las del cine) supone otro pliegue del triunfo del modo argumental cientificista, que radica en haber instaurado su modo de verdad como verdadero, y de ese modo, así como para la ciencia, son también características del modo de percibir los cuerpos y sus movimientos la homogeneidad y la simultaneidad.

Con ello se pierde la posibilidad de distinguir lo particular y se proyecta con toda *su grandeza* la preponderancia de lo universal. En otras palabras, el cuerpo político y estético correcto es el cuerpo universalizadamente homogéneo. Y acá se manifiesta precisamente lo transnacional: en un doble juego de particular y universal, se produce una percepción de que lo universal del cuerpo y del movimiento es un particular de cada país, y entonces se puede pensar en cómo se construye un cuerpo educado “argentino”, “italiano” o “portugués”. Pero también lo particular de cada cuerpo se presenta como un universal a partir de cada uso político, y así se ve cómo se reproduce lo mismo para educar ese cuerpo “argentino”, “italiano”, “español” o “portugués”, y de este modo la subjetividad se subsume a la voluntad colectiva.<sup>12</sup>

En definitiva, en las imágenes se puede observar alternadamente lo masivo y lo individual, montajes que juegan del plano general y del plano de conjunto, al plano corto. Puede interpretarse que como parte de la resignificación entre lo masivo, lo local y lo público se exhibe como concepto clave la idea de una simetría: hay una simetría en los movimientos que se muestran, con los cuerpos haciendo simultáneamente lo mismo, una simultaneidad y una homogeneidad que es una resignificación de ese sentido comeniano que decía al comienzo: *todo, para todos y al mismo tiempo*. Pero también una simetría como valor moral, puesto que ese “hacer lo mismo al mismo tiempo” funciona también como mandato moral para todos, como mecanismo de control en tanto política transnacional percibida como mandato local.

Cierro reafirmando que en todos los casos las imágenes no fueron producidas para el lente de la cámara. Sin embargo, en todos los casos sí fueron editadas: esto es, pasaron por un montaje que es posterior al registro mismo de las imágenes. Esto es lo que Gilles Deleuze (2009) llama la “idea” del cine, que es el momento en el cual se funde la imagen y el movimiento para generar una “imagen-movimiento”. Justamente a esto Deleuze denomina como la revolución técnica y filosófica del cine, que rompe con las distancias de los fotogramas, retomando así la “teoría de los intervalos” del mencionado Dziga Vértov, para quien lo importante en el cine no es el movimiento ni el fotograma sino el intervalo entre las imágenes. De hecho, para Vértov el montaje es la “organización del mundo visible” (1973: 80), algo que en el caso de las imágenes analizadas podría hacernos pensar que en el registro documental lo ficcional está en cómo se ordenan las imágenes, en la idea y en el discurso que reproducen.

12 Según el contexto, en algunas épocas estos discursos adoptaron la forma de un mejoramiento de la raza o de perfeccionamiento de la patria.



Lo interesante aquí es pensar que esa “organización del mundo visible” es también la organización de un mundo sensible, y que a la vez puede ser organizado de otra manera. Que ese “umbral de lo visible” genera un marco que deja cosas (cuerpos) dentro y fuera, legitimando y deslegitimándolos. En definitiva, que eso que percibimos que *va de suyo* que es así o aquello que nos produce extrañamientos nos muestra la materialidad y permanencia de la presencia de las estructuras que hemos naturalizado, que hemos incorporado, que hemos hecho cuerpo.

## REFERENCIAS

- Agamben, G. (2017). *El uso de los cuerpos*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora.
- Aisenstein, Á. y Scharagrodsky, P. (2006). *Tras las huellas de la Educación Física Escolar Argentina. Cuerpo, género y pedagogía. 1880-1950*. Buenos Aires: Prometeo.
- Benjamin, W. (2012). *La obra de arte en la era de su reproductibilidad técnica y otros textos*. Buenos Aires: Godot.
- Bourdieu, P. (1999). *Meditaciones pascalianas*. Barcelona: Anagrama.
- Bracht, V. (2003). *Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Unjuí: Ijuí.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós.
- Crisorio, R. (2007). Educación Física y biopolítica. *Revista Temas & Matices*, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), n.11, pp.67-78.
- Deleuze, G. (2009). *Cine I: Bergson y las imágenes*. Buenos Aires: Cactus.
- Galak, E. (2009). “El cuerpo de las prácticas corporales”. En Crisorio, R. y Giles, M. (ed.), *Educación Física. Estudios Críticos en Educación Física* (271-284). La Plata: Al Margen.
- Galak, E. (2010). “El concepto cuerpo en Pierre Bourdieu. Un análisis de sus usos, sus límites y sus potencialidades”. Maestría en Educación Corporal, Universidad Nacional de La Plata.
- Galak, E. (2012). “Del dicho al hecho (y viceversa). El largo trecho de la construcción del campo de la formación profesional de la Educación Física en Argentina. Legalidades, legitimidades, discursos y prácticas en la institucionalización de su oficio entre finales del siglo xix y el primer tercio del XX”. *Tesis de Doctorado en Ciencias Sociales*, Universidad Nacional de La Plata.
- Galak, E. (2015). “Esbozos de una teoría de la práctica de educar. Pierre Bourdieu, educación de los cuerpos, violencia y capital simbólico”, en *Revista Tempos e Espaços em Educação*, vol. 8, nº 15, pp. 133-144.
- Galak, E. y Orbuch, I. (2018). “La educación de los sentidos en la Argentina de Perón. El caso de la revista *Noticioso* y la cinematografía escolar”. *Paedagogica Historica*, DOI: 10.1080/00309230.2018.1499784.
- Rancière, J. (2011). *El destino de las imágenes*. Buenos Aires: Prometeo.
- Rancière, J. (2013). *Figuras de la historia*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editor.
- Rancière, J. (2014). *El reparto de lo sensible. Estética y política*. Buenos Aires: Prometeo.
- Soares, C. (2004). *Educação Física. Raízes Europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados.
- Vértov, D. (1973). *El cine ojo*. Madrid: Fundamentos.



### ***Sobre o autor***

Profesor en Educación Física, Magíster en Educación Corporal y Doctor en Ciencias Sociales por la Universidad Nacional de La Plata (Argentina), con post-doctorado em Educação, Conhecimento e Integração Social (UFMG-Brasil). En la actualidad es Investigador Adjunto del CONICET (Argentina). Ejerce la docencia actuando en grado y posgrados. Es autor del libro “Educar los cuerpos al servicio de la política. Cultura física, higienismo, raza y eugenesia en Argentina y Brasil” (2016) y compilador de “Cuerpo y Educación Física. Perspectivas latinoamericanas para pensar la educación de los cuerpos” (2013) y “Cuerpo, Educación, Política: tensiones epistémicas, históricas y prácticas” (2015), así también como de diversos artículos y capítulos de libro en los que trabaja la relación entre educación del cuerpo y (re)producción política, principalmente a través de analizar genealógicamente discursos referidos a la formación profesional, a la estética, al cine, al cientificismo, a la salud e higiene públicas y al mejoramiento de la raza.



## A Resistência do corpo\*

*Antonio Donato\*\**

*Leonardo Tonelli\*\*\**

### Resumo

Este ensaio teórico propõe um conjunto de reflexões críticas sobre a educação física enquanto disciplina, através uma leitura das formas com as quais ela age sobre os corpos conforme aos projetos políticos e socioeconômicos que a sustentam. Legitimado por dispositivos institucionais, como por exemplo a escola, esta prática tem o poder de controlar, normalizar, determinar os corpos, reproduzindo modelos funcionais ao sistema socioeconômico. Através das práticas de saber e poder da educação física sobre o corpo, ocorre uma de-subjetivação, dentro da qual condutas, comportamentos e hábitos acabam sendo naturalizados. Ao longo do texto são apresentadas algumas pistas teóricas para tentar desmascarar os assuntos ideológicos que determinam a disciplina educação física, e ao mesmo tempo para repensá-la como campo de resistência aos dispositivos normalizadores, a partir do paradigma antropológico da incorporação.

**Palavras-chave:** Incorporação, Educação física; Corpo; Resistência.

\* Os dois autores italianos fazem parte da Associação “Leib, il corpo che resiste”, nascida na cidade de Bolonha (Itália) em 2016 a partir das experiências do Coletivo Tommie Smith, com o objetivo de desenvolver reflexões e práticas transformativas sobre o corpo e sua força instituinte, nos campos da formação, da pesquisa e das intervenções sociais, especialmente por meio do esporte popular e de práticas corporais. A Associação Leib acompanha e apoia as atividades do Laboratório Ítalo-Brasileiro de Formação e de Práticas em Saúde Coletiva. No fevereiro de 2018 a Associação Leib organizou em Bolonha o Seminário “Cosa può un corpo? Saperi e pratische”, que hospedou palestrantes internacionais interessados em discutir práticas corporais e corporalidade de forma crítica e transformadora. A partir da experiência do seminário foi possível desenvolver este dossiê, que recolhe algumas das contribuições dos autores que participaram do evento e outras que se agregaram para integrar o trabalho.

\*\* Università degli Studi di Padova. Padova, Italia.

E-mail: antonio.donato@phd.unipd.it. <http://orcid.org/0000-0002-9942-2064>.

\*\*\* Associação Leib Cidade. Bologna, Italia.

E-mail: toneleo.90@hotmail.it. <http://orcid.org/0000-0002-8575-6733>.

## *La resistencia del cuerpo*

### **Resumen**

Este ensayo teórico propone un conjunto de reflexiones críticas sobre la educación física como disciplina, a través de una lectura de las formas con las que actúa sobre los cuerpos conforme a los proyectos políticos y socioeconómicos que la sostienen. Por lo que se refiere a la enseñanza, esta práctica tiene el poder de controlar, normalizar, determinar los cuerpos, reproduciendo modelos funcionales al sistema socioeconómico. A través de las prácticas de saber y poder de la educación física sobre el cuerpo, ocurre una de-subjetivación, dentro de la cual conductas, comportamientos y hábitos acaban siendo naturalizados. A lo largo del texto se presentan algunas pistas teóricas para intentar desenmascarar los asuntos ideológicos que determinan la disciplina educación física, y al mismo tiempo para repensarla como campo de resistencia a los dispositivos normalizadores, a partir del paradigma antropológico de la incorporación.

**Palabras Clave:** Incorporación; Educación Física; Cuerpo; Resistencia.

## *The resistance of the body*

### **Abstract**

This theoretical essay proposes a set of critical reflections on physical education as a discipline, through a reading of the ways in which it acts on the bodies according to the political and socioeconomic projects that support it. Legitimate by institutional devices, such as the school, this practice has the power to control, normalize, determine bodies, reproducing functional models to the socioeconomic system. Through the practices of knowledge and power of physical education on the body, there is a de-subjectivation, within which behaviors, behaviors and habits end up being naturalized. Throughout the text are presented some theoretical clues to try to unmask the ideological issues that determine the discipline physical education, and at the same time to rethink it as a field of resistance to the normalizing devices, from the anthropological paradigm of incorporation.

**Key-Words:** Incorporation, Physical Education, Body, Resistance.





## Introdução

*“Certo bisogna farne di strada  
da una ginnastica d’obbedienza  
fino ad un gesto molto più umano  
che ti dia il senso della violenza...”*  
(F. De André - Nella mia ora di Libertà)

As reflexões que seguem afetam o complexo campo da educação física enquanto “disciplina” do corpo<sup>1</sup>, entendida como prática dinâmica de poder e de saber, caracterizando-a como dispositivo de domínio e controle. Ou seja, no sentido de Giorgio Agamben, é uma prática do corpo que tem a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos, mas também, na perspectiva de Deleuze, a possibilidade de agir neles. Como destacado pela genealogia foucaultiana sobre a “descoberta” moderna do corpo como objeto do saber e alvo do poder, os dispositivos institucionais, através de um articulado sistema de técnicas, procedimentos e metodologias, respondem a uma economia política focada na multiplicação das forças produtivas e a preservação das relações de dominação. Tudo isso produz, no caso da educação física, uma (des)subjetivação, ou melhor uma forma de subjetivação sujeitada, voltada para a produção de um trabalhador politicamente dócil e economicamente profícuo (FOUCAULT, 1976), capaz de tornar produtivas atividades que, à princípio, não seriam produtivas, como por exemplo o esporte (BOURDIEU, 1978). A praticabilidade política e social da educação física está ligada com a sua legitimidade dentro dos dispositivos institucionais, quais o exército, a escola, as fábricas, as prisões e os hospitais (KIRK, 1998), que agem sobre os corpos normalizando as atitudes e os comportamentos para perseguir um projeto econômico e político de construção de um corpo dócil, útil e produtivo<sup>2</sup>.

O poder estudado por Foucault, não é simplesmente violento, mas é capaz de induzir efeitos produtivos, de fazer “ver e falar” que, em particular a partir da influência do neoliberalismo, a disciplina foi flanqueada por dispositivos biopolíticos nos quais os corpos vem sendo incitados, gerenciados, orientados e submetidos por um poder internalizado no próprio corpo, como por exemplo acontece na perspectiva do *fitness*.

As reflexões aqui apresentadas pretendem marcar alguns pontos que podem ajudar a educação física a sair do status de “disciplina” do corpo para se tornar um espaço de

1 Com o termo “disciplina do corpo” queremos identificar de forma ambivalente, seja uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder, seja a gênese de um conhecimento sobre o corpo como uma específica disciplina de ensino que com o passar do tempo, através uma série de instrumentos, técnicas, procedimentos e métodos foi institucionalizada com o nome de educação física.

2 Sobre a dicotomia produtivo/improdutivo para compreender a forma como o trabalho pedagógico se materializa na prática social das atuais condições da educação brasileira, inserida no seio do modo de produção capitalista, destacamos os trabalhos sobre a escola de FRIGOTTO, G. (1999) A produtividade da escola improdutivo. São Paulo: Cortez; e mais especificamente sobre educação física a obra de FRIZZO, G. (2008) A produtividade da Educação Física improdutivo, Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 209-232



subjetivação em que os corpos possam liberar a sua grande força instituinte<sup>3</sup>. O objetivo desse trabalho não é politizar a educação física, pois ela já está fortemente politizada, mesmo inconscientemente, inclusive pela ideologia burguesa-capitalista. Contrariamente, este artigo pretende estimular uma reflexão crítica para desmascarar os assuntos ideológicos que influenciam as práticas dessa disciplina que, (re)produzem *habitus* funcionais ao sistema sociopolítico e econômico.

Tais reflexões, partem de problematizações de carácter antropológico, político e social e pretendem conectar-se com diferentes áreas de pesquisa, como por exemplo os *Cultural Studies* que surgiram na Inglaterra na década de 1950<sup>4</sup> e com a produção do movimento brasileiro de pesquisadores da educação física, automeado Movimento Renovador, que aconteceu no Brasil na década de 1980. A intenção deste trabalho é manter o foco nos processos sociais e políticos que investem o corpo, para desmontar o determinismo biológico (mas também o cultural), e repensar a educação física metodologicamente a partir do paradigma antropológico da incorporação (CSORDAS, 1990) e da ação da agência, pela qual as ações humanas estão dialeticamente conectadas a estrutura social, resistindo a relações específicas de poder e subordinação não somente de forma racional, mas também como uma verdadeira crítica encarnada.

### *Educação física como “técnica de governo” do corpo*

Querendo subtrair o corpo do determinismo biológico que limita a ação social da educação física, é necessário antes de tudo desmascarar a ideologia cientificista dominante que o legitima, desenvolvida a partir da dicotomia cartesiana entre mente e corpo, que sobrepõe este último com o organismo biológico. Com particular referência às políticas da biomedicina, é interessante notar como agem sobre os comportamentos ditos “anormais”, patologizando-os e medicalizando-os, fazendo com que o corpo, o normal e o patológico se tornem “biologicamente funcionais” (ONG, 1987) para o sistema econômico e sociopolítico.

A patologização do anormal é um mecanismo de defesa e instrumento de controle social capaz de construir novas formas de autoridade política voltado para a normalização do sujeito e a sua re-inclusão dentro do sistema (ROSE, 1996, p.196).

Mas como isso se reflete no campo da educação física? Para identificar essas conexões é particularmente interessante analisar uma das “doenças” do movimento mais discutidas in hoje: a síndrome TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), sobretudo em relação com o ambiente escolar. Para compreender essa patologia e a sua “cientificidade”, temos que partir das definições oficiais fornecidas respectivamente pelo manual diagnóstico CID-10 (Classificação Internacional de Doenças)

3 Com esse termo nos queremos falar do impulso transformativo que se opõe dialeticamente com o instituto, que ao contrario procura preservar a situação como ela é.

4 Os *Queer Studies* e os *Disability Studies* serão tratados mais especificamente ao longo do texto. Apesar dos *Physical Cultural Studies* representarem também uma contribuição central para este assunto, os autores escolheram não aprofundar estes últimos, que precisariam de uma ampla análise não conciliável com o espaço desta escrita, para serem devidamente apresentados.



e DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais)<sup>5</sup>. Essas definições<sup>6</sup>, mesmo assumindo uma causalidade orgânica como origem da doença, constituem exclusivamente descrições do comportamento, totalmente abstraídas do contexto sociocultural da pessoa para legitimar uma perspectiva biomédica. Os demais determinantes estruturais, sociais ou culturais que levam a pessoa a aquele comportamento em um específico contexto institucional, são ignorados e reduzidos a um papel secundário ou não influente.

Esse assunto sobre a patologização e medicalização do movimento é particularmente interessante do ponto de vista da educação física, na perspectiva de que ela seja entendida como uma *técnica de governo* do corpo, após a forte influência social das assim chamadas “disciplinas *Psy*”<sup>7</sup>, que redefinem a subjetividade em termos psicológicos e neuroquímicos (ROSE, 2007). Essa perspectiva biomédica de leitura do movimento humano, reduz o corpo à “organismo motor” (DE MENNATO, 2004), e foca a sua intervenção social no si neuronal, reconfigurando a educação física na perspectiva das políticas da vida, técnicas de poder biopolíticas que possibilitam novas formas de governo dos corpos e de lucro econômico.

A instituição, que nesse caso seria a escola, chama em causa as ciências psiquiátricas, através da gestão terapêutica do si, para normalizar os comportamentos sociais fora da norma: «Por um lado o poder escolar representa uma realidade que legitima o poder psiquiátrico como meio para poder identificar e especificar aqueles que são definidos os retardados mentais; por outro lado, o poder psiquiátrico permite o funcionamento da realidade escolar<sup>8</sup>» (FOUCAULT, 2010, p. 201). Paralelamente, a crescente biologização da psiquiatria, através da sua estreita ligação com o tratamento farmacológico, alimenta a comercialização de medicamentos direcionados às problemáticas ligadas ao comportamento, produzindo um processo ético-político que se manifesta sob a forma de verdadeiras terapias de normalização que Nicolas Rose chama de “*self* neuroquímico” (2003), dentro do qual a própria educação física parece atuar, na medida em que reduz o corpo a organismo motor.

Rose liga o nascimento das disciplinas *Psy* com o desenvolvimento de tecnologias de governo liberais e afirma que os expertos dessas ciências adquiriram uma posição de poder privilegiada nos últimos séculos, porque são exatamente essas disciplinas que pretendem entender os determinantes intrínsecos da conduta humana, que afirmam a própria habilidade de fornecer o apoio apropriado, no conhecimento, no juízo e na técnica (ROSE, 1996, p.12).

5 ICD-10 é a décima revisão publicada em 1992 pela Organização Mundial da Saúde, é a mais popular entre os estados da comunidade europeia. O DSM-V é a quinta revisão publicada em 2013 pela American Psychiatric Association (APA).

6 Deixando de lado as diferenças que se encontram nos manuais diagnósticos ICD-10 e DSM-V, podemos observar que os critérios adotados para a individualização e avaliação da “criança TDAH”, são explicitamente construídos com relação a uma expectativa de *performance* dentro de um específico contexto, que muitas vezes é o contexto escolar.

7 As ditas disciplinas *Psy* (*Psychology*), são todas aquelas que se baseiam na dicotomia cartesiana, da psicologia até a psiquiatria, e que tiveram um papel importante na produção e ação do “si desencarnado”.

8 Tradução dos autores.



“A biopolítica hoje depende da criação capilar de novos fenômenos, do enorme poder informático do aparato que tenta conectar as histórias médicas e as genealogias familiares com as sequências genômicas, do poder de mercado das sociedades farmacêuticas, das estratégias reguladoras da ética da pesquisa, dos comitês/entes para a autorização dos fármacos e das comissões bioéticas, e naturalmente, da pesquisa de lucro e de valor acionário que permite essa situação. É aqui, nas práticas do biopoder contemporâneo tem que procurar as novas formas de autoridade” (ROSE, 2008, p.40). As ciências *Psy* na educação física tem tido um papel constitutivo nas práticas de sujeição que são imprescindíveis para a governabilidade (as técnicas de governo) das democráticas (neo) liberais, assim como nas estratégias autoritárias de governo. A este respeito pensamos que um dos jeitos para poder sair desse status de técnica de governo, seria enfrentar uma discussão crítica sobre os temas antropológicos da cultura do corpo.

### *A cultura do corpo*

Para começar uma reflexão sobre educação física e práticas corporais, do ponto de vista antropológico, tentando colocar em pauta as novas estratégias de governo do corpo, é interessante examinar o trabalho do Coletivo de Autores<sup>10</sup>: “desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38). Este grupo de autores e pesquisadores da área da educação física aparece entre os mais importantes do assim chamado Movimento Renovador, graças a sua abordagem crítico-superadora que afirma como o corpo seja uma realidade historicamente produzida, e como por causa disso exista uma cultura do corpo como resultado de processos políticos e sociais. Contudo os autores do Movimento Renovador nunca apresentaram uma interpretação unívoca para este problema, alguns deles influenciados pela antropologia interpretativa de Clifford Geertz se posicionaram de forma bem diferente sobre este assunto. No texto de Daolio que analisa os autores mais importantes deste movimento intitulado *Educação física e o conceito de cultura* (2004) por exemplo, indica-se na “cultura corporal” ou “cultura corporal do movimento” o principal objeto da educação física. Em fazer esta leitura, o autor traz dois problemas: o primeiro é entender o corpo como uma representação mental, concepção parecida com aquela das neurociências; o segundo consiste em conseguir “salvar” o corpo do determinismo biológico, mas caindo no determinismo cultural sem perceber a enorme força resistente e criadora que o corpo opera nas transformações sociais. O assunto da cultura, no qual

9 Tradução dos autores.

10 O Coletivo de Autores é um grupo de seis autores (Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht) que nasceu com a publicação do livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* em 1992, pela editora Cortez, que representa uma importante referência no campo da Educação Física escolar brasileira. O objeto de trabalho principal do grupo é a análise da cultura corporal com relação a Educação Física em uma perspectiva crítica-superadora.



uma parte do Movimento Renovador renovador têm sido particularmente interessada, elaborado pelo antropólogo americano Clifford Geertz, que com a sua antropologia interpretativa, subverte o racionalismo científico chamado no campo da antropologia de “paradigma da ordem”, identifica na análise cultural, o papel de natureza primariamente hermenêutica, baseado na ideia de que as culturas são compostas essencialmente de significados e concebendo-as no plano meramente simbólico, entrando em uma deriva culturalista. Tentando abrir um diálogo entre a produção dos autores brasileiros e os anglo-saxões *Cultural Studies*, podemos ver que autores como Stuart Hall - que pertencem a segunda geração dos *Cultural Studies* - põe criticamente a questão da deriva culturalista, assim como destacado por Mellino (2005). Para este autor a primeira fase dos *Cultural Studies* foi “dominada pelo ‘paradigma culturalista’, ou seja focada principalmente sobre o fazer da cultura uma força ativa de significado, em vez de destacar as condições estruturais da sua produção<sup>11</sup>” (MELLINO, 2005 p. 64). Depois de Hall, sobretudo na década de 1990, os estudos culturais devido também a sua dobra ligação com a pedagogia, começaram a ser lidos como âmbitos “complexos e conflituais, que nunca podem ser separados do próprio contexto de articulação, já que nunca existem fora deste contexto<sup>12</sup>” (GIROUX & McLAREN, 1994), levando adiante um conceito de cultura muito próximo com aquele de prática produzida por uma multiplicidade de forças (determinações e efeitos). Devido também a essa virada, desenvolveu-se dentro dos *Cultural Studies* um movimento acadêmico específico chamado *Physical Cultural Studies*, que tenta dar respostas teóricas e políticas as problemáticas sociais emergentes<sup>13</sup>. Partindo das sugestões dadas pela ruptura epistemológica na educação física operada pelo Movimento Renovador e dos *Cultural Studies*, com uma abordagem mais biologicista, mas atentos a não cair no paradigma culturalista, gostaríamos de explorar a multiplicidade ontológica do corpo utilizando um conceito que sedimentou-se na antropologia da década de 1990 como paradigma da incorporação. Preocupado com a subjetividade e a experiência dos atores sociais, através de uma abordagem econômico-política, capaz de entender as ações de forças macrossociais mais amplas. Seguindo nesse assunto, além da perspectiva da incorporação, é interessante pensar na de agência, ou seja, como as pessoas exercitam a própria influência sobre as estruturas sociais e políticas mais amplas, e ao mesmo tempo como essas estruturas as influenciam.

O paradigma da incorporação desenvolve-se a partir de dois conceitos: o primeiro, oriundo da filosofia fenomenológica da percepção de Merleau-Ponty (1945), que põe o corpo não como um “objeto” político, histórico e cultural, mas como “sujeito” político, histórico e de cultura. O outro, é o conceito de *habitus*, que vem do pós-estruturalismo de Bordieu, entendido como “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 2005, p.84).

Através a dialética do conhecimento pré objetiva de Merleau-Ponty, Csordas que marcar o fato que o corpo antes de adquirir uma ontologia própria é produzido pela

11 Tradução dos autores.

12 Tradução dos autores.

13 Veja-se o artigo de Simone Fullagar conteúdo neste mesmo dossiê: “A Physical Cultural Studies perspective on physical (in)activity and health inequalities: The biopolitics of body practices and embodied movement”.



experiência da subjetividade, que o corpo faz culturalmente e politicamente. Com o conceito de *habitus* refere-se às “diferentes formas em que mundos sociais específicos investem, modelam e exibem os corpos humanos, assim como as práticas de incorporação através das quais as estruturas sociais são concretamente internalizadas pelos agentes que as vivenciam<sup>14</sup>” (WACQUANT, 2003, p. 181). Temos que entender o *habitus* como um capital cultural incorporado, ou como modalidade de estar no mundo que se produz a partir da incorporação como vivência corpórea de trocas perceptivas, produzidas através da socialização do indivíduo. Falar de *habitus* e de incorporação em uma perspectiva fenomenológica cultural significa então falar de uma “subjetividade socializada”, ou seja, afirmar que o que é individual, pessoal ou subjetivo é também social e coletivo, mas também vem de um processo de subjetivação mútua. O corpo, aliás, não é só memória social coletiva<sup>15</sup>, é também o veículo da ação criativa e da transformação cultural. Aparece particularmente interessante a correlação da experiência incorporada dos atores sociais com as relações de poder que a produziram. Contudo, tais relações, necessárias para alcançar uma maior autonomia, como afirma Foucault, sempre coexistem com a possibilidade concreta de cair naquelas que o filósofo francês chamava de situações de domínio, ou seja situações nas quais o poder é exercido somente em uma direção, sem deixar espaços de liberdade aos indivíduos mais vulneráveis para que possam renegociá-lo. Este discurso acaba por ser particularmente interessante para o estudo das modalidades com as quais o currículo escolar vem sendo construído e reformado, já que enfrenta as questões fundamentais da distribuição do poder na escola (McCARTHY, GIARDINA, HAREWOOD & PARK, 2003) e as relações de domínio, que historicamente se depositaram em âmbitos disciplinares como a educação física; doutro lado, em uma leitura mais proativa, tal perspectiva pode ser utilizada para repensar os saberes a luz do conceito de resistência. Ou seja através de uma análise focada nas modalidades com as quais as estruturas sociais e políticas tendem influenciar e dominar os sujeitos, e sobre como esses sujeitos agem transformando-as, considerando todas as formas de resistência, mesmo aquela *agency* que se configura como crítica encarnada. Retomando o exemplo da síndrome TDAH, podemos ler esse fenômeno, a partir da incorporação, como a (re)ação médica de patologização de uma «resistência política» (ERICKSON, 1993, p.36), que se contrapõe ao poder disciplinar voltado a produção de corpos dóceis (FOUCAULT, 1976). Nessa mesma direção, Peter McLaren em *Schooling as a Ritual Performance* (1986) compara as práticas do poder pedagógico ao sistema ritual, subdividindo as atividades educativas em dois tipologias opostas uma à outra, aquelas que pertencem a assim chamada “estrutura da conformidade” e aquelas que fazem parte da “anti-estrutura da resistência”. Nestas últimas estão envolvidas toda uma série de atos através dos quais os alunos se opõem e resistem aos mecanismos de controle e da disciplina escolar, ativando um processo de fuga do poder. Transformar a educação física além da disciplina, significa torná-la um espaço de subjetivação, através da tomada de consciência do saber prático, onde as subjetividades tomam consciência e se ativam

14 Tradução dos autores.

15 Esse termo se refere sobretudo aos estudos de Connorton Paul (1989), quais e conhecidas, como a escrita, a performance corporais rituais em que a memória performativa é corpórea.





através do relacionamento crítico com os processos ligados à própria construção/construção, também através ações de *agency* não imediatamente politizadas em uma relação dialética entre corpo e o instituto social, um corpo que não se apresenta apenas como um objeto dócil que sofre o poder, mas sendo dentro de uma relação, consegue dobrá-lo também. Dentro desse quadro teórico onde a prática sempre se posiciona socialmente e politicamente, as práticas do corpo põem em evidência o modo como a sociedade produz o corpo-sujeito em uma dimensão dialeticamente e ecologicamente conectada. Também evidencia como este corpo, ao mesmo tempo, resiste, transforma e reproduz a educação física também.

### *Além da “disciplina” do corpo*

Para contribuir com a obra de desmascaramento dos dispositivos de domínio que alcança o corpo, che fa presa sul corpo, sujeitando-o, individualizando-o e normalizando-o, imaginamos assim como Grossberg (1994) imagina os estudos culturais não somente como uma crítica às disciplinas, mas sim como uma alternativa às *Humanities*, através uma reforma radical da *General Educational*. Algumas pistas para esta reflexão podem ser encontradas nas perspectivas teóricas que surgem a partir dos *Cultural studies*. Essas abordagens mostram a possibilidade de construir uma educação física que saiba agir para além da disciplina das práticas governamentais e criar um relacionamento dialético entre o corpo e o instituto social.

Pegando como exemplo os *Queer studies* e os *Disability studies*, é possível refletir sobre como campo da educação física precise desconstruir o conceito de normalidade e colocar em discussão o poder disciplinar que age sobre os corpos normalizando-os para torná-los úteis, dóceis e produtivos. Mais especificamente os *Queer studies* podem contribuir para este objetivo graças ao foco nos dispositivos de controle e regulação do sexo, e os *Disability studies* através a análise crítica do corpo assim chamado “deficiente”.

Atividades como o esporte inseridas em uma educação física que reproduz um discurso mecanicista de “educação do físico”, que privilegia o desenvolvimento de habilidades motoras e a forma física, correm o risco de manter o status quo, como escreveram Roger Rees e Andrew Miracle (2000), fortalecendo muitas vezes as desigualdades preexistentes, de tipo sexista e racista (mas também abilista<sup>16</sup>), mas também de responder a certos dispositivos de normalização sobre “subjetividades imprevistas”. A perspectiva dos *Queer studies* influenciada pelo pós-estruturalismo, se reflete no corpo nos campos do feminismo, da filosofia política e da ética, contra a imposição da literatura feminista, que aceita acriticamente o paradigma heterossexual fundado sobre a distinção entre sexo e gênero, onde o gênero é considerado como completamente livre e o sexo como natural e vinculado a biologia. Os *queer studies* ao contrário, afirmam que a dupla sexo/gênero não corresponde à dupla natureza/cultura, mas sim a tentativa de converter fatores culturais a dados naturais. Esses conceitos são traçados pela primeira vez de forma sistemática no livro *Gender Trouble* (1990) de Judith Butler, um dos manifestos da

16 Para “abilismo” entende-se: “[...] a network of beliefs processes and practices that produces a particular kind of self and body (the body standard) that is projected as the perfect, species-typical and therefore essential and fully human. Disability then is cast as a diminished state of being human” (CAMPBELL, 2001 p.44).



*Queer theory*. A autora se opõe a imposição feminista da diferença que sempre quis reproduzir a imagem da mulher como sujeito coerente e estável, afirmando a necessidade primária de lutar contra o paradigma heterossexual. O esforço para delimitar e definir o sexo que acompanhou toda a cultura ocidental, impede de compreender de forma completa as relações de poder que lhe são ligadas. Tudo isso resulta particularmente interessante para quem, como no caso dos profissionais de educação física, trabalha “com” e “através” do corpo, porque permite de afastar-se do determinismo biológico, entendendo as formas de *agency* e incorporação produzidas a partir das suas práticas. Continuando nesse assunto, é interessante constatar como a natureza das mulheres é construída desde a infância “é construída através de uma compressão desproporcional que vê a integração de saberes diferentes (medicina, fisionomia, educação, religião, etc.), que oferecem uma série de técnicas e ferramentas (ataduras, exercício físico, roupas, indicações alimentares, controles sexuais, etc). Aspira-se a estabelecer uma funcionalidade dos corpos, uma própria homeostase interna, uma regularidade (de novo) normal e produtiva<sup>17</sup>” (MARIANI, 2000, p. 51).

Tudo isso permite de identificar, por exemplo, a “natureza fraca” da mulher, não como destino biologicamente determinado, mas como uma sucessão de práticas do corpo e técnicas que produzem verdadeiras modalidades existenciais, que permitem que os meninos desde a infância possam marcar a própria posição hierárquica sobre as meninas. Muitos trabalhos de pesquisa descrevem a educação física como uma disciplina capaz de modelar o corpo e a sua fisicidade, a pesquisa de Prout (1989) demonstra como meninos e meninas do ensino básico respondem de forma diferente as doenças: as meninas incrementaram a atenção e o interesse recíproco, diferentemente para os meninos a enfermidade era considerada uma forma de fraqueza e um pretexto para a competição. Essa diferença emergiu tanto em termos simbólicos como físicos, por exemplo através do intenso envolvimento dos meninos em esportes de contato físico.

A perspectiva dos *queer studies* contradiz por exemplo a categorização sexual esportiva, onde o sexo é visto algo de natural e imutável no plano biológico e o gênero é considerado como uma produção social encarnada no corpo sexuado. Categorizar os esportes por sexo representa a tentativa de tornar natural algo de culturalmente constituído, utilizando um dispositivo biopolítico que entra em crise quando encontra, por exemplo, uma condição de intersexualidade<sup>18</sup>.

Os *Disability studies* doutro lado criticam os processos de normalização e pesquisam a complexidade que caracteriza o conceito de deficiência, declinando-a e estudando-a não só como uma condição biológica ou como um sinônimo de déficit, mas como uma forma de opressão social contra quem se diferencia da norma (ABBERLEY, 1987). O objetivo destes estudos é colocar em discussão o conceito de normalidade, pressuposto indispensável para validar e legitimar uma série de práticas sociais consideradas naturais, que na verdade, é resultado de teorias e paradigmas culturais dominantes. Esses estudos tem uma componente social, cultural e político forte, tendo como foco a promoção da mudança da sociedade através de uma participação ativa das pessoas

17 Tradução dos autores.

18 Sinalizamos o trabalho de Elisa Virgili, Olimpiadi. L'imposizione di un sesso, Mimesi, Milano, 2012.

com deficiência sobre as escolhas que afetam suas vidas, diferenciando-se das outras abordagens tradicionais, que só querem integrar uma “azarada” minoria da população na sociedade assim como ela é. Os *disability studies* investigam a sociedade dentro da qual a pessoa com deficiência vive, criticando o assunto que relaciona de forma causal o “ter” uma deficiência com o “ser” deficiente, refletindo sobre o fato de que é a nossa sociedade que nos torna deficientes sendo fundada na lógica de um mercado competitivo. Ao invés de lutar contra as deficiências individuais, como a biomedicina se propõe, os *Disability studies* miram identificar as condições discriminantes tais como a pobreza, o desemprego, as políticas educativas e sociais incapacitantes, as barreiras arquitetônicas comunicativas e culturais e as atitudes sociais que produzem a exclusão da cidadania ativa, causando a dependência de grupos específicos (OLIVER, 1990) por não corresponderem às expectativas de habilidades impostas pela sociedade. A educação física teria assim, um enorme potencial de transformação social, se rompesse com o seu poder/saber disciplinar, desfrutado pela estrutura socioeconômica para produzir desigualdades sociais, naturalizando-as e tornando-as imutáveis. Ir além da disciplina, significa expor através da educação física a naturalização da cultura dominante que a partir do corpo, produz condições de subordinação e controle social. A educação física deveria começar articular novas práticas resistência que saibam olhar para os corpos “além” do poder disciplinante e de controle, em uma direção clara, libertadora e transformadora.

### **Conclusões**

A luz das reflexões enfrentadas nas páginas precedentes a educação física tem potencial para se tornar um espaço de subjetivação, que através da análise do processo de incorporação saiba reconhecer as técnicas de governo e os estados de domínio, além das transformações culturais contemporâneas. Para empreender esta direção emancipatória a educação física precisa saber antes de tudo transtornar a relação pedagógica, entre governante e governado, trabalhando, assim como aponta Valter Bracht, para uma concepção aberta de ensino: “com a perspectiva de que a aula de educação física pode ser analisada em termos de um continuum que vai de uma concepção fechada a uma concepção aberta de ensino, e considerando que a concepção fechada inibe a formação de um sujeito autônomo e crítico, essa proposta indica a abertura das aulas no sentido de se conseguir a co-participação dos alunos nas decisões didáticas que configuram as aulas” (1999, p. 80).

Resgatando sua potencialidade como prática de resistência aos dispositivos que capturam o corpo em uma visão reducionista, de-subjetivante e biologicamente determinada, a educação física pode reverter seu papel de mecanismo de controle legitimado pelos interesses do sistema socioeconômico, e tornar-se espaço de subjetividades e transformações culturais e sociais.



## Referências

- ABBERLEY, P. (1987). The Concept of Oppression and the development of a Social Theory of Disability. In *Disability & Society*, 2 (1), pp. 5-19, Routledge, New York, London.
- BORDIEU, P. (2005). *Controfuochi: argomenti per resistere all'invasione neo-liberista*, Reser, Milano.
- BORDIEU, P. (1978). Sport and social class. In *Social Science Information*, 17(6), pp.819-840.
- BRACHT, V. (1999). A constituição das teorias Pedagógicas da Educação Física. In *Caderno Cedes*, ano XIX, Nº 48, pp.69 -88.
- BUTLER, J. (1990) *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge, New York, London
- CAMPBELL, F.K. (2001). Inciting Legal Fictions: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of Law, In *Griffith Law Review*, 10, pp. 42-62.
- CSORDAS, T. J. (1990). Embodiment as a Paradigm for Anthropology. In *Ethos. Journal of the Society for Psychological Anthropology*, vol 18, n.1, pp. 5-47,
- COLETIVO DE AUTORES (1992). *Metodologia do ensino de educação Física*, Cotez Editoria, São Paulo.
- DAOLIO, J. (2004). *Educação física e o conceito de cultura*. Campinas, Autores Associados, São Paulo.
- DE MENNATO, P. (2004). Le intelligenze del corpo. Un'epistemologia costruttivista dell'educazione motoria. In AA.VV. *Pedagogia ed educazione motoria*, Guerini Associati, Milano. pp. 177- 209
- ERICKSON, F. (1993). *Transformation and School Success: The Politics and Culture of Educational Achievement*, In JACOB E.; JORDAN, C. *Minority Education: Anthropological Perspective*, Norwood, Ablex Publishing Corporation, New Jersey.
- FOUCAULT, M. (1975). *Surveiller et punir*. Gallimard, Paris.
- FOUCAULT, M. (2010) *Il potere psichiatrico. Corso al Collège de France (1973-1974)*, Feltrinelli Editore, Milano.
- GIROUX, H.A. & McLAREN P. (eds.) 1994, *Between Borders. Pedagogy and the Politics of Cultural Studies*. Routledge, New York, London.
- GROSSBERG, L. (1994), *Bringin' It all Black Home – Pedagogy and Cultural Studies*, in Giroux, H.A. & McLaren P. (eds.) 1994, *Between Borders. Pedagogy and the Politics of Cultural Studies*. Routledge, New York, London.
- KIRK, D. (1998) *Schooling Bodies: School Practice and Public Discourse 1880-1950*. Leicester University Press, London.
- MARIANI, A. (2000). *Foucault: per una genealogia dell'educazione*, Liquori Editori, Napoli.



- MARLEAU-PONTY, M. (1945) *Phénoménologie de la perception*, Gallimard, Paris.
- McCARTHY, C. MICHAEL GIARDINA, SUSAN JUANITA HAREWOOD, and JIN-KYUNG PARK (2003) Afterword: Contesting Culture: Identity and Curriculum Dilemmas in the Age of Globalization, Postcolonialism, and Multiplicity. *Harvard Educational Review*: September 2003, Vol. 73, No. 3, pp. 449-465.
- McLAREN, P. (1989). *Life in schools. An introduction to Critical Pedagogy in the Foundations of Education*, Longman, New York.
- MELLINO, M. (2005). *La critica postcoloniale. Decolonizzazione, capitalismo e cosmopolitimo nei postcolonial studies*. Meltemi, Roma.
- OLIVER, M. (1990). *The politics of Disablement*, Macmillan, Basingstoke.
- ONG, A. (1987). *Spirits of Resistance and Capitalist Discipline, Factory Woman in Malaysia*. State University of New York Press, Albany,.
- PROUT, A. (1989). Sickness as a Dominant Symbol in Life Course Transitions. An illustrated Theoretical Framework. In *Sociology of Health and Illness*, 11 (4), pp. 336-59.
- REES, R. & MIRACLE, A. (2000). Udcation and sports. In J.J. Coakley, E. DUNNING (a cura), *Handbook of Sports Studies*,Lowkm, Sage.
- ROSE, N. (1996). *Inventing our selves. Psychology, power, and personhood*. University Press, Cambridge.
- ROSE, N. (2003) *The Neurochemical Self and its anomalies*. In Ericson, R. (Ed.) *Risk and Mortality*, Pp. 407-437. University of Toronto Press, Toronto.
- ROSE, N. (2007) *The Politics of Life Itself. Biomedicine Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*, Princeton University Press.
- WACQUANT, L., (2003). La fabrique de la cogne. Capital corporel et travail corporel chez les boxeurs professionnels, *Quasimodo*, n. 7, pp. 181-201.

### **Sobre os autores**

#### **Antonio Donato**

Doutorando em Ciências Pedagógicas, da Educação e da Formação no Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Aplicada (FISPPA) da Universidade de Padova, estuda os processos de subjetivação ligados às práticas do corpo e desenvolvendo o conceito de corpo ecológico.

#### **Leonardo Tonelli**

Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), graduado em Educação física com Especialização em Ciência e técnicas de atividade motora preventiva e adaptada pela Universidade de Bolonha (UNIBO). Colabora com o Observatório Saúde em Movimento (UFRGS) e atua na Associação Leib.







## **A physical cultural studies perspective on physical (in)activity and health inequalities: the biopolitics of body practices and embodied movement**

*Simone Fullagar\**

### **Abstract**

In this paper I discuss how a Physical Cultural Studies approach offers a different way of understanding the complex experiences of health, emotional wellbeing and (in)active embodiment as social practices. Non-communicable 'diseases' (diabetes, heart disease, cancer, obesity etc) and sedentary lifestyles are growing public health problems in the global South and North. There is a need for new sociocultural approaches to understanding physical (in)activity as a form of body practice and embodied movement that is profoundly biopolitical.

**Keywords:** Physical cultural studies; Embodiment; Body practices; Health inequalities.

\* University of Bath. Bath, United Kingdom - UK.  
E-mail: [s.p.fullagar@bath.ac.uk](mailto:s.p.fullagar@bath.ac.uk) . <http://orcid.org/0000-0002-0876-6276>.

## Una perspectiva de los estudios físico culturales sobre la (in)actividad física y las desigualdades en la salud: la biopolítica de las prácticas corporales y el movimiento incorporado

### Resumen

En este artículo se analiza cómo un enfoque de Physical Cultural Studies ofrece una manera diferente de entender las complejas experiencias de salud, bienestar emocional e incorporación (in)activa como prácticas sociales. Las “enfermedades” no transmisibles (diabetes, enfermedades del corazón, cáncer, obesidad, etc.) y los estilos de vida sedentarios están aumentando los problemas de salud pública en el sur y el norte de todo el mundo. Existe la necesidad de nuevos enfoques socioculturales para comprender la (in)actividad física como una forma de práctica corporal y movimiento encarnado, que es profundamente biopolítico.

**Palabras clave:** Estudios físicos culturales; Physical Cultural Studies; Encarnaciones; Prácticas corporales; Desigualdades en salud.

## Uma perspectiva dos estudos culturais físicos a (in)atividade física e as desigualdades em saúde: a biopolítica das práticas corporais e do movimento incorporado

### Resumo

Neste artigo discuto como a perspectiva dos Physical Cultural Studies oferece uma maneira diferente de compreender as experiências complexas de saúde, bem-estar emocional e incorporação (in)ativa como práticas sociais. As “doenças” não transmissíveis (diabetes, doenças cardíacas, câncer, obesidade, etc.) e estilos de vida sedentários estão aumentando os problemas de saúde pública no Sul e Norte do mundo. Há necessidade de novas abordagens socioculturais para compreender a (in)atividade física como uma forma de prática corporal e movimento corporificado que é profundamente biopolítica.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais Físicos; Corporeidade; Práticas corporais; Desigualdades em saúde.



## *Introduction*

Physical activity is now well recognised in terms of public health benefits as is the complex issue of inequality in health outcomes and sport/ recreation participation relating to class, ethnicity, gender, sexuality, age and disability (MARMOT & BELL, 2012). Government health policies are marked by a profound tension between recognising the effects of inequality and ‘social determinants’ and the articulation of neoliberal discourses that assign individual responsibility for health behaviours, risk and lifestyle change. In the United Kingdom, United States, Australia and South America we continue to see government guidelines focusing on the promotion of ‘minutes per day’ of activity. This quantification of active embodiment is constructed as a form of individualised behaviour change that seeks to improve physiological ‘fitness’ while ignoring the social context that shapes opportunity, inequality and meaning. In the context of these key policy tensions, I consider how meaning about health is culturally constructed and produced within a contemporary ‘biopolitics’ that shapes our practices, (in) active embodiment and social imaginations. Physical Cultural Studies can contribute to the ‘collective health’ (PAIM & ALMEIDA FILHO, 1998) movement in Brazil by starting from a different set of assumptions to traditional behavioural or structuralist accounts (VIEIRA-DA-SILVA & PINELL, 2014). Embodied movement can be conceptualised as a social practice that is profoundly intertwined with the historical, sociocultural, political and economic power relations that shape everyday life.

Given the paradoxical meanings of contemporary notions of embodied health – is the obsession with health also leading to unhealthy practices in contemporary life? Robert Crawford (2000) has importantly describes the rise of ‘healthism’ where moral discourses about health and illness saturate public culture and professional practice contexts. We are bombarded with expert advice and images about what healthy bodies should do (eat, move) and look like in schools, sport, media, fitness and workplaces by a rapidly growing biomedical and wellness industry. Jonathan Metzl (2010, p.2) has also argued that “‘health’ is a term replete with value judgments, hierarchies, and blind assumptions that speak as much about power and privilege as they do about wellbeing. Health is a desired state, but it is also a prescribed state and an ideological position”. Talking about health in a critical way requires us to understand how health is experienced through bodily practices as individuals exercise different degrees of agency within the sociocultural, political and economic forces of advanced liberalism. What are some of the unintended effects, harms and limitations of dominant ideas about health and active embodiment? How are healthy lifestyles promoted as risk reducing behaviours or contextualised as a preferred ‘way of life’?

My research has explored the less prominent voices and ‘subjugated knowledges’ of women, working classes, people with disabilities and mental health issues and other marginalised groups (FULLAGAR, 2002; 2003; 2008; 2017). These voices of difference ‘make trouble’ for dominant ideas about health and illness in neo-liberal societies where state provision is being undermined by market forces. For all of us working in health,





contextually produced through everyday social relationships and movement practices. As embodied social subjects our freedom is regulated by knowledge that acts upon and through the body, while our bodies are also a source of knowing. At the University of Bath we undertake research into physical cultural practices and health to explore the ways in which our bodies become organised, represented and experienced in relation to the operations of power (CAUDWELL & MCGEE, 2018; WILTSHIRE, FULLAGAR & STEVENSON, 2018; FRANCOMBE-WEBB, DE PIAN & RICH, 2015; CLIFT, 2014; MANLEY & SILK, 2013; MILLINGTON, 2014; BUSH & SILK, 2012; MERCHANT, 2011; RICH, 2011; PHOENIX, 2010).

Drawing upon the intellectual traditions of critical theory and pedagogy (strongly influenced by the famous Brazilian Paulo Freire), feminist, queer, critical race and disability theory Physical Cultural Studies moves beyond the mind-body dualism that pervades Western culture. There are clear resonances here with the emphasis on embodied knowing that one of Brazil's most famous writers, Clarice Lispector (2012, p.4), describes – “You don't understand music: you hear it. So hear me with your whole body”. Lispector's writing significantly influenced French feminist philosophers who argued for a shift in knowledge produced “about” women's bodies to knowledge created “through” writing the embodiment of gender as a force for change (FULLAGAR & PAVLIDIS, 2018; GROSZ 1994). Feminist theories of embodiment are a significant, if rather under acknowledged, influence on a Physical Cultural Studies approach to understanding how power relations work through bodies as they are lived, represented and positioned with respect to normalised and privileged notions of humanness (the dynamics of inclusion and exclusion).

Physical Cultural Studies provides an intellectual meeting point for a diverse body politics that questions truths about ‘normality’ – the fetishized heteronormative female body that is stereotypically young, slender and white, and muscular male body. How healthy are these cultural representations of the body (and success, desirability) as they intersect with expert discourses about health that urge people to ‘combat obesity’ and reduce their weight through monitoring their diet and exercise? While obesity policies may seek to reduce the negative health effects of overweight on the biological body, the moral effects of such policies that urge individuals to be responsible for weight loss are damaging in terms of the shaming practices that occur (associations of weight with attractiveness, bodily control – self discipline or laziness). The attention is shifted away from the global food industry and towards individual consumers. In addition, the intensified focus on body weight also raises questions about connections with eating disorders and how discourses about health promote cultural ideas that impact mental health as it is intertwined with physicality (FULLAGAR, 2017; RICH, 2011).

These points echo the contextualism informing a Physical Cultural Studies analysis of health promotion intervention practices where truth claims about curing, restoring or optimizing health are historicized. Such an approach also makes visible the effects of power-knowledge relations on embodied subjects in order to disrupt the normative and open up other ways of knowing and being. At the heart of a critical perspective on health and wellbeing is the issue of the cultural (il)legitimacy afforded to particular forms of knowledge about sport, physical activity and exercise (policy, self-help, biomedical) and whose voices are privileged (citizens, experts, advocate organisations).



Sport is frequently identified as a public good in government policies relating to the hosting of megaevents (LONDON OLYMPICS, 2012; RIO OLYMPICS, 2016) where spectacular games are supposed to inspire a nation into embodied movement. However, inspired movement is rarely sustained after megaevents and sport is also a site where inequities and unhealthy practices prevail – sexism and racism are evident, compulsive exercising and the pressures of hypercompetitiveness (COAKLEY & SOUZA, 2013). Sport has become the dominant signifier for embodied movement, yet it privileges a young, white, muscular body and a desire to compete and win<sup>2</sup>. Many people in my research (women, older, diverse cultural backgrounds, with disabilities) did not identify with a dominant sport identity as it is constructed through media, advertising and policy. Hence, there is a need to research embodied movement in terms of the diverse physical cultural practices that are created in ways that engage people who are often marginalised by hegemonic sport identities, or the moralising discourses of health promotion that equate physical activity with weight loss and improved fitness. I will return to several examples from my research to illustrate the value of exploring the subjugated knowledge that arises through different embodied practices and contexts.

### *The material, affective and discursive dimensions of embodied practices*

Newman and Giardinia (2014, p.4) suggest physical movement is a central concern to Physical Cultural Studies, “there is biopolitics in how the body moves, why it moves, and how we come to make sense of that movement”. Taking this way of thinking a step further I suggest that we can explore the complex relationship between embodied movement or (in)activity and health, by examining the material, discursive and affective dimensions of meaning.

1. **Materiality:** how bodies are inscribed with meaning through class, gender, race and sexual relations where choices are regulated through the market forces of global capital? The new materialist ontologies also explore how bodies are produced as bio-social flesh and experienced viscerally in particular cultural contexts (Fullagar & Pavidis, 2018). The rise of pharmaceuticals, virtual reality, the Internet of Things and digital technologies (eg., fitness Apps)<sup>3</sup> shape the posthuman context of embodiment – what the body can do, feel and become occurs through the material forces of social life (BRAIDIOTTI, 2013).
2. **Discursive:** Our experiences of embodied movement and health/illness are profoundly shaped by the discourses in circulation that frame how we understand and interpret meaning. The discursive field is a complex mix of historical and novel ideas about subjectivity, bodies and health that circulates truths that com-

<sup>2</sup> Recent events also demonstrate the contested nature of sport and racial politics with American black athletes refusing to stand for the national anthem in protest.

<sup>3</sup> These examples of sociomaterial objects and technologies require ways of thinking about how physical and digital cultures are intertwined.





pete for authority. In relation to health and wellbeing there are claims made by science, media, industry and governments about ‘obesity epidemics’, ‘clean eating and weight loss diets’, ‘fitness apps, brain training and exercise as medicine’ to improve ‘wellness’ or reduce risk, that frame our understanding of bodies and social life (FOUCAULT, 1980).

**Affective:** Debates within sociocultural theory about affect and emotion have moved our thinking from locating ‘feeling’ within the individual psychology of a person towards an appreciation of how affect is produced in our social relationships in conscious and non-conscious ways. Understanding how we move, and are moved by, emotions that are produced through our cultural context is particularly important for questioning power relations that ‘shame’ and exclude people who do not fit normative ideals (for being obese, depressed, black, queer or poor) (WHETHERALL, 2012; AHMED, 2004).

In my research I have examined how active living policies often fail to understand the complex intersection of material, discursive and affective conditions that shape embodiment in the neoliberal era of individualised responsibility for health and wellbeing (FULLAGAR, 2002, 2003, 2008). The dominant policy focus on individual behaviour change ignores the contexts through which individuals negotiate their ‘choices’, and although social epidemiology importantly identifies the ‘social determinants of health’ at the population level there is little exploration of the micropolitics that shapes individual agency through embodied practices (COHN, 2014). With widening social disparity between the wealthy and the poor, there is recognition that individual behaviour change is not enough to increase physical activity. Yet, physical activity continues to be constructed in policies and programmes as an instrumental form of embodied behaviour that is premised upon the individual finding their inner motivation. Without a targeted focus on those populations that experience the greatest inequality, general active living strategies that increase physical activity in the middle classes will paradoxically contribute to widening health inequalities (WILLIAMS & FULLAGAR, 2018).

Health promotion discourses participate in what Popay (2010) calls ‘lifestyle’ drift by positioning behaviour change as the solution to societal inequality. This drift towards defining sport and physical activity within healthy lifestyles is part of the broader process of healthification that Fusco (2006:66) describes as “the whole deployment of a field of discursive & material technologies & techniques, self & other administered, that work to sustain the imperatives of hygienism” through discourses of risk & the economic imperative to reduce the burden of health care costs on the state. In the UK, local government areas have greater responsibility for public health and physical activity, but have had their budgets cut by 40% over the past five years (leisure and community centres have closed, gyms are outsourced to private providers) (see Williams & Fullagar, forthcoming).

As a critical alternative to the focus on individual behaviour, examining the social relations that underpin embodied practices provides a way of researching the ‘conditions of possibility’ that shape physical cultures. Understanding the everyday practices of individuals as contextual and relational also opens up questions about how physical activity



is created via multiple logics or meanings – some of which intersect with ideas of health and wellbeing, while others do not. The limitations of individual behaviour change models points to the need to examine how (in)activity is routinely practiced in everyday family relationships and sociocultural contexts (SHOVE et al, 2012). Embodied practices are also a source of knowledge about different forms of movement that enable counter narratives and diverse voices about participation. I will focus on a couple of examples to illustrate how localised embodied knowledge is crucial to understanding how and why people do or do not engage in active cultures in the context of inequality.

### *Family practices – a relational understanding of active embodiment*

In an Australian study that I conducted with Maureen Harrington we explored how different low income families interpreted healthy lifestyle messages and compared their responses to those of policy makers responsible for implementing physical activity strategies to combat ‘obesity’ (FULLAGAR & HARRINGTON, 2009). Discourses invoking moral responsibility for childhood obesity and drawing upon a calculative logic (energy in/out) have circulated through popular debates in ways that responsabilise families and normalised gender roles. Government policies did little to regulate the food industry and instead focussed on the individual and family promotion of physical activity and healthy eating as a panacea. This ‘responsibilisation of family life’ is a discursive construction within representations of the obesity crisis – parents are held to blame for their own and their children’s poor leisure choices in ways that are socially divisive. Lower income families, who experience greater rates of obesity, are positioned as irresponsible and the social context remains invisible.

In our study, families were well aware of the public health messages about physical activity and healthy eating, yet their everyday meanings about active participation were only marginally connected to health. Several families struggled with weight issues (children and adults) alongside other health conditions such as emotional issues (anxiety and depression), and their choices were curtailed by the material conditions of poverty (little money for healthy food, transport to and entry fees for pools, gyms etc). Risk discourses also intensified worry about the conduct of children and family life that limited the kinds of adventurous leisure pursuits that children (particularly girls) engaged in (and that parents had experienced as children themselves), eg exploring the streets and neighbourhood without parental surveillance (LUMENG et al., 2006). Risk and uncertainty were very much connected to the material conditions of everyday life and played out in very different ways for poor and wealthy families. The families we spoke with talked about their vigilant risk management techniques (children carry mobile phones with a dollar credit to call home once they arrive at the library on their bike) due to parental fears of public violence, bullying in sport, drug use and childhood abuse from known paedophiles in the neighbourhood and especially on bike paths (that now have police surveillance). What they desired most for their children was a community recreation centre that offered supervised programmes, better transport and a range of free facilities (why were there no tennis courts?). The lack of facilities had contributed to fighting between young people over the one basketball court or skate park. The gap between the family’s desire to



be active ‘together’ and the materiality of risk conditions in their everyday lives added to tensions around how they ‘should’ be adopting healthy lifestyles. And it was often the sedentary leisure pursuits that enabled them to manage the emotional tensions and enjoy being together as a family, for eg going to the movies, enjoying a picnic in a popular park or watching DVDs, singing Karaoke with friends or relaxing in the backyard. The experience of ‘togetherness’ was very important for working class families, which contrasts with the literature on middle class families who tend to pursue individualised activities for their children to increase social mobility (FULLAGAR & HARRINGTON, 2009).

### *Collective practices – parkrun as a citizen-led movement*

The next research project that I want to explore as an example arose from a noticeable counter trend in active participation in the UK. Recent statistics on sport and physical activity rates for adults in England point to on-going challenges of participation (only 67% English men; 55% women met the active guidelines in 2012). Even more concerning has been an identified decline in physical activity participation for children from 2008-12, where the drop was greater for boys but the gender gap was wider for girls and particularly in poorer households. Parkrun was set up in England in 2004 by a group of citizens and has grown to over 2 million registered runners around the globe (it is not yet in Brazil). It is a free, weekly timed run in local parks that is run by volunteers with a central staff team and IT support. The parkrun family has an inclusive philosophy and we wanted to research why it was successful in attracting different kinds of people as well as reflecting upon how inclusive it was as a free event. Using a participatory action research approach along with surveys, indepth interviews and participant observation we identified that parkrun was attracting people who were less active, older, women, people with disabilities and some from low income and minority ethnic backgrounds. In our research we identify key qualitative themes – enjoyment of a *shared experience*, sense of achievement & *personal challenge* for all, health and *wellbeing* benefits important, unique *event* format, ethos and culture, *helping* others/volunteering – that revealed the multiplicity of embodied meanings. Involvement in parkrun both reiterated norms about individual body management (fitness, health), but also a collective sense of shared identity and relational meaning (social relationships, belonging).<sup>4</sup>

Practising healthy lifestyles was mentioned by parkrun participants in both the studies I have mentioned, but often as an outcome of engaging for other reasons, such as socializing and developing a ritual of participation that could be accommodated in their everyday lives. Social practice theory is also useful for understanding how embodied practices can become intertwined with collective practices that ‘draw’ individuals into social relationships that can sustain involvement and grow new communities (Shove et al, 2012). A number of people spoke of health benefits as a ‘side effect’ of parkrun practice – how they changed their alcohol consumption, smoking and diet in becoming active and how this was supported through a collective identity as a community of runners (‘the parkrun family’) with different abilities and backgrounds. These health practices

<sup>4</sup> On parkrun and the responsabilisation for health see, Wiltshire, Fullagar & Stevenson, 2018.



were not simply ‘behavioural’ changes that arose from individual motivation, rather they were produced and practiced within social contexts.

In our participatory action research we did find that there was room for improvement around inclusion and diversity, which was not initially recognized by the majority of parkrun volunteers with responsibilities for organising the event. The research process identified a number of key actions for change that can inform the future organisational practices of parkrun locally, nationally and internationally (training, policy etc). These ideas have emerged from citizen expertise, not those of health professionals. However many of the actions for change identified the need for more ‘joined up’ approaches across sport, health and community agencies and professionals to address inequalities. The changes occurring in the parkrun organization are also discursive as they move away from purely a ‘sport’ oriented identity to one that encourages active participation for bodies with different capacities and desires.

### *Embodied minds, gendered lives – moving beyond mind-body dualisms*

Next I want to turn to questions about mind-body relations and consider the discursive effects of particular manifestations of truth in popular and professional cultures – ‘healthy bodies = healthy minds’ – on how mental health is embodied within advanced liberalism. As I have recently argued (Fullagar, 2017), without a more critical thinking through of mind-body relations we lack any comprehension of how the everyday emotional lives (injustices and suffering) of citizens are shaped by social norms and material conditions. Hence, mental health problems are all too often imagined, felt and represented as “private troubles” (chemical imbalances in the brain and personal failings) (Ehrenberg, 2009), rather than understood as “public feelings” (CVETKOVICH, 2012) that are shaped within the nexus of culture, power and inequality. Within contemporary culture the embodied self is being reimagined and acted upon through a range of discourses about mental (ill)health that reproduce mind-body dualisms (ORTEGA, 2013). The growth of neuroscience and the pharmaceutical imaginary (JENKINS, 2010) have significantly shaped globalised representations of mental (ill)health. The brain is positioned as the source of mental ill health – chemical imbalances – that require pharmacology, cognitive psychology and lifestyle interventions (such as exercise) to restore normality. Exercise prescription programmes have arisen within the UK and yet they focus on the individualised mind and body with little reference to the social conditions that undermine emotional wellbeing. In particular, gender is paradoxically acknowledged in the rates of depression and anxiety, yet it is not analysed from a critical perspective in terms of how the performance of womanhood invokes notions of success and failure. Nor is the gendered burden of care made visible along with gender inequities that affect women’s material circumstances and ability to access support or feel entitled to pleasure in their everyday lives (FULLAGAR, 2008).

The contradictions of performing feminine subjectivity were evident in my qualitative research into depression and recovery with 80 Australian women. Participants articulated the depths of their little heard social suffering in terms of embodied metaphors of depression (trapped in a black hole, feeling the weight of the world) and recovery



(feeling alive) (FULLAGAR & O'BRIEN, 2012). Their stories also 'spoke back' to the dominant therapeutics of pharmacology and psy-discourses through embodied, affective responses that voiced their 'subjugated knowledge'. When asked about the everyday experiences that significantly enabled their recovery (beyond biomedical and psy-expertise) they identified diverse leisure practices from swimming, gardening, team sport, yoga, walking, running that were active, creative and connected. Active embodiment figured in these narratives as a counter-depressant and was significant for many in regaining a pleasurable sense of agency (FULLAGAR, 2008). Yet, these embodied practices were not simply 'physical activities' nor were they easily reduced to a treatment protocol for depression. Rather, women's diverse stories of understanding their own mental (ill) health foregrounded the relational meaning of embodiment and the gendered context of their experiences (norms of motherhood, caring, success etc) as constrained and free. For many women being able to create leisure time for themselves and learning to practice care for oneself was a profound change – they had to question the gendered norms of success that shape how we think about 'good' women (eg., self-sacrificing, appearance focused, pleasing others).

### *Conclusion*

To conclude this paper I would like to come back to the issue I first raised about the way in which we think reflexively about the social conditions that shape health and embodied movement. I draw upon a quote from Michel Foucault to outline how this different way of thinking informs a Physical Cultural Studies approach. He argues that problematization moves beyond identifying 'gaps' in knowledge to explore, 'how and to what extent it might be possible to think differently, instead of what is already known' (Foucault, 1985: 9). To critically analyse the truths that inform particular constructions of health, illness, the body, emotion and mind, is to shift debates from objectivist claims about evidence based medicine or scientised claims about exercise, towards questions about context, cultural value and the importance of creating multiple ways of knowing the body. To open up a more complex policy debate will involve dialogue across academic disciplines, professions and policy domains related to health, education, sport, housing, city planning and importantly should include participatory processes to central the voices of diverse people.

**Acknowledgements:** This paper was originally presented as a public lecture at the Seminario Internacional Saúde e movimento, Rede Governo Colaborativo em Saúde

Porto Alegre, November, 2015. I would like to thank Alessandra Bueno, Daniel Canavese and Alcindo Ferla for the opportunity to present this work in Brazil.



## References

- AHMED, S. (2004). *The Cultural Politics of Emotion*. London, Routledge.
- ANDREWS, D., Silk, M., & Thorpe, H. (2016). *The Handbook of Physical Cultural Studies*, London, Routledge.
- BRAIDIOTTI, R. (2013). *The Posthuman*. Cambridge UK, Polity Press.
- BUSH, A., & Silk, M. (2010). Towards an evolving critical consciousness in coaching research: The physical pedagogic bricolage. *International journal of sports science & coaching*, 5(4), 551-565.
- CAUDWELL, J., & McGee, D. (2018). From promotion to protection: Human rights and events, leisure and sport. *Leisure Studies*, 37(1-3), 1-10.
- COAKLEY, J., & SOUZA, D. L. (2013). Sport mega-events: can legacies and development be equitable and sustainable? *Motriz: Revista de Educação Física*, 19(3), 580-589.
- CVETKOVICH, A. (2012). *Depression: A public feeling*. Durham. Duke University Press.
- CLIFT, B. C. (2014). Suspect of Smiles Struggle, Compassion, and Running to Reclaim the Body in Urban Baltimore. *Cultural Studies' Critical Methodologies*, 14(5), 496-505.
- COHN, S. (2014). From health behaviours to health practices: An introduction. *Sociology of health & illness*, 36(2), 157-162.
- CRAWFORD, R. (2000). The ritual of health promotion. *Health, medicine and society: Key theories, future agendas*, 219-35.
- EHRENBERG, A. (2009). *Weariness of the Self: Diagnosing the History of Depression in the Contemporary Age*. McGill-Queen's Press-MQUP.
- FOUCAULT, M. (1980). *Power/knowledge: Selected interviews and other writings, 1972-1977*. New York, Pantheon.
- FOUCAULT, M. (1985). *The Use of Pleasure: The History of Sexuality Vol. II*. New York, Vintage.
- FRANCOMBE-WEBB, J., De Pian, L., & Rich, E. (2015). Speaking with (in): Researchers as bio (political) becomings?. *Cultural Studies-> Critical Methodologies*, 15(6).
- FULLAGAR, S. (2002). Governing the healthy body: Discourses of leisure and lifestyle within Australian health policy. *Health*, 6(1), 69-84.
- FULLAGAR, S. (2003). Governing women's active leisure: The gendered effects of calculative rationalities within Australian health policy. *Critical Public Health*, 13(1), 47-60.
- FULLAGAR, S. (2008). Leisure practices as counter-depressants: Emotion-work and emotion-play within women's recovery from depression. *Leisure Sciences*, 30(1), 35-52.
- FULLAGAR, S & Harrington, M. (2009) Negotiating the imperative to be healthy: Australian family repertoires of risk, leisure and healthy lifestyles, *Annals of Leisure Research*. 12(2), pp. 195-215.
- FULLAGAR, S. (2008). Governing healthy family lifestyles through discourses of risk and responsibility. *Biopolitics and the 'obesity epidemic': Governing bodies*, 108-126.
- FULLAGAR, S., & O'Brien, W. (2012). Immobility, Battles, and the Journey of Feeling Alive Women's Metaphors of Self-Transformation Through Depression and Recovery. *Qualitative health research*, 22(8), 1063-1072.
- FULLAGAR, S. (2017). Mind-body relations in Physical Cultural Studies: Exploring the rise of a new corporeal therapeutics in mental health, in Andrews, D., Silk, M., & Thorpe, H. (Eds). *Handbook of Physical Cultural Studies*, Routledge: London. pp. 401-411.



- FULLAGAR, S & PAVLIDIS, A. (2018). Feminist theories of emotion and affect in sport, in, Mansfield, L, Cauldwell, J, Wheaton, B. & Watson, B. (Eds). *Handbook of Feminism in Sport, Leisure and Physical Education*, Palgrave: Houndsmills. pp 447-462.
- FUSCO, C. (2006). Inscribing healthification: Governance, risk, surveillance and the subjects and spaces of fitness and health. *Health & place*, 12(1), 65-78.
- Grosz, E. A. (1994). *Volatile bodies: Toward a corporeal feminism*. Indiana University Press.
- JENKINS, J. H. (Ed.). (2010). *Pharmaceutical self: The global shaping of experience in an age of psychopharmacology*. Santa Fe. School for Advanced Research Press.
- LATIMER, J., & SKEGGS, B. (2011). The politics of imagination: keeping open and critical. *The Sociological Review*, 59(3), 393-410.
- LISPECTOR, C. [1978] (2012). *The Stream of Life*. Trans. S. Tobler. New York, New Directions Publishing Corporation.
- LUMENG, J. C., APPUGLIESE, D., CABRAL, H. J., BRADLEY, R. H., & ZUCKERMAN, B. (2006). Neighborhood safety and overweight status in children. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 160(1), 25-31.
- MANLEY, A., & SILK, M. (2013). Liquid London: Sporting Spectacle, Britishness & Ban-optic Surveillance. *Surveillance & Society*, 11(4), 360-376.
- MARMOT, M., & BELL, R. (2012). Fair society, healthy lives. *Public Health*, 126, S4-S10.
- METZL, J., & KIRKLAND, A. (2010). *Against Health: How Health Became the New Morality*. New York, NYU Press.
- MERCHANT, S. (2011). The body and the senses: Visual methods, videography and the submarine sensorium. *Body & Society*, 17(1), 53-72.
- MILLINGTON, B. (2014). The datafication of everything: Towards a sociology of sport and Big Data. *Sociology of Sport Journal*.
- NEWMAN, J. I., & GIARDINA, M. D. (2014). Moving biopolitics. *Cultural Studie' Critical Methodologies*, 1532708614542409.
- ORTEGA, F. (2013). *Corporeality, medical technologies and contemporary culture*. New York: Birbeck Law Press.
- PAIM, J. S., & ALMEIDA FILHO, N. D. (1998). Collective health: a "new public health" or field open to new paradigms?. *Revista de Saúde Pública*, 32(4), 299-316.
- PHOENIX, C. (2010). Seeing the world of physical culture: the potential of visual methods for qualitative research in sport and exercise. *Qualitative Research in Sport and Exercise*, 2(2), 93-108.
- Popay, J., Whitehead, M., & Hunter, D. J. (2010). INJUSTICE IS KILLING PEOPLE ON A LARGE SCALE—BUT WHAT IS TO BE done about it?. *Journal of Public Health*, 32(2), 148-149.
- RICH, E. (2011). Exploring the relationship between pedagogy and physical cultural studies: The case of new health imperatives in schools. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 64-84.
- SHOVE, E., PANTZAR, M., & WATSON, M. (2012). *The dynamics of social practice: everyday life and how it changes*. Sage Publications.
- SILK, M. L., & ANDREWS, D. L. (2011). Toward a physical cultural studies. *Sociology of Sport Journal*, 28(1), 4-35.
- VIEIRA-DA-SILVA, L. M., & PINELL, P. (2014). The genesis of collective health in Brazil. *Sociology of health & illness*, 36(3), 432-446.
- WETHERELL, M. (2012). *Affect and emotion: A new social science understanding*. London, Sage Publications.



WILLIAMS, O & FULLAGAR, S. (forthcoming) Lifestyle drift and the phenomenon of 'Citizen Shift' in contemporary UK health policy, *Sociology of Health and Illness*.

WILLIAMS, O., & FULLAGAR, S. (in press 2018). Lifestyle drift and the phenomenon of 'citizen shift' in contemporary UK health policy. *Sociology of Health & Illness*. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.12783>

WILTSHIRE, G. R., FULLAGAR, S., & STEVINSON, C. (2018). Exploring parkrun as a social context for collective health practices: running with and against the moral imperatives of health responsabilisation. *Sociology of Health & Illness*, 40(1), 3-17.

### ***Sobre o autor***

#### **Simone Fullagar**

Professor and chair of the Physical Culture, Sport and Health research group at the University of Bath, UK and Adjunct Professor at Griffith University, Australia. Simone is an interdisciplinary sociologist who has published widely using feminist post-structuralist and new materialist perspectives to critically explore active living policy, women's depression and recovery, sport and alternative physical cultures (from cycle tourism, parkrun, roller derby to dance).



## La formazione dell'identità corporea femminile nelle pratiche sportivo-motorie oggi: per una parità di genere

*Mirca Benetton\**

### Sommario

Il contributo intende analizzare l'influenza dell'attività motoria e sportiva quale modello culturale, sulla costruzione dell'identità corporea della persona, in particolare della donna. Tale problematizzazione va letta in relazione all'agire pedagogico, che intende indagare e chiarire a quali condizioni lo sport femminile possa definirsi educativo-formativo, in ordine ad un processo di emancipazione e di espressione libera e originale della donna d'oggi.

**Parole chiave:** Pedagogia dello sport; Identità corporea femminile; Pedagogia dell'allenamento femminile.

\* Università degli Studi di Padova. Padova, Italia.  
E-mail: [mirca.benetton@unipd.it](mailto:mirca.benetton@unipd.it). <http://orcid.org/0000-0002-6842-9482>.

## **La formation de l'identité du corps féminin dans les pratiques sport-motoriales aujourd'hui: pour l'égalité des sexes**

### **Résumé**

Cette contribution a pour but d'analyser l'influence de l'activité motrice et sportive, en tant que modèle culturel, sur la construction de l'identité corporelle de la personne, en particulier de la femme. On doit interpréter cette problématisation par rapport à l'action pédagogique, qui a pour but de comprendre et d'expliquer sous quelles conditions le sport au féminin peut être défini comme un moyen d'éducation et de formation dans le cadre d'un processus d'émancipation et d'expression libre et originale de la part des femmes de nos jours.

**Mots clés:** Pédagogie du sport; Identité du corps féminin; Pédagogie de la formation féminine.

## **Development of female bodily identity in sport and physical exercise today: with gender equality in view.**

### **Abstract**

The article looks to analyze the influence of physical exercise and sporting activity, as a cultural model, on the process of building a personal bodily identity: in particular, that of a woman. This problematization should be seen in relation to the pedagogical approach that intends to explore and clarify under what conditions female sport can be defined educational and instructive, as part of a process whereby today's woman pursues emancipation and free and original expression.

**Key words:** Pedagogy of the sport; Identity of the female body; Pedagogy of the feminine formation.



### *La pedagogia dello sport oggi per il riconoscimento dell'identità corporea*

Esiste una “forma di attaccamento” che ogni persona sviluppa durante il corso della propria vita nei confronti dell'attività motoria e sportiva e segna così, più o meno esplicitamente, la sua personalità. Questo perché il divenire dell'identità della persona passa attraverso la costruzione della sua identità corporea, cioè il suo essere corpo, che a sua volta mette in atto una forma di adattamento anche in base a come essa viene assunta nell'ambito della diffusione della pratica fisica e sportiva, che si connota oramai come fenomeno sociale e politico prima ancora che fisico-biologico e che occupa un tempo rilevante del farsi del soggetto.

Dal punto di vista pedagogico – che considera quali siano le modalità più consone all'evoluzione dell'individuo – appare allora necessario in primo luogo ribadire la presenza integrale dell'essere persona, che è persona incarnata, come ben si esprime Marcel: “È il *mio* corpo. Il carattere, ad un tempo misterioso ed intimo, del legame che intercorre fra me e il mio corpo (espressamente non uso qui il termine relazione) dà un tono in realtà a ogni giudizio esistenziale. E ciò ribadisce il concetto che non è possibile dissociare realmente: esistenza; la coscienza di sé come esistente; la coscienza di sé come unito a un corpo, come incarnato è [...] Il punto di vista esistenziale sulla realtà sembra poter essere soltanto quello di una personalità incarnata” (MARCEL, 1976, p. 230). In secondo luogo, va riconosciuto come il contesto motorio-sportivo incida, secondo il classico modello di Bronfenbrenner (1979), dal micro al macrosistema, sia sullo sviluppo individuale della persona ‘totale’, sia a livello di dinamiche interattive di gruppo, sia in relazione al fenomeno di cambiamento sociale. Quando di corporeità e di attività fisica e sportiva si occupa il sapere pedagogico, mediante il quale si mira ad identificare le azioni che contribuiscono al divenire e al perfezionamento di ogni persona umana, va indagato e chiarito in che modo lo sport si prenda carico di modellare l'identità corporea, in considerazione o meno dei condizionamenti che provengono dal contesto sociale, economico e politico. Si vuol dire, cioè, che nel momento in cui si voglia connotare l'azione motoria e sportiva come attività educativa è necessario esplicitare l'idea e il modello di corpo che essa sottende. In un percorso formativo di umanizzazione della persona *Körper* e *Leib*, cioè il corpo fisico, il corpo oggettivo e il corpo soggettivo, vissuto dal di dentro come emozione e sensazione, non si danno come due enti separati ma come un unico costituente dell'identità personale in continuo divenire. Pertanto la corporeità rientra nel percorso di consapevolezza e di autodeterminazione dell'uomo (HUSSERL, 1950); educare il corpo della persona significa aiutarla a coscientizzare il suo trasformarsi, il suo progettarsi per essere se stessa. Accade invece che si crei uno stretto intreccio tra educazione, corpo, ideologie e potere, dove il potere è inteso in termini foucaultiani come produttore di sapere capace di incidere sulle pratiche di vita della persona (MARIANI, 1997), trasformando spesso “l'esperienza corporea” (FARNETI, CARLINI, 1981, p. 9) in una ricezione passiva di paradigmi di costruzione dell'immagine di sé dettati da altri. Si corre il rischio, cioè, di assumere determinate visioni su corpo-attività fisica-sport, rispecchianti i costrutti anatomici e biopolitici del corpo, senza che la pedagogia contribuisca a metterli in discussione per consentire al soggetto di vagliarli criticamente, personalizzarli e volgersi verso una realizzazione di sé più libera.



Il problema diviene particolarmente rilevante in un'epoca in cui il corpo sembra occupare una posizione predominante nelle rappresentazioni espressive della persona, nel suo essere individuale e sociale, nelle cultura alta e in quella quotidiana (BAUSINGER, 2008, p. 39). Il corpo umano appare variamente utilizzato e considerato, e non solo nelle arti e nello sport; viene messo in scena, ricompreso nell'ambito professionale e del tempo libero; emergono parti dello stesso da ostentare, diverse in relazione al genere maschile e femminile; il corpo diviene determinante anche come espressione di prestazione, sempre più oggetto di 'gare' diverse, grazie al riconoscimento mediatico.

Cultura del corpo e cultura dello sport sono dunque strettamente intrecciate, tanto che appare difficile comprenderne le influenze differenti. Lo sport partecipa intensamente alla vita sociale e individuale della persona, propone stili di vita e forme di individuazione. Ma si tratta di uno sport in un certo senso de-sportivizzato, poliedrico nel suo prospettarsi nelle diverse età della vita, nei diversi contesti. Ciò che è evidente è che lo sport rappresenta ormai un artefatto che ha poco di naturale e molto di costruito anche nel momento in cui vuol caratterizzarsi in termini biologico-naturali. Si veda, ad esempio, il fenomeno della corsa, o dello *jogging*, apparentemente effettuati da sempre più persone per ritrovare il loro essere reale, il presunto contatto con la natura, ma in realtà costantemente corretti da supporti commerciali, tecnologici e meccanici (LO VERDE, 2014) aventi lo scopo di fornire una certa immagine di sé legata all'autodisciplina, al salutismo, e correlati talvolta alla condivisione di un orientamento politico-ideologico (BAUSINGER, 2008). E lo stesso si può affermare per altri sport, ognuno dei quali tende a rivendicare e consolidare alcune dinamiche sociali. La stessa diffusione dello *sport di massa* va problematizzata; da una parte esso sembra essere espressione del principio democratico di accesso di tutti allo sport, nel rispetto del diverso modo di ciascuno di essere persona incarnata, nella differenza della propria corporeità. Dall'altra, anch'esso sottende fenomeni di condizionamento e di deformazione, a seconda del modo in cui si orienta l'accesso allo stesso; basti pensare alla persona che partecipa allo sport solo come spettatore sportivo o ai fenomeni dell'isteria collettiva prodotti dalla visione di gare sportive (BAUSINGER, 2008, p. 56).

La condivisione del paradigma di sport per tutti e la sua interpretazione in senso olistico dovrebbero consentire allo sport di rivolgersi ai corpi nei diversi contesti ed età, e quindi anche alle donne, le quali non dovrebbero più svolgere il mero ruolo di supporto o di intrattenimento allo sport maschile, come è accaduto per secoli, ma prendervi parte attivamente in un percorso di autodirezionamento e autoformazione. Ma, nuovamente, ci si chiede come realmente il corpo femminile partecipi attualmente a tale contesto e come contribuisca alla diffusione di una differente, cioè più equa, cultura dello sport. È l'aspetto su cui si intende soffermarsi in questo contributo, omettendo volutamente di entrare nel ginepraio delle tematiche inerenti la contestazione del sistema normativo di individuazione dei generi maschile e femminile e della teoria del *cyborg* (HARAWAY, 1995, IAVARONE, 2010).

La pedagogia, ribadiamo, non può esimersi dallo sviscerare il dispositivo socio-politico o educativo sotteso alle pratiche corporeo-sportivo-motorie, poiché tratta di educazione della persona nella sua corporeità e considera lo sport come un diritto della persona e un'opportunità educativo-formativa della stessa, o, ancor meglio, della cura di





sé. Il corpo della persona è sempre *corpo proprio* (MERLEAU-PONTY, 1945), insieme di organi, muscoli e materia, ma allo stesso tempo di intelletto, anima. Unitariamente attraversano lo spazio e il tempo della vita, in un'appartenenza reciproca. La pedagogia è chiamata a individuare i modi in cui è possibile educare la persona incarnata mediante le attività motorie e sportive, che debbono permetterle di esprimere se stessa e di partecipare ad una crescita anche comunitaria nella relazione con gli altri. La costruzione della propria identità corporea diviene un progetto presidiato e configurato dalla persona, capace di porsi in maniera critica verso chi tende invece a fare pressione sul corpo altrui e di smascherare meccanismi di uniformazione, omologazione, sudditanza.

Dunque, la pedagogia deve innanzitutto fare chiarezza sul modo in cui intende rendere partecipe la “persona in movimento” (BERGSON, 2000) del suo percorso autoformativo, dichiarando che questa aderisce con il suo corpo, e non solo con la sua mente, al percorso di crescita e realizzazione e con il corpo, *Leib*, intesse relazioni. In aggiunta, per lungo tempo l'educazione è sembrata occuparsi quasi esclusivamente dello sviluppo dell'aspetto cognitivo dell'individuo, mentre il corpo, in ogni caso oggetto di “esercizio educativo”, è stato utilizzato come veicolo per ottenere sottomissione, assoggettamento soprattutto nei confronti delle donne, vettore di messaggi ideologici, sessisti e razzisti.

Il pedagogista R. Massa ha contribuito a svelare e a rendere esplicito il ruolo centrale del corpo nel discorso pedagogico, asserendo che “il carattere ‘estatico’ dello spazio e del tempo, e cioè la loro costituzione come orizzonte degli strumenti e dei progetti con cui l'uomo si rapporta al mondo, dipende dal presupposto che l'uomo è al mondo in quanto corpo. Ciò significa che il corpo stesso non è più una tra le cose, e dunque che l'intervento educativo può renderlo tale, o promuovere invece la sua trascendenza verso il futuro, soltanto e per mezzo di un certo uso ‘intenzionale’ dello spazio e di una certa configurazione architettonica di esso” (MASSA, 2003, pp. 217-218). Nello sport, che in ogni caso si caratterizza per avere come sue componenti la competitività, l'appartenenza e l'agonismo che portano in sé caratteri di discriminazione (REFRIGERI, 2011, p. 105), non basta, perciò, svelare singole tecniche, meccanismi, strumenti perché il corpo trovi una sua compiuta realizzazione, ma è importante anche e soprattutto comprendere se e come si agisca per una sua umanizzazione. È opportuno pertanto esaminare come lo sport si possa fare carico delle differenze specifiche dei corpi, del modo in cui esse vengono interpretate. In particolare, è da valutare se si attui una azione antidiscriminatoria in relazione al corpo femminile, troppo spesso, al contrario, modulato in contrapposizione e subalternità a quello maschile, facendo riferimento ad una presunta inferiorità genetica che in realtà serve a coprire la costruzione culturale sportiva di tipo selettivo. Essa appare modificabile solo tramite un'opportuna educazione sportivo-motoria che recuperi l'essere olistico della persona, il suo essere fisico, estetico, emotivo, psichico e morale nel suo approcciarsi all'attività motoria.

### *L'identità corporea nella complessità del fenomeno sportivo*

La sociologia dello sport ha contribuito ad evidenziare la poliedricità della lettura e dell'interpretazione dell'agire sportivo; la comprensione delle diverse teorie esplicative non è certo ininfluenza per la pratica educativa che si voglia progettare al fine di salva-



guardare la persona incarnata nella realizzazione libera di sé, sottraendola al contempo a varie forme ingannevoli di realizzazione. Nello specifico, si considerano solitamente cinque teorie sociologiche che servono ad analizzare il fenomeno sportivo: lo struttural-funzionalismo, la teoria del conflitto, l'interazionismo simbolico, la teoria figurazionale, la teoria relazionale (MARTELLI, PORRO, 2013, p. 17). Lo struttural-funzionalismo consente di vedere come lo sport possa agire a livello di organizzazione e coesione sociale, per cui si arriva a condividere i valori che la pratica sportiva intende avallare facendoli divenire elementi di sviluppo sociale della persona. Un tale approccio tende però a mettere in ombra gli elementi di criticità sociale presenti nello sport, per esempio il fatto che taluni sport riproducano differenze sociali e che ci siano dei soggetti che divengono svantaggiati nel momento in cui si concepisce lo sport come struttura stabile, con bisogni e valori altrettanto fissi e generalizzabili. Perciò tale teoria non evidenzia il fatto che, ad esempio, le donne appaiono svantaggiate nella frequenza a determinati sport, magari a quelli che incoraggiano l'uso di una certa forza fisica, tipicamente maschile, a scopi prettamente agonistici di dominio dell'altro.

La teoria del conflitto, di contro, analizza i rapporti di forza che regolano le relazioni sociali, considerando lo sport come un agente di distrazione per coloro che sono in condizione svantaggiata e subiscono iniquità. Lo sport viene visto come contesto atto a riprodurre la società capitalistica, rappresenta uno strumento di manipolazione dei lavoratori sfruttati economicamente. Tale teoria, pur con le sue debolezze, fra le quali una eccessiva attribuzione materialistica al conflitto e una enfaticizzazione dei rapporti alienati di tipo capitalistico, permette però di denunciare alcuni effettivi modi di porsi dello sport contro e non per l'uomo. Ciò accade quando, ad esempio, lo si usa per il profitto di pochi attraverso la prestazione-alienazione dell'atleta, che diviene un corpo-macchina e uno strumento dei media a fini commerciali. O anche quando si utilizza la differenza di genere come strumento di potere, innescando meccanismi conflittuali, anche se non palesemente espressi.

La teoria dell'interazionismo simbolico analizza come il contesto sportivo, in cui ciascuna persona si trova inserita a vario titolo, influenzi il vissuto identitario di ciascuno. Si presenta interessante perché conduce all'autoriflessione su se stessi e sull'interazione con gli altri per giungere a una maggiore responsabilità delle proprie scelte.

La teoria figurazionale allarga la rete dell'interazionismo ai grandi quadri storico-sociali in cui anche lo sport si sviluppa, focalizzandosi più su una prospettiva a lungo termine che sulla pratica quotidiana. Consente di leggere il fenomeno sportivo all'interno del percorso storico, politico, culturale ed economico che lo ha generato, facendo emergere anche i vissuti emotivi che esso porta con sé. La teoria relazionale, infine, si occupa nello specifico delle relazioni e del loro evolversi nell'ambito sportivo. Studiare la rete di relazioni presenti nello sport dà modo di leggerlo in chiave di fenomeno multidimensionale complesso, così che lo stesso approccio educativo può fondarsi sulla coscientizzazione di tale complessità e analizzare in maniera responsabile la risorsa educativa simbolico-culturale di cui lo sport si fa portatore. La persona nella sua identità corporea viene cioè condizionata nei suoi atti dai valori e paradigmi veicolati dallo sport come costruito sociale, ma può a sua volta, in maniera bidirezionale, modificare il costruito sportivo nel momento in cui lo assuma criticamente e lo riporti



al suo essere personale. Vi sono, ad esempio, delle configurazioni sociali del corpo che emergono nell'ambiente sportivo, che si dipanano in altri ambienti, nella società dello spettacolo e delle comunicazioni. Come vanno considerate, revisionate e anche operazionalizzate in ambito educativo, ossia a supporto dello sviluppo e del perfezionamento dell'identità personale? Un esempio di tali configurazioni è rappresentato appunto dalla presenza femminile sportiva e dal suo modo di porsi.

Nello sport di eccellenza e per alcuni paesi la presenza di atlete è notevolmente aumentata, tanto che apparentemente non parrebbero esserci discriminazioni di genere e, soprattutto, letture di identità corporee maschili e femminili basate su stereotipi sociali. In realtà non si è ancora raggiunta un'uguaglianza di genere; le donne sono presenti comunque in numero quantitativamente minore ma, specialmente, presentano un'immagine qualitativamente inferiore. All'interno dell'analisi critica dell'agire sportivo, di cui si è detto sopra, lo sport femminile riveste dunque un interesse particolare; va presidiato come fenomeno sociale complesso in quanto pare condurre ad un modellamento del corpo, e quindi dell'identità della persona, secondo paradigmi omologanti di stampo sessista.

Se il compito dell'educazione motoria e sportiva è quello di contribuire all'espressione autentica della persona, è chiaro che occorre identificare il dispositivo pedagogico, prima delle tecniche di allenamento, che va a declinare la corporeità femminile, il suo relazionarsi, il farsi riconoscere e il riconoscersi negli altri, e quindi il suo esprimersi in ambito motorio e sportivo. Anche perché, andando a Deleuze e riprendendo Spinoza, il corpo umano è fautore di relazioni con gli altri corpi, può modificarli e modificarsi. "Per Spinoza il corpo individuale si definisce così: una composizione frutto di un rapporto specifico di movimento e riposo [...] complesso al punto da continuare nonostante tutto a sussistere attraverso i cambiamenti che ne affettano le parti. [...] Un corpo è un infinito processo di composizione. Ho conoscenza di me stesso dall'azione che gli altri corpi esercitano su di me e dalle combinazioni che ne conseguono. [...] Il corpo è definito dall'insieme dei rapporti che lo compongono, o, stessa cosa, dal suo potere di essere affetto. Finché non conosceremo il potere di essere affetto del nostro corpo, finché questo sapere sarà alla ventura della casualità degli incontri, non potremo vivere una vita saggia, non raggiungeremo la saggezza" (DELEUZE, 2006, pp. 49, 50, 51 e 53).

Posta la necessità di superare il luogo comune che attribuisce acriticamente allo sport sempre e comunque una valenza educativa, viene ora da chiedersi, nel caso specifico, come si ponga l'azione educativa di coscientizzazione allo sport in relazione a quello femminile, esaminando quali stereotipi, costrutti, dispositivi accompagnino di conseguenza la formazione-educazione della donna sportiva, la quale pone al centro la sua corporeità, che può però essere interpretata e anche modificata e distorta in vari modi.

Se l'obiettivo è quello di agire in chiave educativa, e quindi emancipativa, va esplicitato il paradigma corporeo in cui ci si muove in riferimento alla persona dell'atleta sportiva. A monte va sempre considerata la lettura di sfondo offerta da numerosi autori che trattano del corpo sportivo e, in particolar modo, la critica estrema di Adorno (HORKHEIMER, ADORNO, 1976) al corpo sportivo che si trasforma in strumento di propaganda politico-culturale di pseudo-mascolinità, che porta con sé forza e violenza. Ugualmente, più in generale, non va sottaciuta l'opera di asservimento del corpo che di-



viene corpo-macchina, la sottrazione della libertà, come nel caso del *para-atleta fascista* (HOBERMAN, 1984, p. 151 e 342-343). Ma non meno presente nella società odierna è la visione utilitaristica del corpo e dello sport ancorati esclusivamente alla competizione, all'acquisizione del record, per non parlare, come già accennato, del corpo dello sportivo che veicola messaggi classisti, dato che la classe sociale di appartenenza orienta la preferenza sportiva che la conferma. È in tale percorso che si inserisce la donna sportiva e la sua educazione motorio-sportiva.

### *Corpo e sport al femminile: l'approccio educativo*

Il fatto che oggi la donna partecipi in misura maggiore rispetto ad un tempo all'attività motoria e sportiva non è affatto garanzia di una visione antidiscriminatoria capace di coadiuvare la sua crescita autentica. La presenza dello sport femminile, visto come opportunità emancipativa della donna, e quindi anche educativa, richiede infatti il superamento di concezioni della corporeità femminile che sono retaggio del passato ma sono in grado di riprodursi anche oggi, a dissimulare la presenza di lobby sportive economiche e maschiliste che sono, di contro, interessate a mantenere uno stato di conservazione del proprio potere. L'identità corporea della donna sportiva trova in tal caso possibili definizioni sempre da parte di altri; e ciò sta a significare che le viene tolta la possibilità di identificare una propria connotazione unica e specifica rispetto a quella preventivata dalla cultura sportiva maschile, sottraendosi all'essere termine di paragone.

All'interno della Comunità Europea stessa si sono elaborati di recente diversi documenti sulla discriminazione di genere nello sport, evidenziando una sottorappresentazione della donna negli organismi decisionali sportivi, ma anche nella pratica sportiva. In un report dell'*Istituto europeo per l'uguaglianza di genere* (EIGE) si afferma che "lo sport è tradizionalmente un settore dominato dagli uomini e i progressi compiuti nella parità di genere in questo campo sono frenati dalle concezioni sociali di femminilità e mascolinità, che spesso associano lo sport a caratteristiche 'maschili' quali la forza fisica e la resistenza, la velocità e uno spirito molto combattivo, se non addirittura aggressivo. Le donne che si impegnano nello sport possono essere viste come 'mascoline', mentre gli uomini non interessati agli sport possono essere considerati 'poco virili'. Gli stereotipi di genere prevalenti influenzano la partecipazione delle donne non solo ai processi decisionali nelle organizzazioni sportive, ma anche alla pratica sportiva. [...] Gli uomini sono più numerosi delle donne anche tra gli occupati nel settore dello sport e i dati della banca dati statistica dell'EIGE sulle questioni di genere mostrano che a livello europeo, tra il 2012 e il 2014, l'occupazione femminile nello sport è addirittura diminuita, mentre quella maschile è aumentata [...] I media possono svolgere un ruolo importante nel rafforzamento o, viceversa, nell'indebolimento degli stereotipi di genere negli sport. L'applicazione degli stereotipi di genere agli atleti maschi e femmine da parte dei media è ben documentata e spesso le atlete vengono sessualizzate: si tende infatti a rappresentarle in un modo che contribuisce a mettere in secondo piano i risultati ottenuti nello sport, dando risalto alla femminilità e all'attrazione sessuale invece che alla forza e alle capacità. Differenze significative si registrano anche nella copertura mediatica degli sport maschili e femminili: a questi ultimi è dedicata un'attenzione molto minore. Un altro



fronte sensibile è costituito dalla scarsa presenza delle donne nel giornalismo sportivo: alle Olimpiadi di Londra del 2012, ad esempio, le donne erano solo il 15% dei giornalisti e dei fotografi. Il divario di genere nel giornalismo sportivo si riscontra anche nella struttura organizzativa dei media, dove le donne occupano meno di un terzo delle posizioni dirigenziali più alte”<sup>1</sup>.

La lunga citazione ci è utile a dare l'idea della complessità del fenomeno e dell'analisi sull'attività motoria e sportiva da condurre con scopi educativo-formativi. Come avviene, oggi, in Italia l'educazione allo sport per il genere femminile? Non sempre sembra esservi una presa di coscienza di come lo sport sia pregno di stereotipi sessuali femminili, dell'identificazione della donna in un corpo che risponde ad un immaginario maschile. Ne è testimonianza il fatto, ad esempio, che l'atleta donna, nei giornali del 1968 e 1978, secondo un'indagine di A. Salvini, ha continuato a venire “associata ai suoi attributi sessuali, alle sue vicende sentimentali, ai suoi ruoli di moglie e di madre più che alla sua prestazione, come invece avviene per l'uomo” (SALVINI, 1982, p. 43). E anche nei moderni Stati Uniti, quando vengono intervistate le atlete, viene naturale ai giornalisti porre domande sulla loro vita privata e sentimentale, oppure si rassicurano i lettori che gli allenamenti che conducono ad una trasformazione del corpo femminile e all'acquisizione di forza e muscolatura non comprometteranno la loro femminilità (MARTELLI, PORRO, 2013, p. 70).

Una sintetica e veloce carrellata della storia dello sport femminile diviene in questo senso estremamente interessante, in quanto fa emergere come esso, sin dal suo nascere tra società diverse da quella occidentale moderna, attraverso i giochi-sport femminili, si sia quasi subito sviluppato con una connotazione diversa da quella maschile, spesso discriminatoria. Ai suoi albori l'insieme di attività fisiche e ludico-motorie femminili non coinvolge, a differenza di quelle maschili, l'intera comunità sociale, per il beneficio della stessa, ma solo l'universo femminile, che viene a caratterizzarsi in senso naturalistico-materno. Le differenze fisiche si trasformano gradualmente in stereotipi culturali e isolamento. Da manifestazioni sportive che vedono gareggiare insieme uomo e donna si passa così ad un confinamento di quest'ultima: “il mondo della donna si è via via sempre più ristretto, in un società in cui il principio maschile e quello femminile hanno cessato di essere complementari e necessari l'uno alla prosperità dell'altro. Ora uno ha solo bisogno che l'altro svolga la sua funzione materiale (procreare) per continuare a dominare (MARTINI, 1996, p. 25).

Le esperienze sportive delle donne mantengono pertanto nel corso del tempo una forma di isolamento, assumono caratteri particolari; in esse il corpo femminile diviene strumento di diffusione dell'immagine della donna a uso, diletto e interesse del mondo maschile. Lo si coglie anche nel modo in cui la donna partecipa ai diversi sport e alla stessa attività ginnica, nel modo in cui avviene nel corso del tempo il progressivo riconoscimento del corpo femminile, segnato però anche da tappe d'arresto. Il costituirsi dello sport come fenomeno sociale e politico è correlato al divenire dello stesso universo femminile. Il velocipedismo, ad esempio, è stato lo

<sup>1</sup> [eige.europa.eu/sites/default/files/documents/mh0215937itn.pdf](http://eige.europa.eu/sites/default/files/documents/mh0215937itn.pdf). Si veda anche l'Impegno strategico a favore della parità di genere 2016-2019: [ec.europa.eu/newsroom/document.cfm?doc\\_id=45152](http://ec.europa.eu/newsroom/document.cfm?doc_id=45152)





sport che sin dalla fine del 1800 ha veicolato l'idea di emancipazione sessuale e sociale e ha permesso alle donne di rendere pubblica l'intenzione di riappropriarsi della propria corporeità e soggettività “abbattendo tabù e stereotipi maschilisti d'ordine morale, religioso, culturale; pregiudizi sanitari e fisiologici, di mentalità e costume” (CANELLA *et alii*, 2011, p. 22). Il modo in cui venivano rappresentate le gare e l'attenzione stessa per l'abbigliamento rendono conto però del clima dell'epoca e del paradigma discriminatorio adottato. Il vestiario adottato avrebbe dovuto permettere loro di 'essere eleganti e attraenti' (MARTINI, 1996, p. 32). Il ciclismo, quando da passeggiata si fosse trasformato in vera e propria gara femminile, fosse cioè svolto a livello professionale, rimaneva un rischio per la reputazione femminile, tanto da venire addirittura considerato, come riportato nella Gazzetta Ciclistica del 19 febbraio 1896, “una prostituzione delle attrattive femminili, l'abdicazione alla grazia” (p. 33).

La stessa attività ginnica prevista per le bambine e le ragazze nelle scuole si prefigura, sin dal suo nascere, come assecondamento dei pregiudizi sul corpo femminile, compresi i suoi limiti, ricondotti a differenze naturali, quindi alla teoria del determinismo biologico che ancora oggi è subdolamente presente. Perciò, F. De Sanctis, che nel 1878 introduce la ginnastica femminile nella scuola italiana, fa riferimento a percorsi educativi semplici per la donna che assecondino la sua grazia naturale. E A. Mosso, ad inizio del 1900, ribadisce l'importanza della ginnastica femminile, che deve essere però diversa da quella maschile (MOSSO, 1911, p. 85). La diffusione nei collegi femminili della ginnastica svedese ha il compito di disciplinare in termini salutistici il corpo femminile, in un certo senso desessualizzandolo, sviluppando anche il senso dell'obbedienza femminile al compito fondamentale che è proprio della donna: la riproduzione (HARGREAVES, 1994). Lo sport e l'attività fisica femminile non prevedono che il corpo si esprima in libertà, che si realizzi in senso estetico e ludico, ma che segua una finalità biologica. La ginnastica femminile ha ampio sviluppo durante il periodo del fascismo a regolamentare ulteriormente il corpo femminile a scopi igienici e procreativi. Per questo la diffusione della ginnastica femminile entrerà in crisi nel dopoguerra, in quanto ancora troppo legata ad una impostazione fascista, per riprendersi poi come ginnastica artistica e ritmica. Quest'ultima viene identificata come la ginnastica da proporre nelle scuole ad uso del sesso femminile, ancora una volta a orientare la crescita fisica, ma pure etico-morale, di un certo tipo. Anche nel nuoto la donna si rende visibile molto più tardi del maschio. Ritorna l'immagine del corpo femminile, del 'senso del pudore' e del 'giusto decoro' che pertiene ad essa. Le viene infatti permesso di nuotare, spesso totalmente vestita, in orari diversi e molto più limitati di quelli degli uomini. Ci vorranno vari decenni perché il nuoto femminile si affermi; una spinta in tal senso è costituita dal diffondersi nel dopoguerra, del turismo balneare, che avvia ad una liberazione e riscoperta del corpo femminile oltre l'occhio voyeristico maschile (CANELLA *et alii*, 2011, pp. 40-41). Per non parlare del pugilato: in Italia solo nel 1996 viene istituita, all'interno della Federazione di boxe, la sezione di pugilato femminile. E se via via le donne nel corso del tempo sembrano emanciparsi e inserirsi nei diversi sport, è pur vero che la corporeità femminile è di fondo ritenuta 'fragile' e la competitività rappresenta una caratteristica ancora marginale nell'immagine dello sport femminile; infatti la partecipazione delle donne alle Olimpiadi avverrà in maniera graduale. E anche uno sport come il tennis, che dapprima ha visto le





donne attive e partecipi, ma spesso come simbolo del loro affermarsi nell'aristocrazia e nell'alta borghesia, considera il corpo femminile come sola espressione di grazia ed eleganza. E nel momento in cui tale sport acquisisce una connotazione moderna le tenniste continuano comunque a riempire le pagine dei rotocalchi rosa, utilizzando il campo come passerella, sfilando come modelle e facendosi confezionare divise ginniche di alta sartoria.

La donna sportiva, nell'industria mediatica, tende oggi a riproporsi, anche se in maniera meno palese rispetto al passato, come simbolo sessuale di corpo femminile ad uso maschile. Se nelle giovani sembra essere venuto meno, rispetto agli anni Ottanta (SALVINI, 1982, p. 41), il pregiudizio che considera l'attività sportiva come una minaccia per lo sviluppo della femminilità della donna (SALVINI, 2000, p. 8), di fatto alcuni messaggi mediatici tendono, certo non esplicitamente, a ribadire taluni canoni femminili che fanno riemergere il dubbio circa il possibile effetto negativo di virilizzazione a cui lo sport potrebbe condurre. A mo' di esempio si possono considerare alcune indicazioni che ancora un trentennio fa erano presenti in uno dei numerosi manuali divulgativi per l'attività fisica femminile e che, pur con altro linguaggio, sembrano richiamare i molti consigli rivolti alla donna di oggi. Nel testo – pur non mancando magari un 'igienicamente corretto' eserciziario per lo sviluppo fisico armonico e equilibrato – si fa riferimento “alla ginnastica estetica femminile” e ad una identità corporea femminile che raggiunge uno stato di benessere nel momento in cui ‘piace ed è ammirata’ per la sua bellezza: “man mano che vi sentirete più belle, sane ed ammirate, acquisterete fiducia e sicurezza in voi stesse e contemporaneamente scomparirà in voi qualsiasi complesso poiché morale e fisico sono legati indissolubilmente” (BRUSATI DI SETTALA, 1984, pp. 8-9). Ancora una volta nell'attività fisica campeggia l'idea della realizzazione della donna attraverso il desiderio dell'uomo (HARAWAY, 1995, p. 53). Le stesse testimonianze di sportive degli ultimi decenni evidenziano la difficoltà per la donna di trovare una propria identità-realizzazione sportiva, combattuta com'è fra immagine esteriore, valorizzazione della diversità e uguaglianza di opportunità, mentre deve superare gli ostacoli e, non raramente, idee omofobiche che il mondo sportivo in buona parte maschile pone al suo ingresso: “Quando ti alleni molto vengo fuori dei muscoli che in realtà non vorresti, che servono per giocare, ma ad esempio a me vengo fuori muscoli trapezi e da vedere per me sono un po' brutti... so che si tratta di una questione culturale che i mass media ci hanno inculcato, come deve essere una donna esteticamente bella, ma non posso dire di non esserne influenzata” (Nicole Bonamino, professionista in hockey inline) (FALCO, 2015, p. 88). “Sempre in campo, con la consapevolezza che anche il mondo dello sport, come un campo di volley, è separato da un'invisibile rete. Di qua gli uomini, di là le donne. Con la Nazionale femminile siamo arrivate a vincere più dei maschi. Ma qualche anno fa abbiamo dovuto minacciare lo sciopero per avere anche noi, come loro, una diaria. Niente cifre folli: giusto quel minimo per tirare avanti, un'entrata fissa. Ai maschi la davano. Invece noi, se vincevamo prendevamo il premio in denaro, altrimenti niente” (Antonella Del Core, pallavolista azzurra) (MALAGÒ, 2012, pp. 96-97). Ricerche recenti evidenziano come rimanga una pratica essenzialmente femminile, ma considerata importante quasi quanto l'allenamento, quella di curare l'abbellimento del corpo sportivo. Atlete



professioniste ritengono infatti rilevante per il raggiungimento degli obiettivi preventivi la modalità di presentazione, che è quasi una 'vetrinizzazione' del proprio corpo nel momento in cui approntano competizioni di rilievo (BORDO, 1997).

Appare quindi necessario, prioritariamente, comprendere quanto il ruolo di genere, cioè la visione culturale dell'attività sportiva influenzi la pratica motorio-sportiva femminile, arrivando a modificare anche la stessa fisiologia femminile, e quindi il proprio essere identitario. Nella discussione sul rapporto natura-cultura, sesso-genere, corpo-mente, che sembra volgersi verso il superamento di dicotomie per cogliere nel corpo il riflesso non solo di leggi naturali ma di interferenze culturali e politiche, si è visto come la pratica motorio-sportiva tenda a rafforzare 'culturalmente' ciò che si ritiene naturalmente ascritto al maschile e al femminile (HARGREAVES, 1994) e, in particolare, l'inferiorità prestazionale biofisica della donna rispetto all'uomo. Una riflessione scientifica più approfondita richiede, di conseguenza, che si analizzino maggiormente tali diversità, esaminando anche le cause delle prestazioni sportive femminili ritenute inferiori a quelle maschili. Se, infatti, le valutazioni vengono effettuate esclusivamente su prestazioni adeguate alla fisiologia e al patrimonio endocrino maschile, come ad esempio per le attività che richiedono forza esplosiva, potenza muscolare, attitudine visivo-spaziale, mettendo in secondo piano quelle che richiedono una resistenza di altro tipo o la coordinazione, o l'elasticità, più confacenti al fisico femminile, è palese che le donne appaiano sempre in un ruolo di subalternità. Persistono inoltre attribuzioni sociali stereotipiche legate all'idea di femminilità, quali la presenza di minor aggressività, di empatia, ma anche la possibilità di maggiore suggestionabilità. Di contro, appaiono caratteristiche prettamente maschili una maggiore ricerca di autoaffermazione individualistica, di assertività e di competitività. Tali costrutti, non oggettivamente fondati, pesano comunque sulla messa in atto delle conseguenti 'offerte formative': i genitori orientano perciò le bambine verso pratiche sportive che avallano tali credenze, mentre pare che gli allenatori mettano in atto inconsapevolmente trattamenti diversificati, nel senso di meno efficaci per le donne rispetto ai maschi, inducendo il dispositivo psicologico della profezia che si autodetermina (PESCE, 2014, p. 37, pp. 35-41).

Servono quindi ulteriori studi e ricerche interdisciplinari per sedimentare il principio che la motricità, maschile e femminile, non costituisce solo un dato genetico stabile ma risente di un lavoro socio-educativo mediante il quale, sino ad oggi, si è teso ad inibire talune azioni nelle donne e a incrementarne altre nei maschi. Il che non significa che le prestazioni dell'uomo e della donna possano essere simili, ma piuttosto che ciascuna donna deve trovare le proprie dimensioni e forme di realizzazione, senza pensare di poter aumentare la propria autostima e fiducia in sé nell'emulazione delle prestazioni maschili. Non va infatti sottaciuto un ulteriore problema: mentre teme intimamente la mascolinizzazione femminile, per entrare nella competizione sportiva maschile il corpo femminile accetta paradossalmente lo stravolgimento delle proprie caratterizzazioni fisico-biologiche per ottenere garanzie di maggiore riconoscimento e competitività. Il fatto stesso che per alcuni sport si preveda una sorta di traduzione al femminile intesa come riduzione della complessità e delle forze richieste, sottende la concezione che lo sport femminile rappresenti una categoria secondaria dello sport, concepito al 'maschile' per antonomasia. Dal punto di vista educativo-formativo non si tratta



quindi solo di analizzare come il sesso, inteso come fisiologia maschile e femminile, condizioni l'azione motoria e sportiva, benché tali studi siano ancor da sviluppare nella loro ampiezza (CIUFFETTI, GULINELLI, MANNO, 2014). Vanno comprese invece le problematiche che la donna sportiva incontra con la *self-presentation*, cioè con tutte le caratteristiche personali che riguardano la sua immagine corporea, nel suo rapportarsi nei diversi contesti sociali che, a loro volta, reclamano una visibilità del corpo femminile di un certo tipo. Dunque, anche l'allenatore quando considera l'idea di allenamento di genere, cioè attinente alla morfologia femminile, deve altresì farsi carico dei vissuti del corpo, *Leib*, dell'atleta, nella sua unità psicosomatica, impostando una relazione di cura, in uno scambio relazionale, a supporto e a sostegno dell'emergere della personalità unica di ciascuna atleta, e lo può fare sotto forma di invito a cogliere e gestire la propria trasformazione, distanziandosi da stereotipi e preconcetti.

A livello professionale agonistico il corpo femminile, in definitiva, oggi viene ancora valutato positivamente nel momento in cui ricalca il più possibile la prestazione maschile ma, al medesimo tempo, viene penalizzato quando non evidenzia quelli che sono ritenuti i canoni di femminilità, in realtà frutto di condizionamenti sociali. Le finalità dell'allenamento rimangono di conseguenza quelle di modificare l'organismo seguendo sostanzialmente lo standard maschile, il corpo da uomo, più forte, e non la talentuosità particolare che caratterizza quello femminile. L'assunzione di tale dispositivo presenta una certa rischiosità quando si agisce, ad esempio, sottoponendo le atlete ad esercizi fisici che alterano le particolarità biologiche dell'organismo femminile inducendo cambiamenti del sistema riproduttivo, ormonale, ma anche generali, con pericolose conseguenze (SHAHLINA, p. 97). In più tale modello di allenamento spinge molte ragazze adolescenti ad abbandonare lo sport per il timore di non riscuotere l'approvazione sociale in quanto non rientrano in modelli culturali conformistici diffusi socialmente (SALVINI, 2000, FERRERO, 2014). Siamo certamente all'interno di una tematica alquanto complessa legata all'identità di genere, che oggi si presta ad una lettura politicizzata del corpo. Se la pedagogia non può avere la pretesa di giungere ad una sua estrinsecazione in tempi brevi è comunque tenuta ad evidenziare la necessità di prendere atto di quanto l'identità corporea femminile sia un costrutto biologico, ma anche psicosociale, complesso. Può così giungere a ribadire che la prassi motorio-sportiva incide sul divenire della persona e denunciare che, a seconda di come essa venga intesa, può agire in un'ottica di emancipazione, e cioè di cambiamento e identificazione 'totale' di ogni soggetto, o di giustificazione di inferiorità sociale, fisica o psicologica adducendo la distinzione di genere.

### *L'educazione motoria femminile fra categorie sportive e categorie identitarie*

“Le persone responsabili dell'educazione, della formazione e dello sviluppo degli allenatori o di tutto il personale sportivo devono accertarsi che i programmi e le attività pedagogiche impiegate prendano in esame tutti gli aspetti riguardanti l'uguaglianza tra i sessi e le necessità delle donne atlete, riflettano in modo equo il ruolo delle donne nello sport e tengano conto dell'esperienza, dei valori e delle opinioni delle donne in materia di direzione” (*Dichiarazione di Brighton sulla donna e lo sport*, 1994, art. 7).



Come evidenziato dalla *Dichiarazione di Brighton*, oltre che denunciare diventa opportuno agire in senso costruttivo, individuando dei percorsi progettuali formativi che coinvolgono lo sport come strumento di emancipazione e di liberazione della persona, in questo caso dell'identità femminile, considerando cioè la diversità fra maschio e femmina, ma anche la non confrontabilità sulla base della superiorità di un sesso sull'altro, bensì la complementarità. Come sottolinea Isidori, un aiuto alla coscientizzazione e alla revisione in chiave critico-ermeneutico-umanistica dello sport può provenire dall'assunzione dell'approccio prospettato dalla teoria del 'pensiero debole' che, contrapponendosi al 'pensiero forte', non intende fornire fondazioni assolute e oggettive di una realtà identitaria già data in maniera univoca, ma effettuare una lettura critica e aperta nel rispetto delle differenze. Nel caso della analisi del fenomeno motorio e sportivo il pensiero debole analizza in profondità e interpreta le categorie e le relative pratiche ad esso connesse in un'ottica di revisione e cambiamento, affinché esso sia uno strumento di emancipazione e liberazione, quindi di realizzazione della persona. Così "il pensiero debole non vuole uno sport diviso per genere, religione ed etnie/razze [...]. Non accetta l'idea che vi siano sport 'da' e 'per maschi' e sport 'da' e 'per femmine', o l'idea che le donne siano meno portate per certi sport piuttosto che per altri, che i maschi siano superiori nello sport alle donne; che gli sport maschili siano di maggior pregio rispetto a quelli femminili; o tanto meno – se entriamo in categorie più o meno estetiche – che gli sport maschili (o viceversa) siano 'più belli' di quelli femminili" (ISIDORI, 2012, pp. 57-58). Coerentemente, il pensiero debole, criticando la discriminazione sessuale o di genere e accogliendo la differenza, propone che anche nello sport vi sia la mescolanza di generi: "tale pensiero accetta pienamente il transgenderismo, il transessualismo e l'omosessualità nello sport. Accetta che atleti cosiddetti 'transgender' possano partecipare in competizioni con atleti o atlete di uno dei due sessi tradizionalmente intesi" (IVI, p. 58).

Una tale posizione mette al centro dell'attività motoria e sportiva la persona, con la sua corporeità e creatività che non si assoggetta o si modella passivamente alle regole del 'potere sportivo', ma vi si inserisce con un'azione di riflessione, decostruzione e ricostruzione. Essa si innerva con una filosofia dell'educazione sportiva che "prospetta un impegno forte e costante del soggetto – anche nella vita quotidiana – per la promozione dei valori dello sport; sta poi al singolo soggetto e alla sua coscienza critica utilizzare questi valori come strumenti etici di trasformazione pacifica della società" (IVI, p. 63).

In Italia l'impegno per lo sviluppo di un percorso critico di emancipazione femminile mediante lo sport non è paragonabile a quanto avvenuto negli Stati Uniti o, in ambito europeo, in Francia. Nemmeno le rivendicazioni del Sessantotto sulle prospettive di emancipazione-realizzazione femminile sono state in grado di dar vita a studi a largo spettro sulla corporeità femminile nel suo rapporto con lo sport. Un simile processo avrebbe permesso di accelerare anche sul piano pedagogico un'azione educativa, quale offerta di opportunità educativo-sportive, verso la consapevolezza della donna per un'identità corporea 'più disinibita', congruente non ad una immagine costruita ma a una identità incarnata personale. La riflessione pedagogica può contribuire a far divenire lo sport un ambito educativo non soltanto smascherando i costrutti che elaborano e manipolano i corpi sportivi, sia maschili che femminili, ma anche educando uomini e donne a conoscere meglio il loro essere "persone incarnate" attraverso l'attività motorio-sportiva,



vivendo le modifiche corporee come passaggi di realizzazione personale e non di adeguamento passivo a modelli esterni.

Un compito importante in questa direzione spetta a chi si occupa *in primis* di educazione motoria e sportiva. Innanzitutto sono coinvolti i genitori, che svolgono la prima funzione di orientamento allo sport e possono già essere condizionati da stereotipi maschili e femminili nell'influenzare la scelta motoria del figlio. Ma un ruolo fondamentale compete ai cosiddetti tecnici dello sport, agli allenatori e agli educatori, che si rapportano a corpi che non sono macchine produttive, né oggetti da ingabbiare in prestazioni o immagini predeterminate da modelli politico-culturali già acquisiti. La tecnica dovrebbe costituire l'ausilio per la liberazione del gesto creativo e personale di cui ogni persona è capace in maniera originale, nell'integrazione di tutto il suo essere, indipendentemente dall'appartenenza al maschile o al femminile.

La cultura sportiva e l'approccio pedagogico-educativo richiede che ci si disponga ad ampliare la visione del proprio 'essere corpo nel mondo' in quanto in relazione ad altri corpi (DELEUZE, GUATTARI, 2006). Va quindi fatto oggetto di rielaborazione nella relazione allenatore-sportiva il repertorio culturale e motivazionale che conduce le ragazze ad approdare ad un certo sport, così come vanno meglio approfondite le modalità interattive sportive che contribuiscono all'identificazione della identità sociale di genere. Si tratta, quindi, non solo di superare certe disposizioni egocentriche che tendono a caratterizzare ogni atleta professionale, ma anche di chiarire come la corporeità femminile venga influenzata dal gruppo sportivo di appartenenza e a quali identificazioni ritenute "di genere" essa conduca, a quali scopi risponda. Il fine è quello di fare in modo che lo sport non riproduca stereotipi e pregiudizi ma consenta a ciascuno, alle donne nello specifico, di disporre pienamente della propria identità corporea per la loro piena realizzazione, come ribadito dalla *Risoluzione del Parlamento europeo su "donne e sport"* (2002/2280(INI)): "lo sport femminile è l'espressione del diritto alla parità e alla libertà di tutte le donne di disporre del proprio corpo e di occupare lo spazio pubblico, a prescindere dalla cittadinanza, dall'età, dalla menomazione fisica, dall'orientamento sessuale, dalla religione".

## Bibliografia

- Bausinger, H. (2008). *La cultura dello sport*. Roma: Armando.
- Bergson, H. (2000). *Pensiero e movimento*. Milano: Bompiani.
- Bordo, S. (1997). *Il peso del corpo*. Milano: Feltrinelli.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Cambridge (MA), London: Harvard University Press.
- Brusati di Settala, P. (1984). *Armonia e bellezza. Metodo completo di ginnastica estetica femminile*. Padova: MEB.
- Canella, M. ... [et al.] (a cura di) (2011). *Donnaèsport. Storie di donne e di sport nell'Italia unita*. Anniversary books: Modena.
- Ciuffetti, R., Gulinelli, M., Manno, R. (2014). *Quaderni della scuola dello sport. Sport al femminile*. Roma: Edizioni sds.





- Deleuze, G., Guattari, F. (2006). *Mille piani. Capitalismo e schizofrenia*. Roma: Castelvecchi.
- Falco, C. (2015). *Più brave per forza. Storie di donne e sport dal Novecento a oggi*. Torino: SEB 27.
- Dichiarazione di Brighton sulla donna e lo sport**. In Artemisia (a cura di) (1995). *Atti del Workshop: La donna e l'attività fisica*. Forum euromediterraneo Sport, solidarietà e cooperazione internazionale, Padova-Venezia, 26-30 ottobre 1994. Roma: Associazione di Relazioni Internazionali.
- Farneti, P., Carlini, M.G. (1981). *Il ruolo del corpo nello sviluppo psichico*. Torino: Loescher.
- Ferrero, V. (a cura di) (2014). *Sport al femminile. Quando la mimosa fa la differenza*. Molifetta: La Meridiana.
- Gori, G. and Mangan J.A. (a cura di) (2014). *Sport and emancipation of European women. The struggle for self-fulfilment*. London, New York: Routledge.
- Guttman, A. (1978). *From ritual to record. The nature of modern sports*. New York: Columbia University Press.
- Haraway, D.J. (1995). *Manifesto Cyborg. Donne, tecnologie e biopolitiche del corpo*. Milano: Feltrinelli.
- Hargreaves, J. (1994). *Sporting females. Critical issues in the history and sociology of women's sport*. London, New York: Routledge.
- Hoberman, J.M. (1988). *Politica e sport. Il corpo nelle ideologie politiche dell'800 e del 900*. Bologna: il Mulino.
- Horkheimer, M., Adorno T.W. (1976). *Dialettica dell'illuminismo*. Torino: Einaudi.
- Husserl, E. (1950). 1: *Cartesianische Meditationen und Pariser*. Haag: M. Nijhoff.
- Iavarone, M.L. (2010). *Abitare la corporeità. Dimensioni teoriche e buone pratiche di educazione motoria*. Milano: FrancoAngeli.
- Isidori, E. (2012). *Filosofia dell'educazione sportiva. Dalla teoria alla prassi*. Roma: Edizioni Nuova Cultura.
- Lo Verde, F.M. (2014). *Sociologia dello sport e del tempo libero*. Bologna: il Mulino.
- Malagò, G. con Melone, N. (2012). *Storie di sport, storie di donne. In una galleria di ritratti, il segreto dello sport al femminile*. Milano: Rizzoli.
- Marcel, G. (1976). *Giornale metafisico*. Roma: Abete.
- Mariani, A. (1997). *Attraversare Foucault. La soggettività, il potere, l'educazione*. Milano: Unicopli.
- Martini, M. (1996). *Correre per essere. Origini dello sport femminile in Italia*. Roma: Associazione italiana cultura sport, Firenze: Archivio storico atletica italiana.
- Martelli, S., Porro, N. (2013). *Manuale di sociologia dello sport e dell'attività fisica*. Milano: FrancoAngeli.
- Massa, R. (2003). *Le tecniche e i corpi. Verso una scienza dell'educazione*. Milano: Unicopli.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Librairie Gallimard.
- Mosso, A. (1911). *L'educazione fisica della gioventù, della donna*. Milano: Treves.
- Pesce, C. (2014). *Aspetti psicosociali dell'attività sportiva femminile*. In Ciuffetti, R., Gulinelli, M., Manno, R. (a cura di). *Quaderni della scuola dello sport. Sport al femminile*. Roma: Edizioni sds (pp. 35-41).
- Refrigeri, L. (2011). *Lo sport agenzia non formale per l'educazione antirazzista*. In L. Refrigeri (a cura di). *Sport e razzismo. Il ruolo dell'educazione. Atti della Giornata di studio Ma che razza di integrazione! l'educazione e il fenomeno del razzismo nello sport*. Lecce-Brescia: Pensa MultiMedia (pp. 103-131).
- Salvini, A. (1982). *Identità femminile e sport*. Firenze: La Nuova Italia.
- Salvini, A. (2000). *Identità femminile e sport*. In *Donna e sport. Atti del Convegno 30 ottobre 1998*. Firenze: Tipografia Giuntina (pp. 6-12).





Shalina, L. (2014). **Atlete e alimentazione**. In Ciuffetti, R., Gulinelli, M., Manno, R. (a cura di). **Quaderni della scuola dello sport. Sport al femminile**. Roma: Edizioni sds (pp. 91-98).

### *Sobre o autor*

#### **Mirca Benetton**

Professore associato di Pedagogia generale e sociale presso l'Università degli Studi di Padova, Dipartimento di Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia applicata. Membro del Comitato direttivo del Centro interdipartimentale di Ricerca in Pedagogia e Psicologia dell'Infanzia.





## Fare esperienza delle possibilità del corpo mediante la contact improvisation dance

*Alessandro Bortolotti\**

*Martina Delprete\*\**

### Sommario

Basandosi sulla dimensione epistemologica di rottura fornita dalla *Prasseologia motoria* elaborata da Pierre Parlebas, che mira a superare le scissioni dicotomiche corpo/mente e teoria/pratica, in questo articolo intendiamo sia sottolineare il valore comunicativo o *semiomotorio* del movimento, sia evidenziare quanto risulti *incorporata* la conoscenza. Da tali premesse prende il via la ricerca empirica qualitativa di taglio etnografico qui presentata, la quale, riportando la voce di chi ne fa esperienza, consente d'avanzare una serie di riflessioni circa la danza Contact Improvisation. I temi riportati, articolati mediante continui richiami al campo della pratica, illustrano come tale dispositivo formativo risulti adeguato ad esperire il corpo in quanto *Leib*, ovvero un elemento vivo e pulsante, nonché depositario di saperi legati ad una visione ecologica, permettendo non solo di contrapporsi alla concezione del *Körper* o corpo-cosa della scienza spersonalizzante, ma anche di contribuire alla ridefinizione di una contemporanea *pedagogia del corpo* centrata sulla dimensione del *possibile*.

**Parole chiave:** Contact Improvisation Dance; Leib; Pedagogia del corpo; Formazione, Prasseologia motoria.

\* Università di Bologna. Bologna, Italia.  
E-mail: [alessandro.borotlotti@unibo.it](mailto:alessandro.borotlotti@unibo.it). <http://orcid.org/0000-0001-5112-2399>.

\*\* Università di Bologna. Bologna, Italia.  
Email: [marti.delpre@gmail.com](mailto:marti.delpre@gmail.com)/[martina.delprete2@studio.unibo.it](mailto:martina.delprete2@studio.unibo.it). <http://orcid.org/0000-0001-8258-839>.

## Experiencia des possibilites du corps par la danse d'improvisation de contact

### Résumé

En se fondant sur la dimension épistémologique de rupture fournie par la Praxéologie motrice élaboré par Pierre Parlebas, qui vise à surmonter les divisions dichotomiques comme corps / esprit ou théorie / pratique, on souhaite soit mettre l'accent sur la valeur communicative ou semio-moteur du mouvement, soit mettre en évidence l'incorporation des savoirs. A partir de ces prémisses, voici cette recherche empirique qualitative de nature ethnographique qui, en rapportant la voix de ceux qui l'ont vécue, permet de faire une série de réflexions par rapport à la danse contemporaine de *Contact Improvisation*. Les thèmes présentées, articulés précisément par des références continues au domaine de la pratique, illustrent la façon dont ce dispositif de formation peut conduire le corps comme *Leib*, un palpitant et vivant élément unique, dépositaire aussi des connaissances et lié à une vision écologique, ce qui permet non pas seulement de combattre la conception de *Körper* ou corps-cadavre d'une science dépersonnalisant, mais aussi contribuer à la redéfinition d'une *contemporaine pédagogie du corps* centrée sur la dimension du possible.

**Mots-Cles:** Contact Improvisation Dance, Leib, Pédagogie du corps, Formation, Praxeologie motrice.

## Experimente las posibilidades del cuerpo por la danza de improvisación de contacto

### Resumen:

Basándose en la dimensión epistemológica de rotura dotada de la Praxeología motriz elaborada por Pierre Parlebas, que tiene como objetivo superar las divisiones dicotómicas mente / cuerpo y teoría / práctica, se puede recalcar el valor comunicativo o semiomotorio del movimiento, tanto remarcar cómo el conocimiento puede ser incorporado. A partir de estas premisas, comienza la investigación empírica cualitativa de corte etnográfico que aquí se presenta, la cual, a través la voz de quienes la experimentan, permite de avanzar unas reflexiones sobre la práctica de danza contemporánea *Contact Improvisation*. Los temas propuestos, articulados a través de referencias continuas al campo de práctica, ilustran cómo este dispositivo de entrenamiento y búsqueda en el movimiento es adecuado para experimentar el cuerpo como *Leib*, es decir, un elemento vivo y pulsante, depósito de conocimiento y parte de una visión ecológica, que permite no solo contraponerse al concepto de *Körper* o cuerpo-cosa de la ciencia despersonalizada, pero también a contribuir a la redefinición de una pedagogía contemporánea del cuerpo centrada en la dimensión de lo posible.

**Palabras Clave:** Contact improvisation; Leib; Pedagogía del cuerpo; Formación; Praxeología motriz.



## Introduzione

“L'uomo è un corpo che deve essere educato”  
(Fullat i Genis, 2002, p. 25)

Il presente contributo riporta alcune riflessioni che emergono da un percorso di conoscenza centrato sulle possibilità del corpo, il quale può essere definito il “luogo fisico” per eccellenza della cultura e dell'educazione. Come evidenziato dalla filosofia fenomenologica (Merleau-Ponty, 1945) ma anche dal neurofisiologo Damasio (1994), non può essere data alcuna conoscenza al di fuori della percezione, la quale risulta appunto un processo saldamente *incorporato*. A partire da questa consapevolezza nasce la necessità di ri-elaborare una *pedagogia del corpo* capace di valorizzarne il ruolo all'interno dei processi formativi, ben sapendo che nello stesso tempo ciò comporta il rivedere le categorie epistemologiche di riferimento.

Per ragioni complesse il corpo rappresenta uno dei più grandi tabù della nostra epoca, schiacciato com'è da tendenze oggettivanti che, privandolo di significati propri, lo riducono a loro portavoce. Sintetizzando radicalmente, il suo destino risulta paradossale: essendo segnato da una condizione che lo consegnerebbe alla nudità dell'in sé, cioè spogliato di ogni significato, finisce per fungere da supporto efficace di diverse teorie che lo fanno apparire sempre “vestito” proprio in quanto “nudo” (Leoni, 2008, p. 29). Elemento spesso in bilico tra banalità da un lato e ambiguità dall'altro, il più delle volte appare quindi un *oggetto* studiato in senso tecnico a causa del predominio dell'intellettualizzazione di marca scientifica *hard*. Ma come affermato con una buona dose d'ironia: “L'oggettività, questa venerata parola d'ordine della filosofia come delle scienze, dell'etica come della politica, non è che un velo disteso alla buona su un campo minato in cui di continuo serpeggiano i lampi e i fruscii del trascendentale [...] quello del corpo in movimento, del corpo vivente” (Leoni, 2008, p. 2).

Appare infatti imprescindibile considerare la nostra esistenza come incorporata nell'attualità del qui-ed-ora, in quanto: “Noi ci troviamo estesi nello spazio e sviluppati nel tempo, ma lo siamo nel nostro corpo” (Fullat i Genis, 1997, p. 44). L'elemento epistemologico di rottura sulla quale intendiamo fare leva è tuttavia la prospettiva della *Semiomotricità* elaborata da Pierre Parlebas, con la quale, sottolineando il valore squisitamente comunicativo e relazionale del movimento, s'intendono superare le scissioni dicotomiche quali corpo/mente e teoria/pratica.

È da queste premesse che prende il via la ricerca empirica qualitativa di taglio etnografico qui presentata, la quale ha consentito di avanzare una serie di riflessioni circa l'attività di danza contemporanea della *Contact Improvisation* (d' ora in poi C.I.). I temi riportati, articolati mediante continui richiami al campo della pratica, sono quelli che rendono la C.I. un dispositivo formativo adeguato ad esperire il corpo in quanto *Leib*, inteso come elemento vivo e pulsante, forma di esistenza del soggetto e non contenitore o corpo-cosa, oggetto di studio delle scienze quantitative.

Lo studio vuole dar voce (e corpo) alle possibilità formative della C.I. sia in ambiti formali che non formali, come modalità per fare esperienza del/nel movimento danzato.



## Le possibilità del corpo come s-oggetto vitale o *leib*

Il corpo ha da sempre costituito una questione concettualmente controversa, fonte di dispute ed interpretazioni che risultano in balia dei continui cambiamenti storico-culturali, sociali, economici ed anche politici di ogni epoca e contesto storico (Sarsini, 2003). Per evidenti ragioni di spazio, ci limitiamo tuttavia a richiamare solo alcuni passaggi particolarmente significativi di tali processi, quale ad esempio l'introduzione del concetto di *unità* dell'essere vivente da parte di Spinoza. Nella metà del XVII secolo, al fine di contrapporsi al dualismo cartesiano, egli definisce mente e corpo come due modalità per esprimere una medesima realtà: "Chi ha un Corpo capace di molte cose, ha una Mente la cui massima parte è eterna" (Spinoza, 2004 p. 314).

Anche Nietzsche, individuando in Spinoza le basi per considerare l'esperienza corporea come elemento imprescindibile verso la conoscenza, fornisce un'affermazione interessante: "Ma il risvegliato e il sapiente dice: corpo io sono in tutto e per tutto, e null'altro; e anima non è altro che una parola per indicare qualcosa del corpo. [...] Dietro i tuoi pensieri e sentimenti, fratello, sta un possente sovrano, un saggio ignoto – che si chiama Sé. Abita nel tuo corpo, è il tuo corpo. Vi è più ragione nel tuo corpo che nella tua migliore saggezza" (Nietzsche, 1883/1976, pp. 34-35).

Nell'epoca moderna, solo a cavallo tra gli anni Sessanta e Settanta del secolo scorso le scienze umane e sociali iniziano ad interrogarsi sistematicamente sulla dimensione corporea, un interesse che si è ovviamente esteso dalla sfera della prassi a quello della teorizzazione epistemologica. (Isidori, 2002). La *sfida del corpo* (Galimberti, 1987) coinvolge quindi in maniera perentoria anche la pedagogia. "E non si tratta qui soltanto di raccogliere tale sfida sintetizzandola nella formula di educare attraverso il corpo, bensì di contestualizzarne il significato pedagogico rispetto alla cultura ed al suo tempo" (Isidori, 2002, p. 10).

Non ci si riferisce solo ad una pedagogia che mira all'esperienza concreta e che guarda al corpo come manifestazione d'esistenza, apprendimento e scoperta, quanto al riconoscere la centralità delle concezioni sulla corporeità nelle costruzioni culturali che caratterizzano la contemporaneità; non a caso s'inizia a parlare di "umanesimo del corpo" (Bernard, 1976, p. 13).

Tuttavia questa rinascita, al fine di superare una lunga tradizione occidentale segnata da concezioni fortemente penalizzanti rispetto alla dimensione corporea, può avvenire solo mediante una netta rottura epistemologica. Da un lato occorre superare i termini della filosofia classica (corpo/mente, teoria/pratica) in quanto il loro potere evocativo è talmente alto da portare ogni discorso in un cul de sac che impedisce il cambiamento; dall'altro, però, se per cercare di superare i limiti concettuali si ricorre a temi così ampi da produrre rimandi a scienze quali biologia, psicologia, sociologia, linguistica e così via, c'è il rischio di formare una matassa inestricabile.

Al fine d'uscire dalle aporie richiamate occorre dunque individuare delle prospettive totalmente nuove, ed a questo proposito riteniamo illuminante quelle indicate da De Fazio e Levano nel loro contributo per il focus. Per ovvi motivi, ci limitiamo ad indicare solo quelli che a nostro avviso sono i punti salienti come sfondo del presente lavoro, ovvero: l'*Ecosofia* (Naess, 1989), secondo cui fare e pensare non devono inter-





pretarsi come mutualmente trascendenti bensì nello stesso piano di composizione, pena l'infantilizzazione delle opinioni che separano nettamente psiche, società e ambiente; e la *Praktognosia* (Merleau-Ponty, 1945), secondo cui il corpo è una potenza, e il saper fare equivale all'apprendere, dunque lo sperimentare appare una qualità cruciale della conoscenza situata tra individuo, ambiente e condizioni normative di questa relazione.

Sintetizzando all'osso: ciò che un corpo può fare si sviluppa in percorsi che non realizzano un destino naturale, bensì trasformando la situazione data mediante sperimentazioni corporee basate sulle condizioni di libertà e della riappropriazione di sé.

Tali posizioni risuonano del tutto coerenti con la pratica di C.I. (comprese ovviamente le sue premesse), inoltre appaiono pure in linea con l'interpretazione della Prasseologia rispetto all'educazione motoria intesa come *espressione della personalità del soggetto che agisce* (Parlebas, 1997).

### **Il corpo secondo la prospettiva della *semiomotricità***

Il quadro epistemologico relativo alla dimensione tecnico-espressiva del presente lavoro sorge nell'ambito della *Prasseologia motoria* (Parlebas, 1987). Il principale motivo che ci spinge a seguire tale cornice teorica è imperniato sulla sua capacità di esaminare le azioni motorie in modo pertinente perché intrinseco al movimento, dal momento che utilizza categorie attinenti alle attività stesse e quindi evita di ricorrere a scienze esterne all'ambito dell'educazione corporea, il che renderebbe più complesso e meno specifico il lavoro d'analisi. Per fare ricerca nella pratica del movimento danzato di Contact Improvisation occorre dunque tenerne presenti gli elementi strutturali, evitando di fare riferimento a dimensioni generiche.

Uno degli elementi più interessanti dal punto di vista dell'interpretazione sul corpo è la prospettiva *Semiomotria*, secondo cui quella motoria sarebbe da interpretare come attività che esprime integralmente la persona. Ritenendo infatti piuttosto ambiguo il concetto di corpo, Parlebas ritiene che quest'ultimo vada ulteriormente definito. Dunque egli prende a prestito dalla linguistica il concetto di *sema* (segno) per creare così il neologismo *Semiomotricità* al fine di sottolineare l'aspetto profondamente comunicativo delle pratiche corporee. In tal modo intende superare le concezioni che fanno riferimento ai modelli limitanti e settoriali di corpo *meccanico*, *energetico* e *informazionale*, ovvero ai concetti di macchina anatomica il primo, fisiologica il secondo e neuro-informatica il terzo. Attraverso tali metafore si suggerisce come l'analisi scientifica e pedagogica tendano di fatto a basarsi su elementi tecnici, medici o neurologici, di fatto espungendo l'educazione fisica (o meglio corporea) dal proprio ambito stesso (Parlebas, 1987, p. 371).

Al fine di cogliere i significati peculiari di dell'attività motoria occorre insomma dotarsi di una teoria di riferimento pertinente ed operativa, capace di analizzare la struttura di fondo in modo da comprendere appieno gli elementi pertinenti delle attività stesse, in particolare le caratteristiche relazionali o sociomotorie, dunque le opportunità formative legate a queste ultime.

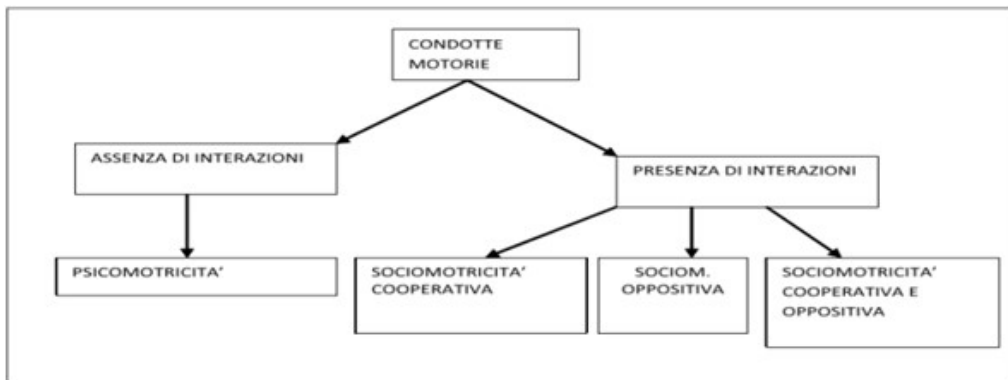
Per condurre analisi pertinenti rispetto all'esperienza motoria la Prasseologia propone la chiave di lettura *sociomotria*, definita come la prospettiva interazionale tra individui implicati in situazioni motorie, e quella delle *condotte motorie*, concetto che evidenzia



come l'attività corporea non mobilita solo il piano organico ma anche quello psicologico, cognitivo e socio-relazionale, ovvero l'intera personalità. Tramite le condotte motorie la persona manifesta globalmente se stessa mediante interazioni con l'ambiente fisico e l'entourage sociale. Il concetto di azione sociomotoria fa quindi riferimento alla componente "interazione" tra soggetti coinvolti nelle attività, appaiono scambi di tipo sociomotorio caratterizzati da due diverse interazioni contemporanee: *cooperativa* ed *oppositiva*, infine cooperativa ed oppositiva mista.

Nel caso della C.I. le interazioni possono definirsi miste, a secondo del/dei partner e del dialogo danzato. Il quadro complessivo è sintetizzato nello schema n. 1.

Schema n. 1. *Le interazioni psicomotorie e socio-motorie* (adattato da Parlebas, 1997, p. 166).



Concludendo questa parte, intendiamo ribadire come considerare il movimento in una prospettiva espressivo-comunicativa, che definisce un sistema dove ognuno può entrare in rapporto con altre persone e manifestare tratti di personalità in relazione all'ambiente fisico, ci pare piuttosto ricca in ottica formativa, nonché decisamente pertinente all'interno di esperienze d'espressione corporea.

Mediante queste ultime, infatti, siccome l'azione diviene esplicitamente comunicativa, s'intende fornire opportunità di sperimentare le capacità comunicative ed espressive del soggetto, pertanto stimolare la consapevolezza delle sue possibilità esistenziali. È dunque un modo di conoscere il mondo attraverso l'integrazione delle esperienze percettive, infine rappresentare forme incarnate d'abitare la realtà.

### ***La contact improvisation: definizione e cenni storici***

La danza rappresenta una proposta che da decenni sta cercando il sostegno teorico necessario per essere riconosciuta all'interno delle attività degli ambiti sia formale che non formale per la formazione della persona. Senza inoltrarci nei dettagli riguardanti la storia della danza o del suo sempre più consistente ramo educativo, occorre tuttavia rievocare Rudolf Laban, promotore di una ricerca nel movimento come necessità di formazione per l'essere umano e non solo l'artista.

La domanda da cui partiamo per impostare il lavoro sul campo risulta quindi la seguente: *quale pratica consente di vivere un'autentica possibilità di espressione corporea mostrando il legame tra conoscenza ed esperienza?* Il focus viene pertanto ristretto alla

pratica di movimento danzato nota come *Contact Improvisation* in quanto appare in grado di fornire esperienze formative significative. Esistono diverse definizioni di C.I., di seguito riportiamo le due principali in lingua originale<sup>1</sup>:

Contact Improvisation is an evolving system of movement initiated in 1972 by American choreographer Steve Paxton. The improvised dance form is based on the communication between two moving bodies that are in physical contact and their combined relationship to the physical laws that govern their motion—gravity, momentum, inertia. The body, in order to open to these sensations, learns to release excess muscular tension and abandon a certain quality of willfulness to experience the natural flow of movement. Practice includes rolling, falling, being upside down, following a physical point of contact, supporting and giving weight to a partner. Contact improvisations are spontaneous physical dialogues that range from stillness to highly energetic exchanges. Alertness is developed in order to work in an energetic state of physical disorientation, trusting in one's basic survival instincts. It is a free play with balance, self-correcting the wrong moves and reinforcing the right ones, bringing forth a physical/emotional truth about a shared moment of movement that leaves the participants informed, centered, and enlivened (PAXTON, S. & al., 1979).

Contact Improvisation is an open-ended exploration of the kinaesthetic possibilities of bodies moving through contact. Sometimes wild and athletic, sometimes quiet and meditative, it is a form open to all bodies and enquiring minds (Chung, R. 2009. About Contact Improvisation (CI), from <https://contactquarterly.com/contact-improvisation/about/index.php>).

Inizialmente presentata come una serie di performance ideate e dirette dal coreografo americano Steve Paxton nel giugno 1972 alla John Weber Gallery di New York City, la C.I. è una tecnica nata per ricercare nuove possibilità di movimento attraverso il contatto fisico e sensoriale. Paxton, danzatore con un background in tumbling e arti marziali, è stato membro di diverse compagnie di danza moderna, tra cui quella del coreografo rivoluzionario Merce Cunningham ed il suo collaboratore di lunga data, il compositore John Cage, grande innovatore nel pensiero musicale ed artistico. Paxton è stato pure uno dei primi motori nelle prestazioni innovative del Judson Dance Theater a metà degli anni sessanta a New York: sfidando le ipotesi circa la danza e l'apertura di nuove possibilità per questa forma d'arte, cominciò ad interrogarsi su quali tipi di movimento potessero essere considerati danza e da che cosa fosse costituita. Fece dunque delle radicali proposte coreografiche negli anni sessanta, includendo la sua esplorazione nell'improvvisazione, sia da solista che in gruppo, in particolare con il collettivo di danza-teatro Grand Union (1971-1976), il quale comprendeva Yvonne Rainer, Barbara Lloyd (Dilley), Nancy Lewis, David Gordon, Douglas Dunn, e Trisha Brown. Fu durante il periodo con la Grand Union che per primo Paxton propose la C.I.

Dagli Stati Uniti la pratica si è poi diffusa nelle scuole e nei centri di formazione ed artistici di tutto il mondo, per cui oggi è diffusa ed insegnata in tutti i continenti. Sono diverse le tipologie di persone che la praticano: non sono solo i danzatori professionisti,

<sup>1</sup> Le informazioni riportate sono state estrapolate dalla pagina web del *Contact Quarterly*, giornale indipendente e di più lunga vita sul tema, fatto da artisti e supportato da lettori, atto a dar voce ai danzatori nel campo della danza contemporanea e d'improvvisazione. Per ulteriori approfondimenti: [www.contactquarterly.com](http://www.contactquarterly.com)



ma pure sportivi, persone disabili, giovani, anziani, soggetti estranei alla danza, e da qualche anno si sta diffondendo la versione rivolta specificatamente ai bambini o *Contact Kids*. I promotori della C.I. la applicano per fini coreografici, per svolgere ricerche sul movimento, per arte visiva e musicale, per attivismo sociale, come pratica corporea con bambini, adulti, anziani e disabili. La maggior parte dei praticanti lo fa per il piacere di danzare o come ricerca personale, rendendo possibile lo sviluppo della C.I. in diversi paesi, tipologie di danzatori e campi d'applicazione. Il lavoro del resto si presta ad essere applicato sia a chi è estraneo alla pratica, sia a coloro i quali si sono dedicati al suo studio per decenni.

In ogni caso la C.I. potenzia la capacità di relazione e percezione sensoriale: educando il corpo a livello della propria pesantezza statica e dinamica, delle categorie spazio/tempo, si finisce per acquisire una consapevolezza personale che permette di “giocare” con le leggi della fisica. Praticata inizialmente come training per i danzatori, ora è definitivamente riconosciuta come tra le tecniche più innovative e praticate di danza contemporanea.

### *Disegno di ricerca e strumenti d'indagine*

Data la volontà di elaborare un discorso intorno al corpo a partire dalla pratica della C.I., si è optato per un approccio qualitativo in quanto più adeguato a cogliere l'esperienza legata al vissuto dei praticanti. L'opportunità dell'operazione è stata resa possibile anche per la facilità di contattare diversi praticanti, in quanto la ricercatrice che ha raccolto i dati è una *insider*, ovvero partecipa a sua volta all'attività oggetto dello studio. Questo ha permesso di raccogliere materiale attraverso lo strumento dell'*intervista semi-strutturata a distanza ed in forma scritta*.

La ricerca narrativa appare qui particolarmente indicata poiché risulta adeguata ad esplorare esperienze sfumate, fluide e non facilmente concettualizzabili (SORZIO, 2002). L'indagine qualitativa è un'attività situata che colloca l'osservazione nella realtà, componendosi di un insieme di pratiche interpretative e fattuali attraverso le quali la realtà acquista visibilità (DENZIN, LINCOLN, 2000, p. 3). Visto che la fonte primaria dei dati è la visione individuale, le interviste rappresentano lo strumento per risalire al pensiero e alle esperienze vissute dai *movers*<sup>2</sup>. Da cui si sviluppano delle riflessioni teoriche in continuo richiamo alla pratica”

<sup>2</sup> *Movers*: danzatori praticanti la C.I.



## ***Dall'interpretazione e la rielaborazione dei dati ad un discorso sul corpo e sul movimento***

Tra Italia e Spagna, sono 9 i soggetti che hanno formulato un discorso a partire dalle domande predisposte dall'intervista, un gruppo d'informatori di età compresa tra i 33 e i 46 anni con una media di 10 anni di pratica alle spalle, il cui contributo ha creato le basi per elaborare una tesi di Laurea Magistrale in Motorie (nel periodo compreso tra Settembre 2016 a Febbraio 2017). Hanno partecipato danzatori, alcuni dei quali anche insegnanti, appartenenti a differenti gruppi di studio della C.I. Nonostante l'enorme differenza dei soggetti, si possono trovare dei punti di riflessione comuni rispetto ai temi riportati e sistematizzati nelle pagine successive.

### ***La C.I. e la possibilità di relazionarsi a partire dal corpo***

Sabino Acquaviva (1983) sosteneva come l'umanità potesse ricominciare il suo cammino partendo dal corpo inteso come portatore di senso per l'esistenza dell'uomo e la liberazione dai condizionamenti sociali e culturali di cui è "vittima" (Isidori, 2002). Nulla di più facile ed immediato, l'interazione che parte e torna nel corpo, luogo effettivo di incontro: questo è esattamente ciò che si esperisce nella C.I. sullo sfondo di uno spazio-tempo in cui sono inseriti i corpi, nella reale e concreta possibilità di relazionarsi e di incontrare l'*alterità* in un contesto ecologico dove poter autenticamente esprimere il sé, in cui "*The human body cannot be isolated from its relation with other bodies dwelling in the ecosphere, bodies that effectively constitute the environment of the human body*" (De Fazio & Lévano, 2018).

Il corpo diventa partecipe di un contesto che modifica e da cui è modificato, oltre a diventare casa di sensazioni e "significati", in quanto il movimento, il gesto, il contatto comunicano e permettono un dialogo, mentre le parole sono strumenti non sempre necessari. La relazione con gli altri corpi e l'ambiente nasce dall'intuizione, senza che l'azione venga necessariamente decisa secondo le modalità del pensiero logico e razionale (riflessione, identificazione, categorizzazione...).

*"Relazionarsi con altre persone partendo dal corpo permette di pulire il campo dalle sovrastrutture: intellettive, mentali, razionali, permette di connettersi con se stessi e di comunicare/scambiare con i compagni di viaggio in maniera più veloce, onesta, profonda. I ruoli vengono dimenticati, ogni danzatore può ritornare bambino e aprirsi alla sperimentazione del mondo e all'incontro dell'altro da dentro la gioia. Gioia che nasce dal sentire il proprio corpo libero di muoversi nello spazio fisico, gioia che nasce nel sentirsi liberi di creare poesia in movimento, di permettere al nostro corpo-mente-emozione di centrarsi, di esprimere e condividere sensazioni, emozioni, intuizioni, in un atto creativo condiviso"* (M.P., praticante e insegnante C.I. Udine)

*"Con la pratica ed il tempo si sviluppa una maniera di relazionarsi che agisce anche fuori dal contesto Contact, dove già dalla fase di scelta del "con chi relazionarsi" è più spontanea, intuitiva, onesta, intenzionale ed allineata con se stessi, con il proprio stato interiore e le proprie, reali, necessità. Più spontanea perché meno filtrata da pregiudizi, stereotipizzazioni e più equanime. Più intuitiva perché parte dal corpo,*



*mio e dell'altra persona, e dalla loro interazione (anche sottile, anche a distanza). Ed è radicato in un ascolto, anche energetico, sempre più spoglio di giudizi o concettualizzazioni. Più onesta, come conseguenza dei precedenti due. Ad esempio sento, intuisco che questa danza per me è finita e spontaneamente la chiudo, senza entrare in pattern mentali sull'opportunità di farlo, di cosa penserà l'altro. Più intenzionale e quindi più chiara, perché ci si avvicina all'altro con una intenzione precisa e contestuale nel suo livello più pratico: danzare assieme. Più allineata con se stessi, perché radicata nell'ascolto.” (C.S., praticante C.I. Genova)*

La possibilità di creare relazioni in un contesto di consapevolezza ecologica e a partire dal fenomenologico aspetto di presenza nel qui-ed-ora con favorisce l'incontro, valorizzando i saperi del/nel corpo e le sue sensazioni come motori d'azione, rendendo possibile il frutto della percezione situata: nel *pensare in movimento* il corpo si nutre delle informazioni necessarie per dialogare con se stesso e con tutto ciò che è fuori di sé.

### **C.I. e comunicazione**

La C.I. è una danza che esplora la possibile comunicazione attraverso il contatto tra due o più persone. Basandosi su un ascolto profondo di sé e dell'altra/e persona/e e dello spazio circostante, si instaura un vero proprio dialogo tra corpi in cui i movimenti ne rappresentano il “linguaggio”. Dopo che per lungo tempo l'attenzione è stata rivolta quasi esclusivamente ai messaggi verbali, ormai è da tempo che si riscontra il ruolo insostituibile degli aspetti comunicativi di tipo non-verbale; per questo abbiamo ritenuto di fare riferimento alla già richiamata *prospettiva semiomotoria*.

*“El C.I. cómo la danza, es un proceso de comunicación, por tanto es una manera de poder comunicarse y generar significación. Seguramente es un lenguaje de comunicación anterior a la palabra y la escritura. Por tanto actúa recuperando la memoria corporal, somática, y actualizando nuestra inteligencia cinestésica.” (P.C.R., praticante e insegnante C.I. Spagna)*

Comunicare appare un processo sostenuto da una consapevolezza che non è solo cognitiva ma soprattutto fisica e corporea, poiché tutte le capacità sensoriali ed espressive sono coinvolte. Dal respiro ai suoni, dai gesti più riconoscibili ai più piccoli movimenti del corpo, tutto si mette in moto per veicolare messaggi impliciti ed espliciti, rendendo la corporeità e la percezione i protagonisti dell'atto comunicativo, attraverso una semiotica strutturale più che formale.<sup>3</sup> Se, come nel caso della C.I., si lascia che il corpo dialoghi e comunichi senza far necessariamente riferimento alle parole, si riduce (non si elimina) il rischio di contraddizione tra contenuto e forma, con maggiore uniformità tra ciò che letteralmente esprimo rispetto a ciò che il mio corpo (postura, mimica, gesti, movimenti) comunica.

*“Credo che la C.I. agisca molto chiaramente sul processo comunicativo. Nel senso che nell'incontro con l'altro nasce una comunicazione fisica. Il corpo non nasconde, il cor-*

<sup>3</sup> Sul tema semiotica e corporeità rimando a Paolucci (2012).





*po comunica direttamente, sente e si fa sentire. Credo che il processo comunicativo sia meno filtrato da aspetti mentali, risultando più diretto e forse anche più direzionato”*  
(N.P. praticante e insegnante Bologna)

Nella C.I., come già accennato, la comunicazione è basata sulla ricerca di un profondo *ascolto* che parte da se stessi (cosa posso oggi? Come mi sento e dunque come questa condizione influenza il mio corpo ed il suo muoversi?) fino all’ascolto del/dei partner, del gruppo e dell’ambiente in cui la danza avviene. Si tratta di un processo molto delicato in cui il corpo negozia e sceglie continuamente sulla base di ciò che percepisce internamente ed esternamente da sé.

Oltre al contatto, la C.I. si nutre di un altro elemento caratterizzante: l’improvvisazione. Improvvisare significa comporre all’istante i movimenti rimanendo presenti nel qui-e-ora della danza. Il dialogo è per questo costantemente legato all’attimo presente da cui nasce e si sviluppa il contatto con altri corpi. Il con-tatto (di qualsiasi tipo, sia esso specificamente fisico o anche solo visivo) è il punto in cui avviene questo scambio, letteralmente il luogo della conversazione. Spesso si creano situazioni di duetti<sup>4</sup> in cui il dialogo si articola in un equilibrio tra l’assecondare e il proporre, tra il seguire e il prendere l’iniziativa, nella disponibilità di co-creazione dei danzatori in quanto “partecipanti alla comunicazione”. Non viene identificata una persona leader, ma del tutto similmente ad una conversazione verbale il dialogo corporeo si instaura in un continuo scambio tra l’ascolto e la proposta, tra il condurre e l’essere condotti, il che crea una comune entità terza non identificabile con nessuna delle due parti, ma frutto dell’interazione di entrambe.

Attraverso la ricerca nella C.I. si è nel tempo codificato un vocabolario che può rappresentare un codice di movimenti per il migliore o più funzionale trasferimento del peso in grado di sistematizzare la comunicazione tra corpi: questo materiale rappresenta l’apparato tecnico e strutturale della pratica. I danzatori imparano così a trasferire il peso in maniera fluida senza cedere al suolo ed offrendo un supporto fisico che spesso si articola in alcune figure e passaggi, come il *back to back and roll*, la *low e high table*, i *lift* di vario genere. Gli elementi tecnici possono essere usati come strumento-risorsa per alimentare le danze e fare esperienza di alcune soluzioni di trasferimento del peso: rimane tuttavia necessario mantenere la caratteristica dell’improvvisazione e, dunque, la “freschezza” della danza e delle proposte, abitando il presente in ogni momento e permettendo di dialogare con elementi e movimenti al di fuori di un possibile fraseggio codificato che tale vocabolario permette, ma che risulterebbe stereotipato e dunque inadeguato alla ricerca che s’intende portare avanti.

### ***Problem Solving***

Durante il processo di comunicazione danzata, dove il dialogo crea spesso situazioni di improvvisi cambiamenti cinestesici e corporei, ogni *mover* sa che è necessario rimanere responsabile di se stesso e della propria “sicurezza”. In questo processo si dev’essere pronti ad agire e, soprattutto, a reagire prontamente, in modo da evitare o superare situazioni di

4 La possibilità di creare scambi in un duo non limita la C.I. ad una “danza di coppia”: nella sessione si tiene sempre conto dei movers che sono inseriti nello spazio di pratica, attraverso una fitta rete di dialogo diretto o indiretto tra i presenti.



rischio. A tal proposito Mabel Elsworth Todd parla di *Thinking Body*<sup>5</sup>: il *think/feel* costituisce un apprezzabile tentativo di definire il processo con cui la conoscenza intellettuale e l'esperienza dei sensi, insieme, fanno in modo che tutti i meccanismi cinetici e gli aggiustamenti corporei consentano d'attuare per così dire "naturalmente" il meccanismo di *problem solving*. Benché non priva d'interesse, non ci inoltreremo nell'articolazione di tale teoria che fonda le sue radici in concetti fisiologici e neurologici che intendiamo superare in questo estratto. Portando il discorso sul piano del *possibile* s'evidenzia invece come i processi di conoscenza fungano da anticorpi alla riduzione del soggetto verso una condizione di natura, anzi lo sperimentare consapevolmente i propri riflessi automatici accende stimolanti riflessioni:

*“La maggior parte degli studi riguardanti la C.I. sono incentrati sul “come fare”. Come gestire il corpo, come muoverlo, come radicarlo, come sollevare, come rotolare, come ascoltare, come risolvere, come usare il centro... un bel pacchetto d'informazioni, essenziale, che ritengo giusto sia esercitato, approfondito, studiato. Prima del “come” però c'è il “cosa”. Entrando subito nel merito, il “cosa fare” è governato fondamentalmente da due sistemi: la scelta o la reazione, e non sono prerogativa del corpo ma del sistema nervoso.(...) L'improvviso (improvvisazione) è causato dal nostro partner e dai noi stessi poi a seguire. C'è tempo di fare una scelta? Nell'imprevisto assoluto no, possiamo solo reagire. L'improvvisazione assoluta non dà quindi possibilità di scelta. Il sistema nervoso volontario non ha tempo sufficiente per analizzare la questione e fare una scelta. Ovviamente questo è un punto limite, ma più siamo vicini a questa idea più stiamo improvvisando. Faremo sempre delle scelte, ma saranno gli stimoli alla vera danza di improvvisazione, di risoluzione in contatto dell'imprevisto.(M.M., praticante e insegnante, Orvieto)*

### ***La C. I. in relazione alla possibilità e all'intenzionalità***

L'articolato e complesso termine *possibilità* evoca una poliedricità di significati che in ambito educativo possono accogliere ciò che non è impossibile: “essa indica, cioè, quel qualcosa che reputo realizzabile anche se ancora non realizzato [...], una soglia sottile tra realtà ed alternativa, come un'occasione che si presenta proprio perché ve ne sono tutte le condizioni, a metà strada tra la mia volontà e gli aspetti fattuali di cui devo necessariamente tener conto. Da questo punto di vista, essa può essere considerata come prodotto di una sintesi – in senso fenomenologico – fra elementi contingenti e tensioni soggettive, fra le specificità del sé e specificità del mondo in cui esso si situa” (BIFFI, 2006, p.194).

*“La C.I. è una danza improvvisata in cui non si dà nulla per scontato. E quando non si dà nulla per scontato le possibilità (su tutti i livelli) aumentano” (L.B., praticante e insegnante Macerata)*

Nella C.I. è possibile esperire queste infinite possibilità di azione e reazione. I corpi si muovono improvvisando, si ricerca il movimento autentico e non premeditato in una

5 Il concetto di “corpo pensante” è stato introdotto da Mabel Elsworth Todd, la quale ha segnato le basi per il discorso sulla fisiologia umana e sulle profonde relazioni tra psiche e movimento corporeo, da cui molti danzatori, autori ed esperti nel movimento hanno poi basato e continuato la propria ricerca.



continua creazione di possibilità. In questo modo lo spazio e il tempo diventano gli elementi necessari per esperire le infinite possibilità di movimento, gli altri corpi diventano superfici con le quali inter-agire, supporto su cui far leva per proiettarsi nelle diverse direzioni, creatori d'immagini ma nello stesso tempo disegni nello spazio. Insieme si generano possibilità, istante per istante, con quello che c'è: il mio e il tuo corpo, lo spazio attorno a noi, il tempo e lo spazio (qui-ed-ora) in cui creiamo.

Il possibile diventa dunque potenza nell'ottica in cui conoscere significa sperimentare ciò che un corpo può fare senza premeditazioni aprioristiche. Esiste perciò uno stretto legame "fra l'orizzonte delle possibilità e l'incontro soggetto-mondo" (Biffi, 2006), in cui l'uomo interviene "con la sua capacità di 'intenzionare' ciò che gli sta di fronte", il che significa proprio il pensare in termini di possibilità rispetto a *come effettivamente fare* (BERTOLINI, 1998).

Il concetto di *intenzionalità* rappresenta un altro punto d'elaborazione complessa: essa risulta essere una delle caratteristiche legate al corpo ma non trascendente la coscienza, bensì nello stesso spazio di composizione. Nella C.I. si vive continuamente uno stato d'intenzionalità presente che non corrisponde alla *volontà* dell'agire (quindi alla premeditazione di un movimento, contraria in un certo senso al tentativo di raggiungimento dell'autentico e dell'improvvisato alla quale la C.I. aspira), ma come intenzione stessa contenuta nell'azione di sollevarsi, spingere, sostenere, rotolare, scivolare... Ogni azione ha dentro di sé l'intenzionalità racchiusa, esplicitata ed agita dai movers che ne sono i corpi manifestanti, ponti e mediatori della situazione creata.

*"Credo che l'intenzione può svilupparsi in un senso più istintuale e inconscio rispetto alla sfera razionale."* (G. S., praticante Catania)

### ***Da dentro a fuori la sala. La trasferibilità formativa della C.I.***

Quanto la vita è attraversata da ciò che viene esperito e appreso dalla pratica di C.I.? Tutto ciò che viene scoperto col *m-io corpo* rappresenta una formazione che viene compresa e poi trasferita nell'integrità della persona?

Per rispondere a tali questioni vale la pena considerare la danza come *possibilità di fare esperienza* dei saperi corporei, per cui considerabile come uno strumento formativo globale per la vita personale.

*"La práctica somática y motriz es transversal a todas las ciencias y conocimientos. Ya que es desde el soma, cuerpo, que somos, estamos, accionamos, interaccionamos. A lo largo de mi propia experiencia cómo practicante y cómo facilitadora y educadora, se han dado muchas situaciones en que las personas que han profundizado en dichas prácticas las han incorporado a sus vidas profesionales e incluso ayudado e evolucionar, continuar, en sus trayectorias profesionales y vitales."* (P.C.R., praticante e insegnante Granada)

Nello specifico della C.I. la *relazione* diventa il punto focale della ricerca danzata, nella presa di coscienza delle difficoltà per l'esperienza relazionale di diventare *vissuto*: ci si confronta con l'altro il quale diventa complice del nostro agire e, al tempo stesso, specchio di limiti e potenzialità del *m-io corpo* (MADRUSSAN, 2006) (secondo la prospet-



tiva semiomotioria; interazione cooperativa e oppositiva) . Durante le danze si mette alla prova la capacità di esporsi e di esperire nuove realtà ontologiche, superando il dualismo forma-contenuto, corpo-mente- necessità-contingenza, teoria e pratica. Attraverso il dialogo danzato s’impara a gestire l’ego e ad ascoltare, apprendendo l’arte della disponibilità. Si accoglie l’imprevedibile come evento fenomenologico, si agisce ma soprattutto si re-agisce, studiando come comunicare chiaramente e considerando la forma come verità dell’essenza, assumendo la responsabilità dell’agito si diventa autore del presente. Si ritorna infine a giocare, a riscoprire la bellezza del ludico in quanto via di creazione, scoperta, sorpresa. Dalla prospettiva semiomotoria, proiettandosi in nuove prospettive di pensiero e di azione, ci si slancia in territori dove il corpo è il seme dell’ontologia.

### *Alcune riflessioni*

La C.I. costituisce un potenziale strumento da proporre in ambito educativo per una contemporanea *pedagogia del corpo e del movimento* che, a partire dai riferimenti della prospettiva semiomotoria, rende esperibile il valore comunicativo del movimento, le infinite possibilità e i saperi del corpo in relazione a se stesso, agli altri e all’ambiente (consapevolezza ecologica).

La presente indagine rappresenta dunque solo l’inizio di una ricerca nel movimento danzato come pratica educativa del corpo da proporre in ambiti non formali ma anche formali, come quello accademico-universitario, curriculare-scolastico e anche specificatamente lavorativo. La pratica rappresenta la possibilità di esperire il corpo in quanto leib, sinteticamente *corpo vivo* e mediatore di *esistenza*, inserito in uno *spazio-tempo* in cui sperimentare *possibilità*, attraverso i processi *comunicativi* propri della *relazione espressiva*. I riscontri ci consentono infatti d’affermare quanto tali esperienze assumano una rilevanza centrale nel processo di vita coinvolgendo le dimensioni fisica, psichica, emotiva e socio-relazionale della personalità. Il corpo vivo rappresenta il luogo dove è possibile educare alla vita: per questo è necessario fare riferimento ad una prospettiva in grado di declinare il movimento come relazioni incarnate tra soggetti in comunicazione tra loro ed il mondo.

### *Riferimenti bibliografici*

- Acquaviva, S. (1983). *In principio era il corpo*. Roma: Borla.
- Bernard, M. (1976). *Le corps*. Paris: J.P. Delarge.
- Bertolini, P. (2006). *Per un lessico di pedagogia fenomenologica*. Trento: Erickson.
- Biffi, E. (2006). *Possibilità*. in Bertolini, P. (a cura di), *Per un lessico di pedagogia fenomenologica*. Trento: Erickson, 193-202.
- Chung, R. (2009). From *About Contact Improvisation (CI)*, <https://contactquarterly.com/contact-improvisation/about/index.php>
- Damasio, A. (1994). *Descartes’ Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*, New York (NY): Putnam.
- De Fazio, G., Levano, P.F. (2018). *Praktognosia. Ecosophical remarks on having a body*. ??????



- Denzin, N., & Lincoln, Y. (Eds.) (2000). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publ.
- Di Bernardi, V. (1979). *Cosa può la danza – saggio sul corpo*. Roma: Bulzoni.
- Francesconi, D., & Tarozzi, M. (2012). *Embodied Education. A Convergence of Phenomenological Pedagogy and Embodiment*. *Studia Phaenomenologica*, XII, 263-288.
- Foucault, M. (1976). *Sorvegliare e punire*. Torino: Giulio Einaudi.
- Fullat i Genís, O. (1997). *Antropología filosófica de la educación*. Barcellona: Ariel.
- Fullat i Genís, O., (2002). *Le parole del corpo*. Roma: Anicia.
- Galimberti, U. (1987). *Il corpo*. Milano: Feltrinelli.
- Gamelli, I. (2001), *Pedagogia del corpo*, Roma: Meltemi.
- Iori V. (2002), *Dal corpo- cosa al corpo- progetto*, in BALDUZZI L. (a cura di), *Voci del corpo. Prospettive pedagogiche e didattiche*, La Nuova Italia Milano-
- Isidori, E. (2002). *La pedagogia come scienza del corpo*. Roma: Anicia.
- Laban, R. (1999). *L'arte del movimento*. Macerata: Ephemeria.
- Lengrand, P. (1973). *Introduzione all'educazione permanente*. Roma: Armando.
- Leoni, F. (2008). *Habeas corpus. Sei genealogie sul corpo occidentale*. Milano: Bruno Mondadori.
- Madrussan, E. (2006). *Relazione*. in Bertolini P. (a cura di), *Per un lessico di pedagogia fenomenologica*. Trento: Erickson, 217-226.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phenomenologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Naess, A. (1989). *Ecology: community and lifestyle*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Nietzsche, F. (1976). *Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen*. Chemnitz: Schmeitzner. (Ed. originale: 1883).
- Paolucci, C. (2012). *Per una concezione strutturale della cognizione: semiotica e scienze cognitive tra embodiment ed estensione della mente*, in: Graziano, M. e Luverà, C. (a cura di) *Bioestetica, bioetica, biopolitica. I linguaggi delle scienze cognitive*, Messina: Corisco, 247-276.
- Parlebas, P. (1986). *Éléments de sociologie du sport*. Paris: PUF.
- Parlebas, P. (1987). *Jeux, Sports et Sociétés. Lexique de Praxelogie Motrice*. Paris: INSEP.
- Parlebas, P. (1997). *Giochi e sport. Corpo, comunicazione e creatività ludica*. Torino: Il Capitello.
- Paxton, S. & others(1979). *From About Contact Improvisation (CI)*, <https://contactquarterly.com/contact-improvisation/about/index.php>
- Sarsini, D. (2003). *Il corpo in Occidente. Pratiche pedagogiche*. Roma: Carocci.
- Shilling, C. (1993). *The social Body and social Theory*. London: SAGE and TGS.
- Sorzio, P. (2002). *Struttura e processi della ricerca qualitativa in educazione*. Padova: CLEUP.
- Spinoza, B. (2004). *Etica. Dimostrata con Metodo Geometrico*, (a cura di) E. Giancotti, Bari: Editori Riuniti.
- Spinsanti, S. (1983). *Il corpo nella cultura contemporanea*. Brescia: Queriniana.

## Sitografia

[www.contactimprov.it](http://www.contactimprov.it)

[www.contactquarterly.com](http://www.contactquarterly.com)



### ***Sobre os autores***

#### **Alessandro Bortolotti**

Ricercatore in Pedagogia speciale all'Università di Bologna, afferisce al Dipartimento di Scienze per la Qualità della Vita (QuVi) del Campus di Rimini. Fa parte del centro di ricerca in Outdoor Education (OE) del QuVi e del gruppo internazionale Jeux et Pratiques Ludiques dei CEMEA, coordinato dal prof. Pierre Parlebas. Attualmente è referente per l'Italia di due progetti Erasmus: BRIDGE e GOaL, rispettivamente focalizzati sui processi di socializzazione nel Gioco Sportivo Tradizionale e nell'Outdoor Learning.

#### **Martina Delprete**

Danzatrice contemporanea e laureata specialistica in Scienze e Tecniche dell'Attività Motoria Preventiva e Adattata presso l'Alma Mater Studiorum- Università di Bologna, con una tesi in pedagogia intitolata "Leib, il corpo vivo nella Contact Improvisation". Conclude la formazione accademica a Granada, in Spagna, con borsa di studio Erasmus Plus. Vincitrice della borsa di studio presso il dipartimento di scienze per la qualità della vita per l'inserimento nella ricerca "Analisi del fattore "inclusione" nel campo delle attività ludico-motorie e/o di espressione corporea".





## Práticas corporais na saúde: por uma pedagogia da diferença na aprendizagem da saúde e da vida

*Alessandra Xavier Bueno\**

*Alcindo Antônio Ferla\*\**

*Giliane Dessbesell\*\*\**

### Resumo

Ensaio teórico sobre a associação entre conhecimentos e práticas na saúde e da Educação Física e os efeitos pedagógicos para a afirmação do corpo como superfície na qual se inscreve a identidade contemporânea e parte dos padrões de saúde e performance física considerada normal. Na construção do artigo, mobiliza-se bases epistêmicas de produções selecionadas do campo da saúde coletiva e das ciências sociais e humanas que auxiliam na problematização das práticas vigentes e na proposição, a partir da ideia força da integralidade em saúde, uma pedagogia nômade e plural que se expressa no reconhecimento do corpo como singularidade e, sobretudo, na possibilidade de que assim seja constituído pelas lógicas do cuidado, com base na produção que se identifica como “práticas corporais”, termo que carrega em si uma série de significados atrelados às singularidades das pessoas e que se legitima em um conjunto de outros conceitos advindo do campo das ciências humanas no interior de sistemas e serviços de saúde. Uma pedagogia que fortaleça/produza singularidades no corpo, colocando-o em movimento para a produção de saúde e autonomia no andar a vida, é proposta para o cuidado em saúde no encontro singular que o ensaio propõe para conhecimentos e práticas da saúde e da educação física.

**Palavras-Chave:** Práticas corporais; Integralidade em saúde; Cuidado em saúde; Pedagogias do corpo.

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.  
E-mail: bueno.ax@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-7153-8882>.

\*\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.  
E-mail: ferlaalcindo@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-9408-1504>.

\*\*\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.  
E-mail: gili.edf@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-5742-6622>.

## **Body practices in healthcare: for a pedagogy of difference in health**

### **Abstract**

This theoretical essay addresses the association between knowledge and practices from healthcare and Physical Education. In addition, it deals with the pedagogical effects of this convergence, especially in the context of body affirmation as the arena in which not only contemporary identity but in part health and physical performance standards considered to be normal are established. This article used epistemic data from selected sources in the field of Public Health (Collective Health), social sciences and humanities, to help problematize the current practices and propose a more nomad, plural pedagogy based on the notion of integral health. Such pedagogy would express recognition of the body as being singular and, above all, the possibility that education is rooted in care. This is based on scientific output from sources identified as “body practices” – the term itself carrying a series of meanings attached to the singularity of individuals. These practices are accepted in the context of several other concepts in human sciences found in healthcare systems and services. This singular essay looks at the knowledge and practices from health and physical education and ultimately proposes pedagogy that strengthens/produces body singularities, by means of using movement in order to produce health and autonomy in the course of life in the context of healthcare.

Key words: Body practices; Integrality in health; Health care; Pedagogies of body.

## **Prácticas corporales y salud: por una pedagogía de la diferencia en el aprendizaje de la salud y la vida**

### **Resumen**

El presente escrito es un ensayo teórico sobre la asociación entre conocimientos y prácticas de salud y Educación Física, analizando los efectos pedagógicos para la afirmación del cuerpo como superficie en la cual se inscriben las identidades contemporáneas y parte de los patrones de salud y desempeño físico considerados normales. En la construcción del artículo se ponen en tensión bases epistémicas de producciones seleccionadas del campo de la salud colectiva, confrontándolas con discusiones provenientes de las ciencias sociales y humanas, las cuales auxilian en la problematización de las prácticas vigentes. A partir de la idea de integralidad de la salud, se observa una pedagogía nómada y plural que se expresa en el reconocimiento del cuerpo como singularidad y, sobre todo, en la posibilidad de que sea constituido por las lógicas del cuidado de sí, producción que se identifica con el concepto de “prácticas corporales”, noción que lleva en sí una serie de significados acoplados a las particularidades de las personas y que se legitima en un conjunto de otros conceptos que vienen del campo de las ciencias humanas dentro de los sistemas y servicios de salud. Una pedagogía que fortalezca/produzca particularidades en el cuerpo, colocándolo en movimiento para la producción de salud y autonomía en el desarrollo de la vida, es la propuesta para el cuidado en salud en el encuentro que el ensayo propone para reflexionar acerca de los saberes y prácticas de la salud y la educación la física.

**Palabras-clave:** Prácticas corporales; Integralidad en salud; Cuidado de la salud; Pedagogías del cuerpo.



## Introdução

Vimos problematizando, há algum tempo, as práticas de saúde predominantes no interior de serviços e sistemas de saúde e a interface entre a saúde e a educação física, apontando a vigência de um efeito pedagógico que incide sobre as imagens do corpo, fortalecendo uma identidade normalizada por padrões físicos que respondem à lógica produtivista predominante na contemporaneidade ocidental capitalista. Saúde e Educação Física, assim como a ciência moderna de forma geral, como campos de conhecimentos e práticas, compartilham e reforçam, na modernidade ocidental, uma visão de corpo, sobretudo pela perspectiva da utilidade normalizada no sistema produtivo que, pela repetição, naturaliza-se no imaginário social como norma e como desejo (FERLA, 2007).

O corpo, embora sabidamente marcado por características históricas e sociais, se torna base para a produção de identidades e superfície sobre a qual incidem as marcas que “devem ser produzidas” pelas diversas máquinas que operam nos dois campos, situação representada pela prescrição de atividades físicas como ação de cuidado em saúde. A forte associação entre as duas áreas de conhecimentos e práticas, recente nas políticas de saúde brasileiras, traduz fortemente essa sincronicidade pedagógica. Não se trata aqui de negar que o “corpo em movimento” é uma condição que expressa a concepção de “boa saúde” desde o nascimento da medicina moderna e das formas de produzir cuidado originadas dela, mas de identificar uma condição específica da associação Saúde e Educação Física, que se materializa em novo patamar com as atividades físicas propostas no âmbito do cuidado em doenças crônicas e na promoção da saúde, que está na origem de iniciativas como o Programa Academia da Saúde<sup>1</sup> e outras similares. O enunciado que o exercício físico modela o corpo e o corpo modelado é um corpo saudável é um corpo saudável, é repetido e confirmado por profissionais de saúde nas duas áreas. O efeito pedagógico de produção da identidade se materializa pela repetição, pela confirmação recíproca, pela conexão com outras mensagens similares e pela construção da imagem do corpo modelado como corpo saudável.

Nesse ensaio, pretendemos mobilizar outras bases epistêmicas, principalmente no campo da saúde coletiva e das ciências sociais e humanas, para problematizar as práticas vigentes e propor, a partir da ideia força da integralidade em saúde, uma pedagogia nômade e plural (FERLA, 2007), que se expressa pelo reconhecimento do corpo como singularidade e, sobretudo, pela possibilidade de que assim seja constituído pelas lógicas do cuidado, com base na produção que se identifica como “práticas corporais”, termo que carrega em si uma série de significados atrelados às singularidades das pessoas e que se legitima em um conjunto de outros conceitos advindo do campo das ciências humanas (BUENO, 2012), no interior de sistemas e serviços de saúde.

<sup>1</sup> O Programa Academia da Saúde é um serviço da Atenção Básica do Sistema Único de Saúde caracterizado por ser o espaço para atividades de Promoção da Saúde, especialmente aquelas voltadas à atividade física e alimentação saudável. Financiado em parte pelo Ministério da Saúde, em alguns municípios pode chamar-se “Academias da Cidade” por serem mais antigos que o programa nacional. Maiores informações podem ser encontradas em: [http://dab.saude.gov.br/portal-dab/ape\\_academia\\_saude.php](http://dab.saude.gov.br/portal-dab/ape_academia_saude.php)



### ***Práticas corporais no cuidado em saúde: produzindo corpos-identidade ou corpos singulares***

A leitura crítica da associação entre atividades físicas e produção de saúde utiliza, em alguns momentos, de uma imagem que marca o anedotário circulante, mas que é também uma síntese das práticas vigentes. Trata-se da cena de cuidado onde um “paciente” procura cuidados médicos e, feita uma bateria de exames diagnósticos, o veredito de “doença crônica” se constitui e, entre diversos procedimentos prescritos, o profissional inclui 30 minutos de caminhadas diárias. Perplexo com a compreensão de que o conjunto de sintomas tinha origem também numa suposição de “falta de movimentos” (“sedentarismo”, na gramática vigente no interior dos serviços) que constituiu essa prescrição, o usuário do serviço informa que trabalha como carteiro e caminha regularmente quase oito horas por dia.

A cena acima relatada tem sido utilizada como exemplo na tentativa de compreender o universo das práticas corporais/atividades físicas na produção de sentido para os sujeitos. Tem sido pontuada quando se objetiva dilatar a compreensão desse universo para além dos batimentos cardíacos e do movimento capaz de “queimar calorias” em prol de um bem-estar físico que não esteja conectado com o contexto social e com o cotidiano singular de cada homem ou mulher sob cuidados. Esse exemplo põe em evidência o limite da aplicação do conhecimento biomédico e da racionalidade científica da qual é tributário, que se expressa no que a epidemiologia denomina de “caixa preta” para referir-se à dificuldade de subordinação da evolução das doenças crônicas à lógica da clínica moderna (fundada na compreensão e abordagem das doenças agudas). Do lugar que costumamos pensar essa situação, o campo epistêmico das ciências sociais e humanas em saúde, preferimos compreender a produção de saúde como campo de grande complexidade e, portanto, multideterminado e com fluxos movediços de causação, o que torna a lógica da redutibilidade do cotidiano às lógicas da ciência uma equação falsa (TONELLI e COLS, 2018, no prelo). Não se trata de negar a relevância do conhecimento e da técnica para a saúde, apenas para colocar em questão a lógica da queixa-conduta/problema-solução (cada problema tendo uma única solução válida) ou, como nos alerta Tesser e Luz (TESSER; LUZ, 2008), da relação direta entre um diagnóstico (construto que combina sinais e sintomas do usuário num abstrato enunciado de doença na lógica médica) e terapêutica, que é sequencial na biomedicina, diferentemente das demais racionalidades que estruturam outros sistemas médicos complexos, como a Medicina Tradicional Chinesa, o Ayurveda e a Homeopatia. Esse é um movimento visível também no interior da epidemiologia e das demais áreas disciplinares do campo da saúde, como nos aponta Ayres (2002), onde as iniciativas de superação do dualismo cartesiano e do ideal de objetividade da ciência têm sido associadas ao repensar da experiência cognitiva, fortalecendo a capacidade assertiva e reflexiva da ciência em contexto.

A libertação do cuidado em saúde do instrumentalismo representado pela linear aplicação do conhecimento e da técnica a partir da conexão abstrata de sinais e sintomas expõe o limite da razão científica e, ao contrário de negar a relevância destes, reivindica do operador do atenção outra natureza de respostas, na mediação entre a demanda e os recursos que dispõe. Lembramos que a ideia de cuidado em saúde rompe com a lógica



da técnica, aquelas dos procedimentos técnicos protocolares. Para além disso, significa tratar, acolher, respeitar e atender o ser humano em seu sofrimento, não só no nível de atenção (aquele que é o local de atendimento) como também na gestão dos serviços. O domínio do conhecimento e da técnica, juntamente com outros saberes que compõe a cena do cuidado, uma compreensão ampliada dessa cena e dos seus atores, e, particularmente, uma relação de alteridade com a pessoa que está ali, traduz o que se poderia chamar de uma “inteligência da clínica” (FERLA, 2007), revestindo o trabalho de cuidar de uma necessária capacidade de gestão das possibilidades de ofertar o cuidado que estão muito distantes de uma resposta instrumental derivada de um *check list* cartesiano. Utilizando de outros conceitos desse campo epistêmico, agora com a produção de Emerson Merhy (2006), falamos aqui de uma organização tecnológica do trabalho de cuidar (a produção clínica) que inclui diferentes naturezas tecnológicas (tecnologias duras, leve-duras e leves), mas que é gerido por tecnologias relacionais (leves), que se realizam no ato de cuidar. Essa abordagem não inclui apenas o trabalho clínico (das diversas profissões/ocupações) como cuidado individual voltado para as doenças ou riscos, mas se estende para abordagens coletivas e de promoção/produção de saúde.

Entender o cuidado em saúde (como ação clínica) como trabalho, amplia a dimensão analítica e operacional, inserindo no leque da análise políticas, recursos e modos de organização de serviços e ofertas assistenciais voltadas à produção e preservação da saúde, mas também uma dimensão micropolítica, onde o plano das relações entre os atores e com as condições objetivas do cuidado entram em foco. Por isso, ponderamos aqui, quando falamos sobre a promoção da saúde, a emergência de um outro olhar sobre as Práticas Corporais e sua relação com a produção do cuidado em saúde.

Nessa perspectiva, o termo “Práticas Corporais” utilizado em algumas produções acadêmicas (BUENO,2012; CARVALHO, 2015; GONZÁLEZ,2013, LUZ, 2007) está relacionado ao debate da integralidade do cuidado em saúde. Ou seja, uma abordagem que não se pauta apenas em pesquisas de orientação baseadas no modelo biomédico de explicação das doenças e prescrição de atividades físicas. Mas que inclui uma compreensão ampliada da condição de saúde, das condições do andar a vida e da singularidade de cada pessoa ou grupo. Não se trata apenas de reconhecer a diferença do outro, mas de transformar a diferença num dispositivo de alteridade, capaz de gerar uma aprendizagem no ato de cuidar que pode recombinar as ofertas disponíveis. Retomando uma ideia inicial deste ensaio, operar com uma prática pedagógica associada ao cuidado que não apenas não retifica a produção de identidade tal qual proposta no modelo biomédico, como reconhece o movimento e o nomadismo como possibilidades de produção de vida e, portanto, como desejáveis. Uma pedagogia nômade (FERLA, 2007) aqui, não significará apenas a diversidade como reconhecimento do diverso da vida, senão que o cuidado, para produzir-se como integral, terá que produzir diversidade, capaz de ampliar a autonomia do andar a vida das pessoas e das coletividades, reconhecendo e afirmando a singularidade e a diversidade, até o limite em que essa se transforma em adversidade.

No cenário da promoção da saúde, diferentes trabalhos foram publicados no campo da epidemiologia da atividade física. Esses estudos têm contribuído para a vigilância em saúde a partir do levantamento de dados acerca do nível de atividade física em diferentes populações e cidades brasileiras (MELO et al., 2016; HALLAL et.al., 2011; HALLAL et.



al, 2010; OLIVEIRA et. al., 2011; MATSUDO et. al. 2008; KOKUNBUN et. al, 2007). Se atém, em sua maioria, a estudos descritivos e analíticos sobre o nível de atividade física de determinadas populações, sobre a efetividade de programas de grande abrangência populacional, ou ainda, sobre a eficiência de programas específicos no que se refere às melhorias da saúde do organismo, ou seja, do corpo biológico dos indivíduos. Contudo, entre os discursos de “movimente-se 30 minutos por dia”, “suba escadas”, “desça três pontos antes” e etc., 45,9 % da população brasileira não pratica esporte ou atividade física no tempo livre, segundo estudo do Ministério do Esporte (BRASIL, 2015). Já em dados do sistema de Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico – Vigitel de 2016, “a frequência da prática de atividade física no tempo livre, equivalente a 150 minutos de atividade moderada por semana, foi de 37,6%” (BRASIL, 2017).

Nessa lógica, no âmbito das pesquisas de cunho quantitativo e construídas epistemologicamente com base nas ciências sociais e humanas, sabemos que diferentes dimensões sobre o envolvimento com atividades físicas não são levadas em consideração durante as análises que, como está registrado na potência daqueles estudos, analisam aspectos que se repetem em diferentes contextos. O olhar que embasa tais estudos parece conceber que o exercício “que vale” para a promoção da saúde é aquele prescrito e realizado no âmbito da prescrição, não a movimentação cotidiana. Não obstante, desde meados da década dos anos 2000, têm sido crescentes os estudos de cunho qualitativo que problematizam outros aspectos sobre a relação entre atividade física e saúde em diferentes contextos, especialmente no campo da saúde coletiva. Em boa parte desses estudos, o termo “Práticas Corporais” tem sido utilizado como um conceito protagonista das discussões por abarcar reflexões a partir do campo das ciências humanas e sociais (BUENO, 2012).

“Práticas Corporais” é um termo que tem aparecido com maior frequência nas produções que partem do diálogo entre a Educação Física e a Saúde Coletiva, para pontuar o que se deseja dizer sobre o movimento humano sob uma perspectiva que não interpele apenas a dimensão biológica para se consolidar. Em termos mais objetivos e específicos, por exemplo, do que a Educação Física se apropria como campo de intervenção, “Práticas Corporais” é o termo que engloba o “conjunto de práticas sociais com envolvimento essencialmente motor, realizadas fora das obrigações laborais [...], domésticas, higiênicas, religiosas” (GONZÁLEZ, 2015), são, portanto, aquelas manifestações culturais sistematizadas em forma de jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas, etc.

Contudo, é um termo de conceituação bastante discutida no meio acadêmico. “Práticas Corporais” pode ser entendido, a partir de elaborações como de Castellani Filho e Carvalho (2006) e Lazzaroti Filho (LAZZAROTTI FILHO et al., 2010), como manifestações da cultura corporal que carregam em si, sentidos e significados atribuídos por aqueles que delas participam. Contemplam atividades lúdicas e de organização cultural que estejam atentas aos desejos e necessidades dos sujeitos. Nessa linha, a dimensão da objetividade e da subjetividade, tanto a biologia como o contexto e o envolvimento social, por exemplo, constitui e transforma os sujeitos em uma relação dialética de atribuição de sentidos.

O estudo de Carvalho e Manoel (2015) coloca que o conceito de Prática Corporal pode ser um contraponto para o entendimento de Atividade Física, pois parte do en-





tendimento do corpo não como um objeto, mas como corpo vivido, levando em consideração as desigualdades sociais sem saúde. Bagrichevsky e colaboradores (2013) demonstram como as Práticas Corporais têm ocupado o universo da Atenção Primária no Brasil quando analisam duas iniciativas públicas de programas de fomento às práticas corporais/atividades físicas a partir das condições de vida e das características da população dos bairros envolvidos. A análise de programas de fomento a práticas corporais/atividades física foi tema ainda dos estudos de Warschauer e Carvalho (2014), Warschauer e D'urso (2009) e Moretti *et al* (2009).

Outro modo de mobilizar o termo está na produção de sentidos e, portanto, para efeitos desse ensaio, da construção pedagógica que está associada ao uso no cotidiano dos serviços. A pesquisa realizada por Pimentel, Oliveira e Pastor (2008) busca compreender a partir das representações sociais, como pode ser evidenciada a contribuição das Práticas Corporais no processo de recuperação e reinserção na sociedade de mulheres dependentes químicas. Já o estudo de Mattos e Luz (2009), centrou seu objetivo nos sentidos e significados que indivíduos obesos atribuem às Práticas Corporais de saúde realizadas em um projeto de extensão. E ainda em estudos do tipo históricos como de Cunha Júnior (2011), mobilizam o termo para analisar o desenvolvimento das Práticas Corporais em uma cidade no interior de MG, entre 1876 e 1915, através de um periódico local, concluindo que tais práticas se davam na perspectiva da educação para a saúde (higiene) e na lógica do divertimento e do espetáculo.

Outra dimensão explorada, diz respeito a produção de políticas públicas que colocam a relação promoção da saúde e Práticas Corporais como elementos a serem analisados a partir de uma perspectiva que supere o corpo biológico. Luz (2013) já nos alertava para a reprodução, no que diz respeito ao conteúdo das políticas de saúde, de conteúdos coincidentes às produções da ciência moderna, identificando as instituições de produção de políticas como “instituições médicas”. Aqui, ressaltamos a “ocupação” das políticas pela lógica da ciência médica e, portanto, um efeito pedagógico de produção de indivíduos, com saberes e poderes incidindo sobre o corpo, conforme a produção foucaultiana (FOUCAULT, 2018).

Como exemplos de estudos com outras dimensões em destaque, temos as pesquisas de Moretti e colaboradores (2009), que problematizam processos educativos que superem a simples transmissão de conhecimentos, focando no enfrentamento das dificuldades, o fortalecimento da identidade e a incorporação de soluções criativas e saberes em saúde. Também, a análise empreendida por Mendes e Carvalho (2015), nas quais as autoras compreendem que as ações com práticas corporais/atividades física realizadas no âmbito da atenção básica são uma ferramenta de ampliação da saúde da população e, nesse contexto, propõem interlocuções entre Práticas Corporais e Clínica Ampliada, problematizando a produção do cuidado mais criativo a partir de um saber-fazer em processo e de uma experiência de cuidado produzida coletivamente.

Essas produções, embora ainda em reduzido número, começam a evidenciar que, no cenário da promoção da saúde, muito mais do que informar a população, é preciso compreender as diferentes dimensões (micro e macro sociais) que envolvem os indivíduos e comunidades com as Práticas Corporais como isso se relaciona com a saúde e, ao fazê-lo, dar visibilidade à diversidade de formas de produzir saúde e de colocar o corpo



em cena. Por isso, colocar na roda esta discussão e fomentar as pesquisas que investigam as relações sociais das Práticas Corporais no campo da saúde, contribuem na produção e implementação de políticas de saúde que contemplem a diversidade e a realidade local e, mais do que isso, que produzam a diversidade, em oposição à produção de identidades normais/normalizadas. Novamente, interessa destacar uma produção pedagógica, mais do que o operacional do cuidado, de reconhecer a diversidade e torná-la capaz de ensinar na cena do cuidado.

Em um ensaio sobre a educação permanente em saúde, Ceccim e Ferla (2008) falam da capacidade de aprender no cotidiano do trabalho em saúde como aprendizagem significativa e também como travessia de fronteiras, onde o que já se sabe e o que se aprende em ato constituem-se em diferentes platôs para o cuidado, para a gestão, para a participação e também para a educação na saúde. Ou seja, não há subordinação entre o trabalho no cotidiano e as “evidências da ciência”; tampouco um retorno ao empirismo medieval. Há sim uma nova aliança entre a teoria e a prática, a técnica e a experiência vivida no cotidiano, em que uma e outra tem potência de falsear-se. Algo próximo do que Deleuze afirma como relação de transversalidade (e não de aplicação) entre teorias e práticas, em conversa com Foucault: o desenvolvimento das teorias encontra uma espécie de muro e é preciso a prática para explodi-lo; ao fazê-lo, teoria e prática se deslocam, se modificam e se atravessam (FOUCAULT, 2018). É a essa transformação com deslocamento que referimos como aprendizagem: deslocamento a um novo platô, em que se desenvolve a teoria e a prática, mas que também produz mudança nos atores envolvidos nas cenas do cuidado.

Aprendizagem como transformação, pelo contato com o outro; produção de alteridade como aprendizagem. Há aqui uma pedagogia nômade operando, que gera aprendizagem com a diferença, tomada como alteridade. Mas há também a afirmação do diverso, a produção de imagens onde o diverso (o que foge à normalidade biomédica) não é objeto de extermínio. Ao invés de inscrever sobre os corpos marcas identitárias, a aprendizagem e o cuidado tratam de produzir singularidades, compreendendo a produção de saúde como desenvolvimento de autonomia do andar a vida das pessoas e coletividades.

### ***Integralidade e práticas corporais: por uma pedagogia da diversidade***

O debate proposto acima se aproxima, em parte, da produção epistemológica sobre a integralidade no cuidado. Integralidade é o eixo organizativo de práticas de gestão das ações em saúde, que tem na garantia do acesso aos níveis de atenção centrados nas necessidades das pessoas o seu principal desafio (PINHEIRO, FERLA, SILVA JUNIOR, 2007). Mais do que conceito do tipo ideal weberiano, a integralidade tem operado como ideia-força, como nos alerta Ruben Mattos, deslocando os platôs de formulação, mas também buscando singularizar o cuidado e, mais do que isso, tornando a cena do cuidado espaço e tempo de aprendizagem pela diversidade (MATTOS, 2004)

Essa compreensão descola o cuidado em saúde das práticas de ordem biopolítica, crítica frequente da ação da biomedicina sobre o corpo e a existência das pessoas, conforme nos alerta Michel Foucault e os analistas que têm sua produção como base. Essa abordagem é importante, como analisadora, do sistema de saúde atual, com ampliação



e diversificação de serviços. Não é apenas e necessariamente uma máquina de produção identitária e de governamentalidade o que se verifica na expansão do sistema e dos serviços. Há produção de outras formas de vida, ao mesmo tempo em que iniciativas confirmam a analítica inicial do filósofo.

A diversificação dos serviços e das redes que têm sido produzidas a partir da Atenção Básica atualmente no país, como exemplo, ampliando a abrangência dos serviços e expandindo a complexidade das ações para alcançar padrões mais adequados de cuidado, mostra que esse eixo de iniciativas não esgota as necessidades de saúde das pessoas e, sobretudo, a unidade de análise “serviços” não é suficiente para compreender a implementação de políticas no âmbito local. Não basta oferecer um cardápio ampliado de ações ou ampliar os serviços disponíveis às pessoas, ou ainda um cardápio de atividades dentro dos serviços de saúde para alcançar a integralidade. Para que a integralidade se efetive, a organização dos serviços, os conhecimentos e práticas de trabalhadores de saúde e as políticas governamentais com participação da população na sua formulação devem ser analisadas com base nas necessidades de saúde de pessoas ou grupos, mas também as redes de diálogo que essas práticas produzem com os diferentes atores e com a realidade local (PINHEIRO, FERLA, SILVA JUNIOR, 2007). Isso não é diferente em relação ao conjunto de ofertas que envolvem as atividades de Práticas Corporais e suas conexões com as demais ofertas no interior dos serviços e sistemas.

Além disso, satisfazer as demandas e necessidades em saúde das pessoas torna ainda mais complexo o trabalho na Atenção Básica por ser o local de entrada<sup>2</sup> de problemas ainda não estruturados. A palavra “complexidade” relacionada aos serviços de saúde não está associada, nesta análise, à sofisticação tecnológica, como no linguajar próprio da gestão, onde a densidade técnica e tecnológica é, muitas vezes, considerada “de alta complexidade”. No caso deste estudo, essa leitura significará tão somente densidade tecnológica, reservando a expressão “complexidade” à dinâmica de multideterminação e heterogeneidade características do campo da saúde, em partículas e territórios de diversidades sociais, econômicas, políticas e culturais (FERLA, 2005). Problemas de saúde no âmbito local, nos serviços de atenção básica e nos territórios de vida e produção de saúde das pessoas, a capacidade explicativa da ciência disciplinar é sempre restrita, uma vez que problemas similares têm arranjos de causação diversos e respondem diversamente às ações ofertadas com base em especialidades e técnicas puras.

A compreensão adequada da complexidade está associada ao suprimento das necessidades em saúde e está pautada na taxionomia de necessidade de saúde que engloba vários aspectos nesta temática, elaborados “a partir das diferentes vertentes teóricas das Ciências Sociais que deságuam na constituição do Campo da Saúde Coletiva” (CECÍLIO, MATSUMOTO, 2006, p. 39). Para os autores, as necessidades em saúde têm tradução em quatro dimensões: necessidade de boas condições de vida; garantia de acesso a todas as tecnologias que melhorem e prolonguem a vida; necessidade de ter vínculo com um profissional ou equipe (sujeito em relação); necessidade de autonomia e autocuidado na

2 Os ‘locais de entrada’ no Sistema Único de Saúde dizem respeito aquela unidade de saúde dentro das comunidades, como por exemplo, postos de saúde, no qual os usuários tem os primeiros contatos na busca por serviços de saúde, exceto quando em necessidade de emergência.



escolha do modo de “andar a vida” (CECÍLIO, MATSUMOTO, 2006). Essa taxonomia auxilia no entendimento das relações de grande complexidade entre a saúde, o cuidado e o cotidiano da vida das pessoas e coletividades, na compreensão da dinâmica dos diferentes atores, na compatibilidade com as necessidades percebidas pelos usuários do sistema de saúde e portanto, como marcador analítico da integralidade na implementação desta política. Sobretudo, auxilia na percepção da irredutibilidade da saúde ao conhecimento disponível sobre as doenças e as técnicas de abordagem produzidas, com destaque, no contemporâneo.

Evidente que a complexidade assim compreendida, requer dos processos de trabalho no interior dos serviços uma “inteligência clínica” maior do que a simples aplicação de técnicas e procedimentos, mas a gestão do contexto do cuidado com base numa compreensão ampliada e na aprendizagem permanente, a partir de redes de saber que envolvem o conhecimento técnico e científico, mas que se amplia para os saberes dos demais atores e aprendizagem em ato. Quando se fala, aqui, em Práticas Corporais em lugar de atividade física, compreensão ampliada similar à descrita acima é posta em campo.

### ***Práticas corporais, a produção de sentidos e singularização***

O entendimento do referencial teórico das Práticas Corporais é relevante na construção de políticas públicas de saúde, especialmente no campo da Saúde Coletiva. Desse modo, torna-se primordial o levantamento de elementos que permitam produzir, tanto quanto aprimorar, as políticas públicas de saúde, bem como as diferentes ações relativas ao cuidado em saúde, embasado nas produções que se utilizam de uma compreensão sobre o movimento humano que supere a lógica dos índices apenas biológicos e contemplem outras dimensões. Nessa linha, em relação à prática de exercícios físicos, programas que envolvam diferentes pessoas e diferentes comunidades, também precisam levar em consideração as diferentes experiências que produzem esses sujeitos. Observar os programas de saúde sob a ótica da experiência é pensar que o sujeito se envolve em distintas Práticas Corporais, como indivíduo social e não apenas “corpo biológico”.

Entendendo que o elemento central no cuidado em saúde é a pessoa, é necessário ir além às investigações acerca do cuidado com o corpo, especificamente em relação à prática de exercícios físicos, pois é através do corpo que o indivíduo expressa e (re)significa as diferentes experiências (SILVA et al., 2009). A lógica médico-hegemônica da cultura ocidental (LUZ, 2005), que estabelece exercícios, séries, frequência, carga, pausas, e etc. como elementos essenciais para um cuidado em saúde bem sucedido, deve ser, portanto, visto a partir de outras perspectivas. O foco no cuidado em saúde, entende o indivíduo para além do procedimento pautado pela “precisão científica” da atividade física. Nesse sentido, o entendimento de Práticas Corporais embasado nas ciências humanas e sociais, é utilizado para compreender as manifestações culturais de movimento corporal e, conseqüentemente, o envolvimento dos indivíduos com essas manifestações a partir da dimensão da experiência. Desse modo, o termo “Práticas Corporais” está ligado à humanização e às diversas subjetividades. Para Carvalho (2010), apesar de entender as Práticas Corporais como “tecnologias do cuidado”, não podemos perder de vista a dimensão não tecnológica dessas práticas. Essa dimensão diz respeito à capacidade de os

profissionais de saúde perceberem que nem sempre a condução de uma prática motora voltada para a saúde, dentro de uma percepção ampliada de saúde onde é levada em consideração a subjetividade do indivíduo, está relacionada à sistematização das práticas corporais ou ao direcionamento da prática guiado por alguma diretriz de aprendizagem motora. Muitas vezes, em situações de produção de algum sentido relativo ao movimento corporal no cotidiano do trabalho das equipes de saúde em uma comunidade, as propostas podem ser executadas de forma livre, como por exemplo, fazer uma festa para que as pessoas dançam, do jeito que for possível, ou ainda, propor uma caminhada que tenha duração de 5 minutos, mas que crie vínculo, que provoque encontros, que aposte em um cuidado mais efetivo que ainda está por vir. Há aqui um enfoque pedagógico e sanitário que produz sentidos e aprendizagens com o corpo e evidencia outras saúdes para aquela normatizada pelo saber biomédico.

No que se refere ao cuidado com o corpo, é possível viabilizar outros modos de pensar, fazer e sentir o movimento e a gestualidade como expressão de sentidos e significados. Essa ideia também se reafirma no conceito de que a Saúde Coletiva é conhecida como um campo “de saberes e práticas que toma como objeto as necessidades sociais de saúde, com intuito de construir possibilidades interpretativas e explicativas dos fenômenos relativos ao processo saúde-doença, visando ampliar significados e formas de intervenção” (CARVALHO, 2007, p.20). Wachs nos lembra que o cuidado exige muito mais que dominar as técnicas e é necessário “saber quando e como intervir e assumir um compromisso ético-clínico-político com o usuário e com a resolutividade de sua condição de adoecimento” (WACHS, 2017, p.348). Não há aqui a lógica da sedação do sintoma como prioridade para o cuidado, mas identificar e produzir potências de vida com autonomia no corpo, reinventando-o.

Podemos superar os parâmetros biológicos e estatísticos, para compreender a relação do indivíduo com as diferentes Práticas Corporais. Não se trata apenas de fazer com que os sujeitos atinjam o volume mínimo recomendado de atividade física simplesmente aumentando o gasto energético, mas sim, de potencializar o acesso à direitos como, por exemplo, o lazer e um envolvimento maior dos indivíduos e comunidades com espaços de construção coletiva de melhores condições de vida (GONZÁLEZ, 2015). Fernando González publicou um estudo que evidencia a relação entre o envolvimento com práticas e os marcadores sociais, de modo que, é preciso ponderar recortes como idade, gênero, nível de escolaridade, renda e classe social ao codificar os sentidos atribuídos ou os índices de adesão a atividade física (GONZÁLEZ, 2013).

Os sentidos e significados atribuídos a uma prática corporal, portanto, perpassa diferentes dimensões da experiência dos indivíduos com o mundo da vida. A experiência na infância e adolescência de relação com o corpo e as diferentes práticas com as quais tiveram acesso (ou não), ou as possibilidades consumo e relativas a tempo para vincular-se a uma determinada rotina de exercícios, são exemplos dessas dimensões. A complexidade da experiência e, portanto, desses sentidos e significados, são elementos essenciais para compreender em nível micro, o que é proposto em nível macro.

Para Tolfo e Piccinini (2007) os estudos acerca da temática dos sentidos e significados vêm sendo desenvolvidos por diferentes campos de investigação, mas sua maior parte, no campo da psicologia. A palavra sentido pode ser adotada como sinônimo de signi-



ficado, mas para este trabalho, o uso das duas expressões está ligados às representações subjetivas, culturais e sociais que os indivíduos possam referir, como a exemplo do trabalho de Carvalho e Luz (2009) que discute acerca dos sentidos e significados construídos nas práticas de saúde e as explora como concepção de percepção como construção social. A singularidade do ator “usuário”, permite compreender não apenas os sentidos atribuídos, como também construir cenários de sua intervenção na própria política.

### *Considerações finais*

A compreensão do campo epistemológico em torno das práticas em saúde, promoção da saúde, corpo, Práticas Corporais, cultura, integralidade e de outros elementos disparadores da discussão neste trabalho apoiam o direcionamento do olhar sobre os cenários e não sobre eventos isolados como comumente acontece com os estudos epidemiológicos. Acreditamos que este olhar também apoia o avanço do monitoramento das políticas e as resignificações que acontecem nas práticas em saúde. A conexão entre educação física e saúde, como campos de conhecimentos e práticas, têm potência forte para problematizar o cuidado como aplicação de técnicas e produzir a singularidade dos corpos e padrões ampliados de autonomia. A ampliação de iniciativas de associação de atividades físicas no cuidado em saúde, em particular na atenção básica, dá oportunidade relevante para refletir sobre a produção pedagógica do corpo no interior dos serviços e sistemas de saúde. Parece-nos de todo oportuno que a associação entre ambas não se esgote nos ganhos de escala e na reificação, em escala ainda maior, da vigência atual.

A ideia de que existe apenas relação causal entre atividade física e saúde e que essa aproximação torna o trabalho em saúde prescritivo é ponto a ser superado quando do planejamento e desenvolvimento das atividades que envolvem o corpo em movimento, como também, da produção de políticas públicas no campo da saúde. É fundamental que as iniciativas de Práticas Corporais divergentes dessa vigência sejam objetos de estudo e, sobretudo, de compartilhamento para o desenvolvimento de ações de cuidado embasadas na integralidade. Sobretudo, para ampliar a compreensão do corpo como dinâmica vital singular e não como estrutura identitária.

Investigações que compreendam as relações socioculturais que os usuários estabelecem tanto com a experiência de movimento corporal constituída ao longo da vida quanto com os programas e atividades que colocam o corpo em movimento no cuidado em saúde, são importantes para que haja uma dobra nos questionamentos sobre as atividades físicas e práticas corporais na produção do cuidado em saúde que, muitas vezes, passam a operar mais na lógica da micropolítica do que das prescrições.

O que afirmamos, uma vez mais, é a necessidade de que o corpo seja compreendido e constituído como singularidade e, portanto, que as diferenças de várias ordens que se expressam nos corpos de mulheres em homens que buscam o cuidado em serviços e sistemas de saúde não sejam, em princípio, objeto de normalização e disciplinamento. Mas que sejam apropriadas no cuidado como desejáveis e fomentadas, no limite até se constituírem em condições de adversidade. Para tanto, a diferença do corpo/no corpo de cada pessoa precisa tornar-se capaz de ensinar o cuidado adequado, desenvolvendo o conhecimento disponível para organizar o trabalho. Essa condição somente se expressa





por meio da abertura do corpo dos profissionais e equipes à diferença da pessoa que procura cuidados e à aprendizagem no trabalho. A diferença do outro operando como pedagogia por alteridade movimentada a integralidade na saúde e potencializa a vida como capacidade de seguir a vida, mesmo diante de condições adversas. Uma pedagogia que opere pela diferença faz a luta pela vida encontrar-se com a democracia e com a liberdade, como nos enunciados mais fortes que circularam pelo final do período de ditadura militar e a crise do período após 1964.

Atualmente, se faz necessário retomar a memória desse período, para não repetir suas práticas e para superar as marcas que a transição democrática não suprimiu, seja nos corpos que foram violentados ou mesmo naqueles que foram ensinados a banalizar a violência sobre pessoas e grupos com existências singulares. Há uma cultura que opera no convívio interpessoal e nos cenários da saúde que tende a tornar invisível ou privada a violência que opera sobre o corpo do outro no espaço social e também no cuidado. O corpo como constructo singular precisa de movimentos livres para expressar a natureza do humano e as muitas saúdes que transbordam a norma por todos os lados. A saúde precisa tornar visíveis os efeitos das violências cotidianas e alimentar processos culturais de combate ao que serializa, subjuga e confina corpos e existências de cada mulher e homem. No atual contexto de crise institucional e democrática, o corpo em movimento está sendo reivindicado como condição de saúde e como esperança democrática.

## Referências

AYRES, José Ricardo de C. M. *Epidemiologia e emancipação*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2002. 231p.

BAGRICHEVSKY, Marcos *et al.* **Desigualdades sociais em saúde e práticas corporais: um exercício singular de análise**. *Saude soc.*, Jun 2013, vol.22, no.2, p.497-510. ISSN 0104-1290

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Diagnóstico Nacional do Esporte - Desporto - Caderno I**. Brasília - DF: 2015. Disponível em: <[http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte\\_grafica.pdf](http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_grafica.pdf)>.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico - VIGITEL**. [s.l.] Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/02/vigitel-brasil-2016.pdf>>

BUENO, Alessandra. X. **Entre o fazer e o registrar da Educação Física no NASF : a relação conflitante entre a Classificação Brasileira de Ocupações e os procedimentos possíveis de registro pelo Profissional de Educação Física**. [Dissertação de mestrado] PPGCMH: UFRGS, 2012.

CARVALHO, Maria Claudia V.S.; LUZ, Madel T. Health practices, constructed meanings and senses: theoretical instruments to help the interpretative analysis. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.13, n.29, abr./jun. 2009. p.313-26.

CARVALHO, Yara M. Educação Física e Saúde Coletiva: Uma introdução. IN: LUZ, Madel T. **Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva: Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais**. 3 ed. - São Paulo: Hucitec, 2007.

CARVALHO, Yara M. **As práticas corporais como práticas de saúde e de cuidado no contexto da promoção de saúde**. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.



- CARVALHO, Yara M.; Manoel, Edison de J. **A survey of body practices and primary health care in a district of São Paulo, Brazil.** *Motriz: rev. educ. fis.*, Mar 2015, vol.21, no.1, p.75-83.
- CASTELLANI FILHO, Lino.; CARVALHO, Yara. M. Ressignificando o esporte e o lazer nas relações com a saúde. In: CASTRO, A.; MALO, M. (Org.). *SUS: ressignificando a promoção da saúde.* São Paulo: Hucitec, 2006. p. 208-222.
- CECCIM, Ricardo. B.; FERLA, Alcindo. A. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 443-456, 2008.
- CECILIO, Luis Carlos O.; MATSUMOTO, N. F. Uma taxonomia operacional de necessidades de saúde. In: PINHEIRO, R.; FERLA, A. F.; MATTOS, R. A (orgs.). **Gestão em Redes: tecendo os fios da integralidade em saúde.** Rio Grande do Sul: Rio de Janeiro: EdUCS/UFRS: IMS/UERJ: CEPESC, 2006. 112p.
- CUNHA Junior, Carlos Fernando F. da. **Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915).** *Pro-Posições*, Dez 2011, vol.22, no.3, p.51-66.
- FERLA, Alcindo A. **Saúde e doença: dois fenômenos da vida.** In: A atenção integral e a produção do cuidado em saúde. Belém: SESP, 2005. p. 10-33.
- \_\_\_\_\_. **Clínica em Movimento: Cartografias do Cuidado em Saúde.** 1a ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder.** 7a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GONZÁLEZ, Fernando. J. **Bases Sociais das Disposições Para o Envolvimento em Práticas de Movimento Corporal no Tempo Livre.** 1. ed. Porto Alegre: Orquestra, 2013. v. 1000. 569p
- \_\_\_\_\_. Práticas Corporais e o Sistema Único de Saúde: Desafios para a intervenção profissional. In: **Práticas Corporais no Campo da Saúde: uma política em formação.** Ivan Marcelo Gomes, Alex Branco Fraga, Yara Maria de Carvalho (Orgs). Porto Alegre: Rede Unida. 2015. p. 135-162. Disponível em: < <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-interlocucoes-praticas-experiencias-e-pesquisas-em-saude/praticas-corporais-no-campo-da-saude-uma-politica-em-formacao-pdf> >
- HALLAL, Pedro. C. *et. al.* Avaliação do programa de promoção da atividade física Academia da Cidade de Recife, Pernambuco, Brasil: percepções de usuários e não-usuários. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 26, v. 1, 2010, p. 70-78.
- \_\_\_\_\_. *et. al.* Time trends of physical activity in Brazil (2006-2009). **Rev Brasileira de Epidemiologia**. 2011; 14(3): p.53-60.
- KOKUBUM, Eduardo. Programa de atividade física em Unidades Básicas de Saúde: relato de experiência no município de Rio Claro-SP. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, n. 1, v. 12, 2007, p. 45-53.
- LAZZAROTTI FILHO, Ari. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 11-29, 2010.
- LUZ, Madel. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 15, n. suppl, p. 145-176, 2005.
- \_\_\_\_\_. **As instituições médicas do Brasil.** 2a ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MATTOS, Rafael da S.; LUZ, Madel T. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis [online]*. 2009, vol.19, n.2, pp.489-507.
- MATTOS, Ruben. A. A integralidade na prática (ou sobre a prática da integralidade). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p. 1411-1416, out. 2004.
- MATSUDO, Sandra M. *et. al.* Do diagnóstico à ação: a experiência do Programa Agita São Paulo na promoção do estilo de vida ativo. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, n. 3, v. 13, 2008, p. 178-189.

- MELO, Alexandre B. *et al.* Nível de Atividade Física dos Estudantes de Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 2723, 12 maio 2016.
- MENDES, Valéria M. e CARVALHO, Yara M. Sem começo e sem fim ... com as práticas corporais e a Clínica Ampliada\*. *Interface (Botucatu)* [online]. 2015, vol.19, n.54, pp.603-613.
- MERHY, Emerson. **Saúde. A Cartografia do Trabalho Vivo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- MORETTI, Andrezza C. *et al.* **Práticas corporais/atividade física e políticas públicas de promoção da saúde**. *Saude soc.*, Jun 2009, vol.18, no.2, p.346-354.
- PIMENTEL, Giuliano G. A.; OLIVEIRA, Edna R. N.; PASTOR, Aparecida P. Significados das práticas corporais no tratamento da dependência química. *Interface (Botucatu)* [online]. 2008, vol.12, n.24, pp.61-71.
- PINHEIRO, Roseni; FERLA, Alcindo A.; SILVA JUNIOR, Aluísio Gomes. A integralidade na saúde da população. **Ciência e Saúde Coletiva** [online], vol. 12, n.2, 2007 p.343-349.
- OLIVEIRA, Natália. C. *et al.* Nível de atividade física de mulheres residentes numa região de baixa condição socio-econômica do município de São Paulo-SP. **Lifestyle J**, n. 1, v. 1, 2011, p. 26-37.
- SILVA, Ana Marcia *et al.* Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, José L. C.; SARAIVA, Maria do Carmo. **Práticas corporais no contexto do contemporâneo: (in) tensas experiências**. Florianópolis: Copiart, 2009. p.10-27.
- TESSER, Charles. D.; LUZ, Madel. T. Racionalidades médicas e integralidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 1, p. 195–206, fev. 2008.
- TOLFO, Suzana da R.; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 39–46, 2007.
- TONELLI, Leonardo.; OLIVEIRA, Daniel C; BUENO, Alessandra X; FERLA, Alcindo.A. Corpo, movimento e saúde: conexões sob a ótica da complexidade. **Revista Saúde em Debate**. Rio de Janeiro. 2018. *No prelo*.
- WACHS, Felipe. Educação Física e o cuidado em saúde: explorando alguns vieses de aprofundamento para a relação. **Revista Saúde em Redes**, v. 3, n. 4, p. 339–349, 2017.
- WARSCHAUER, Marcos.; D'URSO, Lourdes. Ambiência e formação de grupo em programas de caminhada. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. suppl 2, p. 104–107, jun. 2009.
- WARSCHAUER, Marcos; Carvalho, Yara M. **O conceito “Intersectorialidade”: contribuições ao debate a partir do Programa Lazer e Saúde** da Prefeitura de Santo André/SP. *Saude soc.*, Mar 2014, vol.23, no.1, p.191-203.

## Os autores

### Alessandra Xavier Bueno

Mestre em Saúde Coletiva (UFRGS), mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva (UFRGS), Licenciada em Educação Física (UFRGS). Desenvolve estudos acerca da dimensão social do corpo, das práticas corporais e da produção da saúde.

### Alcindo Antônio Ferla

Professor Associado da UFRGS, atuando nos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFRGS) e em Psicologia (UFPA) e Mestrado Profissional em Saúde da Família (UFMS).



**Giliane Dessbesell**

Graduada em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2012), mestrado (2014) e doutorado (2018) em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Atualmente é professora de educação física da Rede Municipal de Porto Alegre/RS. Membro do grupo de pesquisa Políticas de formação em Educação Física e Saúde - POLIFES. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física; escola; currículo; práticas corporais, SUS.



## **Corpo, consumo e bioidentidades: trajetória de pesquisa e perspectivas analíticas na formação do indivíduo saudável\***

*Ivan Marcelo Gomes\*\**

### **Resumo**

O texto apresenta um relato de uma trajetória acadêmica em torno de pesquisas que tematizam a relação entre corpo, saúde e sociedade. Para tanto, apresenta como os projetos e trabalhos desenvolvidos se articulam com conceitos provenientes do campo das Humanidades. Nesta direção, são apresentados as noções de sociedade de consumidores de Zygmunt Bauman, bioidentidades de Francisco Ortega e reflexões sobre saúde em Hans Georg Gadamer. Tais conceitos são colocados em diálogo para abordar o cultivo ao corpo saudável na sociedade contemporânea, especialmente, a partir de elementos presentes em pesquisas desenvolvidas no Brasil.

**Palavras chave:** Trajetória acadêmica; Corpo; Saúde.

\* Uma primeira versão sintetizada desse texto foi apresentada originalmente na mesa redonda denominada “Educación Física y Cuerpos” no 12º Congreso Argentino y 7º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias, em 2017, na cidade de La Plata/Argentina.

\*\* Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, Espírito Santo, Brasil.  
E-mail: ivanmgomes@hotmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-0311-9651>.

## ***Cuerpo, consumo y bioidentidades: trayectoria de investigación y perspectivas analíticas en la formación del individuo saludable***

### **Resumen**

El artículo presenta un relato de una trayectoria académica en torno a investigaciones que tematizan la relación entre cuerpo, salud y sociedad. Para ello, se presentan los análisis desarrollados gracias a conceptos provenientes del campo de las humanidades, particularmente la noción de sociedad de consumidores de Zygmunt Bauman, de bioidentidades de Francisco Ortega y reflexiones sobre salud desde la perspectiva de Hans Georg Gadamer. Tales conceptos son puestos en diálogo para abordar el cultivo del cuerpo saludable en las sociedades contemporáneas, especialmente a partir de elementos presentes en investigaciones desarrolladas en Brasil.

**Palabras clave:** Trayectoria Académica, Cuerpo, Salud.

## ***Body, consumption and bioidentities: analytical research trajectory and perspectives in the training of the healthy individual***

### **Abstract**

This paper presents an academic trajectory in the of body, health and society research. To do so, it presents how is the articulation between different humanistic notions, as consumer society of Zygmunt Bauman, bioidentities of Francisco Ortega and reflections on the subject of Hans Georg Gadamer. The aim is to think health in contemporary society, especially thinking about Brazil.

**Key words:** Academic trajectory; Body; Health.





## Introdução

Tenho me dedicado nos últimos anos em torno da temática do “culto ao corpo saudável”, ou seja, de uma generalização discursiva, especialmente no campo da Educação Física, de que a felicidade, o viver bem, estariam atrelados a prática de atividades físicas e preocupações nutricionais a partir de uma noção restritiva sobre a saúde. Essa trajetória se constituiu com mais intensidade a partir da tese de doutoramento que finalizei em 2008<sup>1</sup> junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Nela, o foco estava nas proposições, no âmbito universitário e midiático, relacionadas à formação através de orientações e imperativos em torno do “viver bem”, o que denominamos de educação do indivíduo saudável.

Nas considerações finais desta tese apontávamos a necessidade de pesquisas que não se restringissem às proposições, mas que avançassem em relação ao diálogo com o universo empírico, ou seja, entendíamos a importância de interpretar como os indivíduos usavam e monitoravam tais informações em diferentes espaços sociais.

Procurei levar adiante tal empreendimento à partir de minha inserção no Laboratório de Estudos em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (LESEF/UFES) em 2009 e, posteriormente, com minha inserção em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF/UFES).

Tais condições propiciaram orientações em torno da temática<sup>2</sup> e isso foi potencializado com a participação como um dos coordenadores do projeto de pesquisa interinstitucional “Políticas de formação em educação física e saúde coletiva: atividade física/práticas corporais no SUS”, envolvendo o LESEF/UFES e os grupos de pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (POLIFES/UFRGS) e o grupo de pesquisa Educação Física & Saúde Coletiva & Filosofia da USP, entre os anos de 2010 e 2015.<sup>3</sup>

Atualmente continuo com esses interesses nas análises e interpretações das proposições e apropriações destes discursos da vida saudável com o projeto de pesquisa “A educação do corpo e em saúde nos projetos, práticas e narrativas identitárias na região metropolitana de Vitória”.<sup>4</sup> Concomitante a esse projeto, conseguimos, através de um financiamento de cooperação internacional, ampliar nossos diálogos e escopos de análi-

1 Tese intitulada “Conselheiros modernos: propostas para a educação do indivíduo saudável” sob a orientação de Selvino José Assmann e Alexandre Fernandez Vaz.

2 Já em 2012 concluí minha primeira orientação na pós-graduação no PPGEF/UFES denominada “Mais que atividade física: os usos e entendimentos da saúde entre usuários do Serviço de Orientação ao Exercício da Prefeitura Municipal de Vitória” de autoria de Michel Binda Beccalli.

3 Projeto financiado pela CAPES e pelo Ministério da Saúde através do edital nº 24/2010 Pró-Ensino na Saúde. A coordenação do projeto envolvendo as três instituições foi compartilhada com Alex Branco Fraga (UFRGS) e Yara Maria de Carvalho (USP). Para maiores informações do projeto conferir Fraga, Carvalho, Gomes (2012).

4 Projeto de pesquisa iniciado em 2016 e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) através do edital FAPES nº 04/2015 Bolsa Pesquisador Capixaba.



se à partir da parceria com a Universidad Nacional de La Plata com o projeto “Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e na Argentina: artefatos culturais e biopolítica<sup>5</sup>”.

Dentro desse panorama, um dos argumentos que acompanham meus trabalhos e algumas pesquisas que oriento junto aos alunos da pós-graduação e da iniciação científica é a de que esse tema pode ser interpretado a partir das relações entre consumo e construções identitárias na sociedade contemporânea.

Assim, neste texto, pretendo apresentar como esses elementos se articulam na sociedade de consumo com o conceito de bioidentidades, desenvolvendo um diálogo entre Zygmunt Bauman e Francisco Ortega e, ainda, como essas reflexões se materializam em pesquisas desenvolvidas no LESEF/UFES. Nesse ínterim, trago à baila uma reflexão sobre o corpo saudável num diálogo com o filósofo Hans Georg Gadamer.

### ***Consumo e bioidentidades: elementos constituintes do indivíduo saudável***

Primeiramente, vale a pena iniciar a discussão com essa longa citação de Bauman.

[...] achamos que a questão da liberdade [...] pelo menos na ‘nossa parte’ do mundo, está concluída e (descontando correções menores aqui e acolá) resolvida da melhor maneira possível; de qualquer forma, não sentimos necessidade (de novo, salvo irritações menores e fortuitas) de ir para as ruas protestar e exigir maior liberdade do que já temos ou achamos ter. Mas, por outro lado, tendemos a crer com a mesma convicção que pouco podemos mudar – sozinhos, em grupo ou todos juntos – na maneira como as coisas ocorrem ou são produzidas no mundo; e acreditamos também que, se pudéssemos mudar alguma coisa, seria inútil e até irracional pensar num mundo diferente do que existe e aplicar os músculos em fazê-lo surgir por acharmos que é melhor do que este aqui. [...] E que liberdade é essa que desestimula a imaginação e tolera a impotência das pessoas livres em questões que dizem respeito a todos? (BAUMAN, 2000, p. 9).

Esse paradoxo é analisado por Zygmunt Bauman para além da mera resignação. A reflexão sobre os dilemas contemporâneos cria possibilidades para que possamos ter alguma chance de exercer nossa liberdade. Esse conhecimento não fornece garantias de mudanças sociais, mas como lembra o autor: “Uma percepção do que faz as coisas serem o que são pode nos dispor a jogar a toalha ou nos instigar à ação” (BAUMAN, 2000, p. 10).

Esse entendimento dos indivíduos em uma perspectiva que não lhes designa à passividade e a submissão oferece um cenário no qual o paradoxo sobre a liberdade se acentua ainda mais. A capacidade de agir - tão enfatizada em tempos de livre escolha e consumo - potencializa as incertezas que os indivíduos terão que enfrentar dentro de determinados limites disponibilizados para tal fim. Para Bauman, essa liberdade apreendida em tempos atuais pelo neoliberalismo cria as condições para que o corpo se torne o centro e o foco de nossos anseios e do nosso empenho. Em outras palavras, um local

5 Projeto financiado pela Secretaria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Espírito Santo (edital Fomento à Cooperação Internacional nº 03/2016). O projeto é coordenado em parceria com o Professor Eduardo Lautaro Galak (CONICET/UNLP).



em que vislumbramos algum sentido em se empenhar para sua defesa e que almejamos algum possível sucesso na empreitada.

O corpo, e no nosso enfoque, a busca pelo corpo saudável, é, então, um elemento central nas construções identitárias contemporâneas que estão atreladas às possibilidades do agir e de escolhas em um momento de intensificação das ambivalências sociais. Seguindo o autor, a identidade não é uma essência e nem um final a ser alcançado, pois é uma tarefa sempre inconclusa em um ambiente cambiante. Entendemos que as propostas disponibilizadas na atualidade para o cultivo de corpos saudáveis passam pela seguinte reflexão baumaniana:

[...] o aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida em que as pontes entre a vida pública e privada são destruídas ou, para começar, nem foram construídas; ou, colocando de outra forma, uma vez que não há uma maneira óbvia e fácil de traduzir preocupações pessoais em questões públicas e, inversamente, de discernir e apontar o que é público nos problemas privados [...] Enquanto a arte de tradução se encontra no atual e lamentável estágio, as únicas queixas ventiladas em público são um punhado de agonias e ansiedades pessoais que, no entanto, não se tornam questões públicas apenas por estarem em exibição pública (BAUMAN, 2000, p. 10).

“Ser livre para escolher”, “cada um faz seu estilo de vida”. Essas, entre outras, são expressões rotineiras em nosso cotidiano. Saúde, qualidade de vida e liberdade se entrecruzam em anúncios, manuais de auto-ajuda, discursos políticos, propostas pedagógicas, assim como outros espetáculos integrados oferecidos na contemporaneidade, para lembrarmos aqui da expressão de Guy Debord (2006). O louvor a liberdade se entrecruza com a responsabilização individual no que se refere as ações dirigidas ao corpo e, necessariamente, publicizadas... exibidas.

É aqui que articulamos essas noções ao conceito de bioidentidades difundido no Brasil por Francisco Ortega. Esse conceito tem inspiração nas ascetes gregas, porém, com usos e efeitos inversos na atualidade. Ortega argumenta que o “[...] apelo ao auto-controle e à disciplina visa exclusivamente o controle do corpo. A nossa obsessão com o domínio do corpo, de suas performances, movimentos e taxas substitui a tentativa de restaurar a ordem moral. O corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal [...] As práticas bioascéticas fundem corpo e mente na formação da bioidentidade somática, produzindo um eu que é indissociável do trabalho sobre o corpo” (ORTEGA, 2003, p.67- 68). O autor prossegue dizendo que as “[...] práticas bioascéticas, em contrapartida, são práticas apolíticas e individualistas. Falta nelas a preocupação com o outro e com o bem comum. Perdemos o mundo e ganhamos o corpo. O interesse pelo corpo gera o desinteresse pelo mundo. A hipertrofia muscular se traduz em atrofia social [...]” (2003, p.73).

Essa estratégia, ancorada na ideia de liberdade no consumo, gera o entendimento de que o corpo é a última fronteira a ser defendida. Poderíamos pensar com Bauman em um “corpo-Pátria” na caoticidade contemporânea. Esse esforço individual ancorado em inúmeros especialistas é traduzido “na preocupação com a saúde e a perfeição corporal”.



Esse aspecto foi explorado em minha tese de doutorado. Nela, como dito anteriormente, procurei articular propostas do campo midiático e acadêmico<sup>6</sup> sobre o bem-estar individual e os estilos de vida saudáveis com as mudanças provenientes da sociedade de consumidores e as formas contemporâneas de poder sobre a vida. Trabalhamos com a ideia de que essas propostas para o indivíduo saudável são fornecidas por conselheiros – para utilizarmos a linguagem *baumaniana* – subsidiados por especialistas científicos<sup>7</sup> com a função de realizar ações e apresentar informações e “verdades” (discursos normalizadores) gerando incessantes recomendações – muitas vezes conflitantes – que impulsionam um panorama caótico de escolhas a serem individualmente realizadas. Desta forma, esta tensão de conselhos submete os indivíduos da atual modernidade a uma situação “desejante” e “opressora”. Esse paradoxo pode ser lido por meio da busca pela saúde perfeita (PERRUSI, 2001; LE BRETON, 2003), que coloca os indivíduos diante de diversas (e sempre renovadas) escolhas mercantis para seu deleite e, no mesmo instante, os alerta de que uma escolha errada será de sua exclusiva responsabilidade.

Nas análises verificamos uma semelhança geral entre as duas propostas, ambas baseadas em um ideal de felicidade caracterizado pela ponderação em relação aos excessos modernos e contemporâneos e de uma atitude individual e individualista no tocante ao próprio corpo, com o intuito de o defender – e de o atacar, se for preciso – e o amar ostensivamente.<sup>8</sup> Isso também nos permitiu mostrar como os conselhos acadêmicos e midiáticos fornecem modos de “viver bem”, mesmo estando imersos no caos da liquidez moderna. Eles representam, enquanto semelhantes, mais alguns dos conselheiros e seus conselhos, na retroalimentação proporcionada pela liquidez da vida e da sociedade. A “vida líquida”, uma das descrições das quais faz uso Zygmunt Bauman (2007) para a compreensão da sociedade contemporânea, acentua a precariedade das diferentes formas de agir, o que não necessariamente impede que novos conselheiros apareçam com seus saberes para fornecer o que deve ser feito na esfera privada. Neste sentido, focamos dois discursos normalizadores em um período de incertezas proliferantes.

6 Nesta tese, o campo de pesquisa ocorreu em dois registros vinculados às propostas para a educação do indivíduo saudável: optamos pela análise das propostas presentes no Caderno *Equilíbrio* (suplemento semanal da Folha de São Paulo) e em publicações do NuPAF / UFSC (Núcleo de pesquisa em Atividade Física & Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina).

7 Importa sublinhar que os especialistas científicos legitimam os saberes divulgados por estes conselheiros. Propiciam, assim, formas de vida com um teor universalizante (COSTA, 2004). A busca da legitimidade por meio do discurso científico promove o encontro desses campos, o que não quer dizer que seus conselhos sejam idênticos.

8 No entanto, para além dessa semelhança ou concordância, aparece também uma singular distinção: há maior pluralidade e debate teórico entre os “conselheiros midiáticos” do que entre os “conselheiros acadêmicos”. No *Equilíbrio*, são apresentadas propostas para ações individuais nas quais a noção de “escolhas” é parte fundamental para a felicidade proporcionada pelas diferentes formas de estilos de vida equilibrados. Nos diferentes saberes sobre o que é o corpo saudável – o isso e aquilo presente nas ambivalências corporais – o suplemento confere aos indivíduos a solução dos seus problemas e o alcance de uma qualidade de vida sobretudo no âmbito privado. [...] No NuPAF, as escolhas são mais restritas. A lógica do Núcleo exacerba as preocupações com os comportamentos de risco e as medidas preventivas a serem realizadas. Vale lembrar que as propostas deste grupo de pesquisa não se limitam à esfera privada, pois a atribuição da responsabilidade pelo alcance do corpo saudável também cabe ao poder público, ao Estado, ao mesmo tempo em que o aprimoramento da saúde da nação também serve como justificativa para os argumentos desenvolvidos pelo Núcleo. Talvez, possamos visualizar, com tal perspectiva acadêmica, uma atualização do higienismo, na qual os intelectuais que influenciam o debate público aparecem na forma de professores de Educação Física, os quais procuram redimir equívocos vivenciados socialmente através do modelo da “vida ativa” [...] (GOMES, 2008).



As análises da tese salientaram que as propostas midiática e acadêmica apresentaram mais semelhanças que distinções. Argumentamos que esses discursos transitam no que denominamos como uma popularização da ciência e, de forma correlata, com uma cientificização do cotidiano. As receitas especializadas para o bem-estar e a qualidade de vida apresentadas nos dois campos retrataram uma preocupação em munir indivíduos e populações, representando uma forma de manuais de auto-ajuda, o que denota uma certa lógica de consumo presente nessas propostas. Talvez, possamos perceber aí uma produção para o consumo das necessidades corporais. Várias foram as passagens em que se indicavam as maneiras mais eficazes de viver feliz de maneira saudável. Dicas nutritivas, dicas de beleza, cuidados ambientais, cuidados com a casa, conselhos para a atividade física. Todas referendadas pela ciência e por uma tentativa de se fazer compreendido por indivíduos carentes de informação, mesmo que estes saberes sejam constantemente reavaliados nos diferentes conselhos disponibilizados na sociedade de consumidores. Fato exemplar é o de que as dissertações acadêmicas do núcleo de pesquisa analisado sempre terminavam com “recomendações” a serem executadas por indivíduos, populações ou esferas governamentais e que constantemente reafirmavam suas convicções sobre a importância do estilo de vida ativo.

Mais recentemente, em investigações desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa pudemos interpretar como tais elementos se materializam em academias específicas para mulheres com alto poder aquisitivo na qual o corpo é defendido com esforço físico e cuidados nutricionais (CORREIA, 2016). A relação com o consumo foi um ponto destacado nas entrevistas com as mulheres frequentadoras deste espaço. Vários especialistas (conselheiros) são contratados por elas na oferta de serviços personalizados. Concomitantemente, podemos observar também a contratação de nutricionistas e dermatologistas que se vinculam aos discursos de juventude e beleza. Notamos também que a receptividade das alunas em relação aos serviços oferecidos se altera de acordo com o peso corporal das professoras. Desta forma, ser magro passa a ser sinônimo de profissional qualificado e exitoso implicando na credibilidade da “venda” dos serviços oferecidos. No que concerne o corpo, as interpretações das entrevistas permitiram identificar uma forma de equilíbrio de antagonismos, visto que no que tange ao corpo, “[...] por mais que as mulheres se constituam gradualmente como donas de si e protagonistas das suas transformações corporais, o poder normalizador dos modelos de corpo vai de encontro à autonomia conquistada e a edificação destas à sua maneira” (CORREIA, 2016, p.160).

Outra pesquisa analisou em estúdios de tatuagem o mercado de imagens gravadas no corpo no que outrora se vinculava à rebeldia (FIRME, 2013). No entanto, além de mera submissão dos corpos a um padrão mediado pelo consumo, interpretamos que as motivações e sensações que as tatuagens provocam pertencem às percepções de mundo dos tatuados. Como pesquisadores procuramos mapear e divulgar os inventários dos usos do e no corpo, articulando-os com suas raízes socioculturais. Além disso, os textos corporais se apresentaram polissêmicos: “[...] Estilos, formas, cores e saberes foram de muitas maneiras *incorporados*. Corpos coesos, corpos incoerentes; corpos tomados ou corpos modificados sutilmente; corpos embelezados e corpos que intencionalmente querem amedrontar” (FIRME, 2013, p.96). Mas, dialogando com Bauman, uma outra



questão ainda permanece inquietante: em uma sociedade que tem como guia o mercado neoliberal que potencializa a caoticidade do consumo e que expande as diferenças ao gosto do consumidor permite, ainda, identificar formas de transgressão nestas práticas?

Em uma investigação sobre um *reality show* intitulado “Além do Peso”, exibido pela Rede Record, pudemos refletir como em programas televisivos indivíduos obesos são submetidos à ridicularização nacional respaldada por uma suposta fraqueza de caráter exposto num corpo que deve ser desprezado (FERREIRA, 2015). Nossas reflexões se basearam nas distintas estratégias utilizadas pelo programa para controlar as medidas corporais de cada participante. A partir das análises, o estudo se concentrou em dois eixos interpretativos: os discursos do programa em relação a educação do corpo obeso e a privatização do sofrimento nos discursos do “Além do Peso”. No primeiro eixo apresentamos a tentativa de enquadramento do corpo obeso ao modelo considerado correto pelos padrões midiáticos de beleza e que se materializavam através da prática de exercícios físicos e da alimentação saudável como principais recursos na construção de um novo corpo, o que consideramos como uma prática exemplar do que denominamos anteriormente como bioidentidades. No segundo eixo “[...] enfatizamos a privatização do sofrimento vivenciado pelos participantes dentro e fora do contexto do *reality* e estabelecemos, também, uma articulação do sofrimento a um discurso de insensibilidade moderna que exalta [o cultivo ...] corporal como forma de sucesso pessoal” (FERREIRA, 2015, p.19).

Ou, ainda, em pesquisas que investigam políticas públicas instrumentalizadas através de programas virtuais que são como uma dimensão biopolítica da sociedade de controle (ABIB; GOMES, 2017), tendo em vista suas recomendações referentes ao “[...] *automonitoramento de saúde física e psíquica, verdadeiros manuais de auto-ajuda para a vida sexual, alimentar, neuronal, mas também afetiva, econômica, social etc. [...]*” (PELBART apud MAIA, 2003, p.106).

Desta forma, paradoxalmente, tamanho valor ao corpo, produz na mesma e crescente proporção mais ansiedades e desconfortos que nos impulsionam em uma corrida que nunca alcança a linha de chegada e assim: “Não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação” (ORTEGA, 2003, p.73). Em outra pesquisa desenvolvida em nosso grupo vimos que até as reivindicações sociais passam pelo corpo. Em um Coletivo de mulheres negras a luta pela sua afirmação passava pelo cultivo de uma determinada estética negra, mas balizada pelo discurso e pela prática do consumo de mercadorias direcionadas para tal público (CARNEIRO, 2017). Se pensarmos com Bauman: o discurso da liberdade no contemporâneo convive com as ambivalências corporais. O corpo negro é mais um nicho mercantil e não algo a ser desprezado.

Todas essas práticas se apoiam nas escolhas identificadas com os estilos de vida individuais e sua conseqüente responsabilização. Em torno das inúmeras possibilidades apresentadas aos indivíduos para esses cuidados é comum a seguinte recomendação: manter o equilíbrio e a moderação. Mas essa é uma tarefa árdua em tempos que exigem um olhar e uma escuta incessante em relação à saúde corporal e o bem-estar. É justamente neste ponto que pretendo inserir nesta discussão breves reflexões a partir de interpretações do livro de Hans-Georg Gadamer intitulado “O caráter oculto da saúde” publicado na Alemanha em 1993.





### *Ampliando o olhar na formação do indivíduo saudável*

Gadamer diz que “[...] a melhor maneira para entender o que seja saúde é imaginá-la como um estado de equilíbrio”. Engana-se quem considera que o autor da frase esteja defendendo uma padronização do indivíduo saudável. Esse argumento foi extraído de um texto na qual o autor realiza uma crítica à padronização efetuada pela ciência, mais especificamente à medicina moderna. Sigamos o autor:

[...] Claro que é possível estabelecer valores padrões para a saúde. Mas quando, por exemplo, se quisesse impor esses valores padrões a uma pessoa saudável, o que conseguiríamos seria, antes, deixá-la doente. Habita, pois, na essência da saúde manter-se dentro de suas próprias medidas. A saúde não permite que valores padrões, transferidos ao caso singular com base em experiências médias, se imponham, pois isto seria algo inadequado (GADAMER, 2006, p.113).

A busca de equilíbrio apontada pelo autor seria uma forma de resistência perante a cultura científica da era moderna que automatiza a vida individual. Gadamer salienta:

Agora chego a uma conclusão para todos nós [...] Todos nós devemos tratar de nós mesmos. A meu ver, trata-se do trágico destino de nossa civilização moderna o fato de o desenvolvimento e a especialização de ser-capaz-de-fazer científico e técnico terem paralisado nossa força para o autotratamento. Temos de reconhecer isso no tão transformado mundo atual. Eu sei bem estimar o papel desempenhado pela medicina moderna. Ela nem sempre trata apenas de curar, mas, frequentemente, de manter a capacidade de trabalho do paciente. São coercitidades de nossa existência em uma sociedade industrial, as quais nós todos temos de aceitar (idem, p. 107).

A aposta de Gadamer volta-se então para o autotratamento que implica na tarefa de escuta de nós mesmos. Essa forma de prevenção seria decisiva em uma sociedade industrial tecnificada, visto a necessidade de “[...] *aprendermos a reavivar as forças com as quais se conserva e se recupera o equilíbrio, o apropriado, o que é para mim apropriado, o apropriado para cada um*” (GADAMER, 2006, p.107). Essa auto-escuta está articulada com o “caráter oculto da saúde”. Essa expressão *gadameriana* é explicada da seguinte forma:

Apesar de toda a ocultação, ela se revela num tipo de bem-estar e, ainda mais, quando nos mostramos dispostos a empreendimentos, abertos ao conhecimento e podemos nos auto-esquecer, bem como quando quase não sentimos mesmo fadigas e esforços – isso é saúde. Ela não se constitui numa preocupação cada vez maior consigo mesmo, dada a situação oscilante do nosso bem-estar, ou muito menos em engolir pílulas repugnantes (GADAMER, 2006, p.118).

Adiante, o autor reforça: “[...] seria quase ridículo se alguém perguntasse: ‘Você se sente com saúde?’ É que saúde não é, de maneira alguma, um sentir-se, mas é estar-aí, estar-no-mundo, estar-com-pessoas, sentir-se ativa e prazerosamente satisfeito com as próprias tarefas da vida” (GADAMER, 2006, p.118). Recentemente, finalizamos uma



pesquisa etnográfica em uma praça pública e ouvimos das pessoas que usufruíam dos equipamentos disponibilizados naquele lugar de que o motivo que estavam ali não era vinculado à saúde (PEREIRA, 2017). No entanto, foi recorrente a afirmação de que o importante era o estar junto com outras pessoas fazendo uma prática que para eles tinha sentido. Não estavam ali por uma prescrição médica, mas estar ali compartilhando atividades revelava esse caráter oculto da saúde.

Porém, se levarmos em conta as ambivalências das práticas contemporâneas, não podemos desconsiderar que o equilíbrio e “o apropriado para cada um” parece resvalar para uma nova significação e uma nova ênfase presente na sociedade de consumo. A necessidade de escuta é convertida em um auto-exame minucioso na qual a pergunta “Você se sente com saúde?” é lembrada a todo instante para os indivíduos pelos diversos conselheiros da qualidade de vida e outros dispositivos de controle.

A objeção de Gadamer frente à “preocupação cada vez maior consigo mesmo” é transformada em um imperativo da saúde, ou em outras palavras, em um lema da educação do corpo saudável. A obsessão pela saúde é um dos ícones cultivados pelos modelos visualizados na modernidade sinóptica. Desta maneira, a auto-escuta se metamorfoseia em olhar vigilante, reescrevendo assim – de maneira distinta - as preocupações de Gadamer: a saúde se baseia em um belo modelo a ser seguido. Bauman reforça este argumento ao dizer que:

[...] Os grandes e famosos (grandes porque famosos) não mais aspiram ao poder pastoral e por isso não oferecem mais instrução em matéria de virtudes públicas; o último serviço que podem prestar ao antigo rebanho é expor suas próprias vidas para que os outros admirem e também para que desejem e tentem imitá-las (BAUMAN, 2000, p.77).

Manter o equilíbrio e a moderação em tempos que exigem um olhar e uma escuta incessante em relação à saúde corporal e o bem-estar tornam-se uma tarefa árdua. Francisco Ortega contribui com esta discussão ao afirmar que:

A saúde deixou de ser a “vida no silêncio dos órgãos”, usando a expressão feliz de Leriche. Ela exige autoconsciência de ser saudável, deve ser exibida, afirmada continuamente e de forma ostentosa, constituindo um princípio fundamental da identidade subjetiva. A Saúde perfeita tornou-se a nova utopia apolítica de nossas sociedades. Ela é tanto meio quanto finalidade de nossas ações. Saúde para a vida. Mas também viver para estar em boa saúde [...] (ORTEGA, 2004, 14).

Esta exigência – de equilíbrio e de moderação - é ainda mais difícil na atualidade face aos distintos interesses que envolvem a vida. Para Pelbart a “[...] defesa da vida tornou-se um lugar comum. Todos a invocam, desde os que se ocupam da manipulação genética até os que empreendem guerras planetárias [...]” (2003, p.13).

Ortega reforça esta discussão ao apresentar a “autoperitagem” como uma característica fundamental das bioidentidades. O temor de Gadamer comentado anteriormente (“[a saúde] não se constitui numa preocupação cada vez maior consigo mesmo”) é potencializado através do discurso do risco, implicando, nas palavras de Ortega (2003, p.64-5), na “[...] constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas



comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o desvio aos riscos”. Mais adiante o autor complementa: “[...] nas modernas bioasceses e tecnologias do self, o corpo obtém um novo valor. Na sua materialidade sofre um desinvestimento simbólico: já não é o corpo a base do cuidado de si; agora o eu existe só para cuidar do corpo, está a seu serviço” (ORTEGA, 2003, p.69).

Por fim, quero ressaltar que essas reflexões compõem, no argumento aqui desenvolvido, um cenário em que as construções identitárias - bioidentitárias - estão sustentadas por uma pragmática do comprar e da descartabilidade corporal. Se pensarmos com os conceitos baumanianos, estaríamos vivendo a benção confusa da liberdade do consumo que se materializa na privatização da ambivalência corporal.

## Referências

- ABIB, Leonardo Trápaga; GOMES, Ivan Marcelo. Análise dos enunciados do Movimento 21 dias por uma vida mais saudável. In: **Anais do XX Congresso Brasileiro e VII Internacional de Ciências do Esporte**. Goiânia. XX Congresso Brasileiro e VII Internacional de Ciências do Esporte, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BECCALLI, Michel Binda. **Mais que atividade física: os usos e entendimentos da saúde entre usuários do Serviço de Orientação ao Exercício da Prefeitura Municipal de Vitória**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2012.
- CARNEIRO, Gustavo Marchetti Corrêa. **Corporeidade, consumo e identidades políticas: estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo Coletivo das Pretas na cidade de Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.
- CORREIA, Camila Rissari. **O corpo feminino no contemporâneo: compreensões a partir de frequentadoras de uma academia para mulheres de Vitória/ES**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DEBORD, Guy. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. In: DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 7ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- FIRME, Bernardo Sant’anna Medice. **Do fora à pele: notas de uma presença estranha em um estúdio de tatuagem**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2013.
- FERREIRA, Lorena Nascimento. **Reflexões sobre a educação do corpo obeso no contexto midiático: uma análise do programa “Além do Peso” na Rede Record de Televisão**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.
- FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria de; GOMES, Ivan Marcelo. Políticas de formação em educação física e saúde coletiva. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 367-386, nov. 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- GOMES, Ivan Marcelo. **Conselheiros modernos: propostas para a educação do indivíduo saudável**. Tese (Doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.



LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas,SP: Papyrus, 2003.

MAIA, Antônio Cavalcanti. Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: NOVAES, Adauto (org.) **O homem máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.77-108.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. In: **Interface – Comunic., Saúde, Educ.** vol. 8, nº14, set.2003 – fev.2004. p.9-20.

ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. In: **Cadernos Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 11(1), 2003. p.59-77.

PEREIRA, Lucas Poncio Gonçalves. A educação do corpo e saúde: os usos de um espaço público na cidade de Vitória. In: **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

PERRUSI, A. Utopia da saúde perfeita: a nova ideologia do corpo na modernidade. In: **Soma – Revista Eletrônica Multidisciplinar**. nº 1, Foz do Iguaçu, 2001.

### *Sobre o autor*

#### **Ivan Gomes**

Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC). Professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do CEFD/UFES. Bolsista Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (edital 04/2015 FAPES).

